TRÊS MESTRES ZEN

IKKYU, HAKUIN E RYOKAN

JOHN STEVENS

Tradução de Amadeu António

TRÊS MESTRES ZEN

IKKYU, HAKUIN E RYOKAN

John Stevens, 1993

Conteúdo

Prefácio
Ikkyu Sojun (1394–1481)
Hakuin Ekaku (1686–1768)
Ryokan Taigu (1758–1831)
Leituras adicionais

PREFÁCIO

Três Mestres Zen conta as histórias de vida de Ikkyu Sojun (1394–1481), Hakuin Ekaku (1686–1768) e Ryokan Taigu (1758–1831). Cada um manifestou o Zen à sua maneira. Ikkyu, radical, a "Nuvem Louca", era pouco convencional, intransigente e combativo. Atacava incansavelmente a farsa e a hipocrisia, sem esconder nada de si próprio — nem sequer a sua vida sexual — o que o torna único entre os sacerdotes zen de rosto pétreo, que normalmente disfarçam tão bem as suas emoções.

Enquanto Ikkyu denunciava o sistema de diplomas do establishment zen, rejeitando um *inka*, ou "certificado de iluminação", do seu mestre e recusando apresentar tais documentos aos seus próprios discípulos, Hakuin distribuiu mais diplomas do que qualquer outro mestre autêntico na história japonesa, usando o sistema para cultivar um pequeno exército de praticantes zen que se esforçavam por ver a sua natureza e tornar-se Budas. Grande, ousado e dinâmico, Hakuin insistia que todos — homem ou mulher, monástico ou leigo, camponês ou senhor — podiam praticar "meditação em ação".

Ryokan, em contraste, era um mestre zen gentil, recluso e apagado. Nunca foi abade; viveu tranquila e simplesmente em pequenos eremitérios, passando os dias a brincar com as crianças da aldeia, a beber *saké* com agricultores locais, em comunhão com a natureza, e a escrever poemas.

Os três mestres foram artistas da mais alta ordem, usando pincel, tinta e papel como meio de transmitir ensinamentos zen. Ao longo dos séculos, a magnífica obra artística de Ikkyu, Hakuin e Ryokan — pinceladas de iluminação — inspirou, instruiu e encantou gerações de estudantes de Zen.

Embora me tenha baseado sobretudo em fontes primárias para o material biográfico sobre Ikkyu, considerei necessário incluir um conjunto de anedotas,

entre as mais plausíveis, que se contam sobre este monge singular, para retratar a imagem de Ikkyu tão estimada pelos seus muitos admiradores. E mesmo que não sejam literalmente verdadeiras, cada história transmite uma mensagem zen importante, característica de Ikkyu. Quanto às vidas de Hakuin e Ryokan, pisamos terreno muito mais firme, graças à abundância de material autobiográfico e de relatos contemporâneos disponíveis sobre estes dois mestres. Todas as traduções aqui apresentadas são minhas.

O Zen é particular e universal. O particular de **Três Mestres Zen** diz respeito ao tempo, ao lugar e às circunstâncias; o universal é a essência do Zen revelada nas vidas e nos ensinamentos de Ikkyu, Hakuin e Ryokan. Em conjunto, apresentam uma mensagem intemporal, que pode ser apreciada por qualquer pessoa, em qualquer época.

JOHN STEVENS
Honolulu, 1992

IKKYU SOJUN

(1394–1481)

Ikkyu nasceu ao nascer do sol, no primeiro dia de 1394. Embora se dissesse que era filho do jovem imperador Go-Komatsu (1377–1433), à nascença Ikkyu foi registado como plebeu. A sua mãe, uma dama de companhia da corte e favorita de Go-Komatsu, fora injustamente expulsa do palácio pelas manobras da imperatriz ciumenta e dos seus apoiantes. Consequentemente, as circunstâncias em torno do nascimento de Ikkyu foram humildes, embora a sua biografia mais antiga afirme que, ainda bebé, "trazia os sinais de um dragão e as marcas de uma fénix".

Aos cinco anos, Ikkyu foi enviado como acólito para Ankoku-ji, um templo zen em Quioto. Aí teria assegurada uma boa educação, bem como proteção contra intrigas de funcionários da corte e generais desconfiados. Isto era importante no Japão medieval, pois até um filho bastardo do imperador — com as circunstâncias certas e apoios poderosos — podia reclamar o trono. Em Ankoku-ji, Ikkyu foi treinado nas escrituras budistas e nos clássicos da China e do Japão. Aluno brilhante, cujo génio era reconhecido por todos, Ikkyu era também uma criança viva e traquinas. Seguem-se algumas anedotas dos seus dias de acólito precoce.

Pouco tempo depois de entrar no templo, o abade ordenou a Ikkyu que apagasse as velas do altar antes de se recolher para a noite. Quando Ikkyu

voltou para anunciar que a tarefa estava feita, o abade perguntou:
— A propósito, como apagaste as velas?
— Soprando — respondeu Ikkyu.
— Nunca faças isso — ralhou o abade. — O Buda é sagrado e o hálito humano é impuro. Apaga as chamas abanando a mão ou usando um leque.

Na manhã seguinte, quando o abade entrou no salão principal para o serviço matinal, reparou que Ikkyu entoava os cânticos de costas voltadas para o altar.
— O que estás a fazer, seu pequeno tolo! — explodiu o abade.
— Disseste-me que o hálito humano era impuro e que não devia ser dirigido às imagens do Buda. Como podemos cantar sem respirar?
— Isto é diferente — murmurou o abade, sem saber o que dizer, e ordenou a Ikkyu que se virasse.

Ikkyu, porém, era irrefreável. O abade tinha grande apreço por um certo doce e guardava-o, como um tesouro, num frasco no seu quarto, avisando Ikkyu e os outros rapazes do templo:
— Este doce é benéfico para os adultos, mas se uma criança o comer morre imediatamente.

Ikkyu não se deixou enganar por um segundo e, assim que o abade se ausentou, esvaziou o frasco e repartiu o conteúdo com os amigos. Depois, Ikkyu partiu uma das taças de chá do quarto do abade. Quando o abade voltou, encontrou Ikkyu em lágrimas.
— Enquanto limpava o teu quarto venerável — soluçou Ikkyu, de forma convincente —, parti acidentalmente esta taça preciosa. Para reparar a minha terrível falta, engoli alguns dos doces envenenados. Não aconteceu nada, por isso comi-os todos, certo de que me matariam, como disseste. Infelizmente não morri, por isso, por favor, perdoa-me.

Noutra ocasião, um dos outros acólitos partiu acidentalmente a taça de chá preferida do abade enquanto limpava os seus aposentos. Aterrorizado com a fúria do abade, suplicou ao engenhoso Ikkyu que o tirasse do aperto.
— Deixa comigo — tranquilizou-o Ikkyu.

Quando o abade regressou ao templo, Ikkyu encontrou-o no átrio de entrada.
— Mestre — disse Ikkyu, em voz baixa —, muitas vezes nos ensinaste que tudo o que nasce tem de morrer, e que tudo o que possui forma material acabará por perecer.
— Sim — respondeu o abade. — São as realidades inevitáveis da vida.

— Mestre, tenho más notícias para ti — disse Ikkyu, triste. — Chegou a hora de a tua taça de chá preferida morrer.

A fama do pequeno monge inteligente chegou aos ouvidos do xogum Yoshimitsu (1358–1408), e Ikkyu foi convocado ao castelo para um encontro.
— Ouvi dizer que és bastante esperto — disse o xogum a Ikkyu. — Achas que consegues apanhar um tigre?
— Sim, meu senhor, creio que consigo — respondeu Ikkyu, com grande confiança.
— Aqui tens uma corda. Apanha aquele — desafiou o xogum, apontando para um tigre pintado num grande biombo na sala.
Sem hesitar, Ikkyu colocou-se diante do biombo, preparou a corda e gritou:
— Agora, meu senhor, por favor, faça o tigre sair!

Um certo benfeitor do templo gostava de roupa de couro, o que não é considerado vestuário apropriado para budistas. Um dia, ao aproximar-se do templo, deparou-se com um letreiro que dizia: "Artigos de couro não são permitidos no recinto do templo. Quem quebrar esta regra será severamente espancado." Reconhecendo a caligrafia do malicioso Ikkyu, o benfeitor entrou furioso, a reclamar com o monge-criança:
— E o grande tambor no salão principal? — exigiu ele. — Não está coberto de couro?
— Sim, é verdade — respondeu Ikkyu. — Mas nós batemo-lo com força de manhã e à noite. Se insistires em usar couro, receberás o mesmo tratamento.

Numa tentativa de virar o jogo contra Ikkyu, o benfeitor convidou o abade e Ikkyu para um banquete de pratos vegetarianos. Na tigela de Ikkyu, no entanto, havia um monte de peixe. Ikkyu devorou-o de imediato.
— Um momento — censurou o benfeitor. — Não sabes que os monges budistas não podem comer carne?
— A minha boca é como a Estrada de Kamakura — informou Ikkyu. — Altos e baixos, talhantes e verdureiros, todos por ela passam sem impedimento.

Determinado a levar a melhor sobre o sabichão, o benfeitor puxou da espada.
— Como é que isto passa? — perguntou, ameaçador.
— Amigo ou inimigo? — perguntou Ikkyu.
— Inimigo! — berrou o benfeitor.
— Inimigos não passam! — respondeu Ikkyu, desafiante.
— Então, amigo! — exclamou o benfeitor.
Ikkyu tossiu como se estivesse a engasgar-se.
— Desculpa, o portão acabou de fechar.

Numa história semelhante, o abade, já exausto, foi apanhado por Ikkyu a comer sopa de peixe.
— Mestre, disseste que carne era absolutamente proibida como alimento neste templo. Mas, se agora está tudo bem — disse Ikkyu, fitando a tigela —, então também quero.
— Não, não — insistiu o abade. — Para os noviços, comer carne é, de facto, um grande pecado. No meu caso, porém, estou apenas a celebrar um serviço fúnebre pelo peixe.
— Como assim? — quis saber Ikkyu.
— Eu disse-lhe: "Peixe, estás agora como um ramo seco. Mesmo que te deixe ir, nunca poderás voltar à água. Mas, se eu te tomar como remédio, poderás alcançar a condição de Buda em breve!"

No dia seguinte, Ikkyu correu para o mercado do peixe e comprou uma carpa viva. Quando estava prestes a cortá-la, o abade entrou.
— O que estás a fazer! Matar um ser vivo é dez vezes pior do que comê-lo! — exclamou.
— Não, não, ouça isto — disse Ikkyu ao abade, pegando no peixe que se contorcia. — Peixe, és como um ramo vivo. Se te deixar ir, escaparás e eu ficarei com fome. Em vez de andares a nadar na água, deixa-me apreciar-te ao jantar. Dizendo isto, cortou a cabeça do peixe e pô-la na sopa.

A sua hipocrisia exposta uma vez mais, o abade, exasperado, ficou sem palavras. Tais táticas de choque tornaram-se a marca registada de Ikkyu.

Ikkyu compôs o seu primeiro poema formal em estilo chinês — uma forma artística particularmente exigente — quando tinha apenas doze anos.

"Ervas Secas junto à Mansão"

Na desolação do outono, uma beleza abandonada
canta.
Não chegam mensageiros para a chamar de volta
à mansão.
Glória e desgraça, alegria e tristeza — tudo
ela viu.
O favor do seu senhor era superficial,
mas as ervas do abandono são profundas.

Em criança, Ikkyu podia ser cheio de brincadeiras, mas havia sempre um lado sério no seu carácter. Este poema está impregnado de pessimismo budista, um lamento sobre a impermanência das coisas, e reflete o profundo ressentimento de Ikkyu pela forma como a sua mãe fora tratada. Ikkyu parece

ter sido particularmente próximo da mãe e nunca superou a amargura causada pelo seu injusto banimento da corte. Noutro poema, composto mais tarde na vida, Ikkyu lamenta:

Uma beleza tão refinada,
de rosto pintado e empoado,
nem o próprio Buda lhe resistiria;
possui a alma da Beleza de Jade da China,
mas é no Japão que agora definha.

Para além de denunciarem o tratamento injusto dado à sua mãe, estes dois poemas revelam outra preocupação de Ikkyu: a relação, muitas vezes atribulada, entre homens e mulheres. Dada a degenerescência da época, é provável que Ikkyu tenha recebido uma iniciação precoce no amor homossexual no templo. Ikkyu perdeu o interesse por esse tipo de relação, mas a sua fascinação pelo sexo oposto manteve-se até ao último dia dos seus oitenta e sete anos.

Em 1410, horrorizado com a ganância e a corrupção dos monges mais antigos, o jovem Ikkyu, então com dezasseis anos, fugiu de Ankoku-ji. Anunciou a sua partida com este poema:

Cheio de vergonha, mal consigo conter a língua.
As palavras do Zen são subjugadas
e as forças demoníacas saem vitoriosas.
Estes monges deviam ensinar Zen,
mas apenas se gabam da história das suas famílias.

Ikkyu foi treinar com Ken'ō († 1414), um velho monge excêntrico que vivia numa cabana isolada e em ruínas, nas colinas fora de Quioto. Mais cedo na vida, Ken'ō causara escândalo ao recusar aceitar um *inka*, um certificado de iluminação, de Muin, então abade de Myōshin-ji. Naqueles tempos, tais certificados — frequentemente comprados ou obtidos de forma fraudulenta — eram essenciais para conseguir um lugar num grande templo. Assim, o acto de rebeldia de Ken'ō excluiu-o de se tornar membro do establishment zen — algo que agradava tanto a ele como ao seu único discípulo, o teimoso e determinado Ikkyu.

Ao mesmo tempo, Ikkyu estudava literatura com um monge erudito chamado Seisō. Um dia, o xogum Yoshimochi (1386–1428) apareceu no átrio de entrada do templo de Seisō e exigiu examinar um certo pergaminho que estava na posse do templo. Enquanto os outros estudantes se encolhiam num canto, Ikkyu trouxe ousadamente o pergaminho, mas recusou-se a descer ao átrio para o entregar ao xogum ou ao seu ajudante, como a etiqueta exigia. Por fim, o

próprio xogum — que já tivera confrontos com Ikkyu antes — avançou para apanhar o pergaminho. Depois de lhe lançar um olhar, devolveu-o e saiu sem mais comentários. O jovem Ikkyu foi posteriormente elogiado pela sua coragem ao enfrentar as autoridades civis arrogantes.

Ikkyu permaneceu com Ken'ō até à morte desse monge intransigente, em 1414. Depois de servir como coveiro do seu mestre e único enlutado, o desconsolado Ikkyu vagueou sem rumo por Quioto, lamentando a sua perda e tentando aliviar a dor com cânticos e meditação. Visitou a mãe várias vezes durante este período sombrio, e ela ficou tão preocupada com o seu aspeto desalinhado e o seu estado mental confuso que, em segredo, incumbiu um criado de seguir o filho nas suas deambulações.

Totalmente desesperado, Ikkyu resolveu lançar-se no lago Biwa, dizendo:
— Se sou inútil aqui na Terra, que ao menos sirva de alimento aos peixes!

Felizmente, o criado da mãe estava por perto e impediu o suicídio de Ikkyu. Depois de este se acalmar, o criado entregou-lhe uma carta da mãe, na qual ela lhe implorava que continuasse vivo por amor a ela. Escreveu também:
— A iluminação será tua um dia; por favor, persevera.

Ikkyu concordou em regressar à casa da mãe e ponderar mais profundamente o seu destino.

Decidiu procurar aceitação como discípulo de Kasō (1352–1428), um mestre considerado ainda mais severo do que Ken'ō. Estes dois rigorosos orientadores representavam bem a exigente tradição Daitō do Zen. Daitō (Shūhō Myōchō, 1282–1337), depois de alcançar a iluminação sob Daidō (Nanpō Jōmyō, 1235–1308), passara alguns anos a aprofundar a sua realização vivendo como mendigo nas imediações da Ponte da Quinta Avenida, em Quioto. Os fora-da-lei da zona gostavam de testar o fio das suas lâminas nos mendigos indefesos, mas quando ameaçaram Daitō numa noite, ele enfrentou-os com calma inabalável:

As minhas provações continuam
sem fim —
agora verei
quão firme
é realmente a minha mente.

Desarmados pela presença serena e inabalável de Daitō, os rufias deixaram-no em paz daí em diante.

Mesmo depois de o imperador Hanazono ter nomeado Daitō como primeiro abade de Daitoku-ji, em 1324, o monge manteve a sua disciplina austera,

tanto para os alunos como para si próprio. Até hoje, as "Últimas Admoestações" de Daitō continuam a ser recitadas em Daitoku-ji:

> Todos vós que viestes a este mosteiro
> da montanha, não vos esqueçais de que
> estais aqui pelo Caminho,
> não por vestes e alimento.
> …
> Aplicai-vos, ao longo do dia,
> a conhecer o incognoscível.
> Do princípio ao fim, investigai
> todas as coisas em detalhe.
> O tempo voa como uma flecha;
> não desperdiceis energia
> em trivialidades.
> Atenção! Atenção!
>
> Depois de este velho monge concluir
> a sua peregrinação, alguns de vós
> poderão presidir a grandes templos
> com edifícios magníficos e vastas
> bibliotecas adornadas de ouro e prata,
> e ter muitos seguidores. Outros
> dedicar-se-ão ao estudo dos sutras,
> a cânticos esotéricos, à meditação
> contínua e à observância rigorosa
> dos preceitos.
>
> Seja qual for o caminho, se a mente
> não estiver voltada para o maravilhoso
> e transcendente Caminho dos Budas
> e Patriarcas, a causalidade é negada
> e o ensinamento colapsa.
>
> Tais pessoas são demónios e nunca
> poderão ser meus verdadeiros herdeiros.
>
> Aquele que cuida dos seus próprios
> assuntos e clarifica a sua própria
> natureza, mesmo vivendo numa cabana
> no campo remoto, sustentando-se
> com legumes selvagens cozinhados

num velho caldeirão amolgado,
encontra a minha tradição todos os dias
e recebe o meu ensinamento com gratidão.

Quem pode levar isto de ânimo leve?
Trabalhai mais! Trabalhai mais!

No dia da sua morte, Daitō, que coxeava de uma perna, dirigiu-se ao seu membro deformado:
— Toda a minha vida te segui, mas hoje serás tu a seguir-me a mim!

Dizendo isto, forçou a perna para a posição correta de meditação, partindo o osso, que perfurou a pele.

Kasō foi também, por um breve período, abade de Daitoku-ji, embora preferisse muito mais permanecer no seu pequeno retiro perto do lago Biwa. Em contraste com a opulência e frivolidade de Daitoku-ji, o regime no retiro de Kasō punha à prova até os discípulos mais sinceros. Quando Ikkyu ali se apresentou, foi recusado de forma inequívoca. Ikkyu persistiu, instalando-se à porta durante os cinco dias seguintes, até que os abusos se tornaram físicos — o porteiro atirava-lhe águas sujas e batia-lhe com uma vassoura. Imperturbável, Ikkyu suportou quase uma semana desse castigo humilhante antes de Kasō ceder e o deixar entrar. Como membro da comunidade de Kasō, Ikkyu submeteu-se ao regime completo: trabalho manual pesado, comida escassa, pouco sono e longas horas de meditação.

Devido à sua habilidade artística, Ikkyu conseguiu algum alívio da rotina extenuante quando realizou trabalhos para lojas de Quioto, como pintar bonecas usando desenhos próprios de quimonos e fabricar saquinhos de incenso. O dinheiro que ganhava ajudava a sustentar o retiro de Kasō.

Ikkyu estudou vários *kōan* sob a orientação de Kasō, mas ficou particularmente perplexo com este, retirado do décimo quinto caso do

Portão Sem Porta (*Mumonkan*):

Quando Tung-shan [910–990] foi estudar
com Yün-men [† 949], o mestre perguntou-lhe:
— De onde vens?
— Do distrito de Ch'a — respondeu Tung-shan.
— Onde treinaste durante o Verão?
— No Mosteiro Dao, em Honan.
— Quando partiste de lá?
— A vinte e cinco de Agosto.

— Mereces sessenta golpes do meu bastão!
— trovejou Yün-men
(embora não o tenha realmente atingido).

No dia seguinte, Tung-shan regressou
e perguntou:
— Ontem disseste que eu merecia sessenta
golpes do teu bastão. Onde errei?
— Saco de arroz inútil! Porque andas
a vaguear daqui para ali?

Nesse momento, Tung-shan
alcançou a iluminação.

Um dia, quando Ikkyu estava na cidade, ouviu um menestrel cego contar a história da Senhora Giō, favorita do general do período Heian Taira no Kiyomori († 1181), mas rejeitada quando o general se apaixonou por outra beleza, Hotoke ("o Buda"). No fim, ambas as mulheres se cansaram do mundo e dos seus sofrimentos e tornaram-se monjas. Por razões claras apenas para Ikkyu, ao ouvir essa canção em particular, ele compreendeu subitamente o significado de:

"Mereces sessenta golpes do meu bastão!"

Antes deste episódio, Ikkyu chamava-se Shiken, mas Kasō ficou tão impressionado com o acontecimento que concedeu ao seu discípulo o nome budista "Ikkyu", ou "Uma Pausa", simbolizando o repouso entre a vida e a morte, a ilusão e a iluminação.

Apesar da compreensão que alcançara, Ikkyu continuou a debater-se com obstáculos físicos e mentais. Passou a meditar durante toda a noite no lago Biwa, num barco emprestado por um pescador. Numa noite de pleno Verão, em 1420, enquanto o Ikkyu de vinte e seis anos derivava sobre as águas imóveis do lago, um corvo grasnou estridentemente. Nesse instante, Ikkyu teve uma realização profunda.

Quando Ikkyu foi contar o sucedido a Kasō, o mestre troçou:
— Podes ser um arhat, mas ainda não és um mestre!

Ikkyu respondeu com indiferença:
— Ser um arhat basta-me bem. Quem precisa de ser mestre?

Kasō ficou satisfeito.
— Então, de facto, és um mestre! — disse.

Kasō exigiu também, como era costume, um "poema de iluminação", e Ikkyu produziu estes versos:

Caligrafia de Ikkyu, lendo-se "Ikkyu" (Uma Pausa)
(Museu de Arte Fujita, Japão)

O único traço do pincel para "um" funciona também como símbolo fálico, sendo o sexo um elemento essencial do Zen de Ikkyu. O poema acima do nome de Ikkyu lamenta:

O brilho de Daitō está quase extinto.
Hoje em dia, quem no Monte Ryōto [Daitoku-ji]
sabe algo sobre ele?
Daqui a mil anos, apenas os descendentes
de Tōkai [Ikkyu]
lutarão para manter o seu espírito vivo.

Durante dez anos vivi em turbulência,
fervendo de raiva, mas agora chegou o meu tempo!
O corvo ri, um arhat emerge da imundície,
e, à luz do sol de Chao-yang,
uma beleza de jade canta.

O último verso, referindo-se a mais uma beleza abandonada da China antiga, parece indicar que o Ikkyu iluminado se reconciliou finalmente com o destino da sua mãe.

Diz-se que, quando Kasō apresentou a Ikkyu um *inka*, Ikkyu atirou-o ao chão em protesto e afastou-se a pisá-lo. Kasō mandou guardar o *inka* em segurança com uma das suas principais discípulas, na esperança de que Ikkyu um dia aceitasse o documento. Muito mais tarde, quando Ikkyu soube da sua existência, pediu que lho trouxessem e rasgou-o em pedaços. Quando descobriu que os seus discípulos tinham recomposto o *inka*, Ikkyu apoderou-se do papel e queimou-o.

Apesar disso, Ikkyu permaneceu com Kasō durante vários anos após a sua experiência de iluminação. Era tão dedicado ao mestre que chegou a limpar os seus excrementos com as próprias mãos quando o doente Kasō sofreu de diarreia e se sujou. Ainda assim, os dois desentenderam-se por volta de 1426, e Ikkyu abandonou subitamente o mosteiro.

Uma das razões do conflito foi o ódio de Ikkyu por Yōsō, o outro principal discípulo de Kasō. Yōsō era bastante mais velho do que Ikkyu, mas diferente dele em tudo, e nunca conseguiram dar-se bem. Outra causa provável da partida

de Ikkyu foi o seu comportamento cada vez mais pouco convencional e errático. Kasō, por exemplo, censurou Ikkyu por ter aparecido no serviço memorial do mestre de Kasō, Gongai, com roupas esfarrapadas e sandálias de palha partidas — até o austero Kasō acreditava que se devia vestir adequadamente para honrar os mortos —, mas Ikkyu apenas resmungou:
— Estou vestido como um monge deve estar. Todos estes outros impostores estão apenas cobertos de excremento glorificado!

Após este episódio, diz-se que Kasō comentou:
— Ikkyu é o meu verdadeiro herdeiro, mas os seus caminhos são loucos.

Por essa altura, Ikkyu adotou também o hábito de "passar as manhãs nas montanhas e as noites na cidade" — praticando o Zen monástico durante o dia e um Zen boémio à noite. Acabou por ser obrigado a deixar a comunidade de Kasō.

Depois de seguir o seu próprio caminho, Ikkyu terá tido um encontro com o imperador reformado Go-Komatsu, em 1427, que pode ser interpretado como uma reconciliação entre pai e filho bastardo. Go-Komatsu solicitou e recebeu o aconselhamento de Ikkyu sobre várias questões seculares e religiosas importantes, e os dois passaram aparentemente a encontrar-se com regularidade. Ikkyu foi chamado ao leito de morte de Go-Komatsu em 1433 e recebeu várias pinturas e obras caligráficas da colecção imperial. Ikkyu, que "nunca possuíra sequer um alfinete", estimou esses pergaminhos preciosos até ao fim da vida.

Kasō morreu em 1428. O seu verso de morte foi:

Uma gota de água congela no ar.
Os meus setenta e sete anos
estão todos gastos!
A água da nascente borbulha entre as chamas.

Ikkyu esteve presente no funeral do mestre, após o qual todos os discípulos de Kasō seguiram os seus próprios caminhos. Ikkyu nunca se estabeleceu, passando o resto da vida a vaguear pela região de Quioto, autodenominando-se uma **"Nuvem Louca"**.

Uma nuvem louca, ao ar livre,
levada ao acaso, tão selvagem quanto possível!
Quem sabe onde esta nuvem se juntará,
onde o vento assentará?

O sol nasce do mar oriental
e ilumina a terra.

No início deste período, um dos poemas de Ikkyu sugere que ele poderá ter tomado uma esposa de facto (e, segundo alguns relatos, tido um filho):

Exausto dos prazeres homossexuais,
abraço a minha esposa.
O estreito caminho do ascetismo não é para mim;
a minha mente corre na direção oposta.
É fácil falar de Zen com ligeireza —
limitarei a fechar a boca
e confiar nos jogos de amor o dia inteiro.

Ikkyu passou muito tempo na movimentada cidade de Sakai, onde rapidamente se tornou favorito dos prósperos mercadores, encantados pelas suas excentricidades. Alternava estadias agradáveis nas residências dos ricos e poderosos com longos retiros em eremitérios remotos e em ruínas, dedicando-se ao treino zen à moda antiga.

Devido à sua popularidade, em 1440 Ikkyu foi chamado a servir como abade de Nyoi-an, um subtemplo de Daitoku-ji. No entanto, depressa se sentiu enojado pela farsa e hipocrisia que o rodeavam e anunciou abruptamente a sua demissão com este verso:

Dez dias neste templo e a minha mente gira!
Entre as minhas pernas, o fio vermelho estica
e estica.
Se vieres noutro dia à minha procura,
procura antes numa banca de peixe,
numa taberna de saké
ou num bordel.

O fio vermelho da paixão refere-se a um *kōan* sexual, colocado pela primeira vez pelo mestre chinês Sung-yuan (Shōgen, † 1202):

Para conhecer o Caminho com perfeita clareza,
há um ponto essencial que deves penetrar
e não evitar:
o fio vermelho da paixão entre as nossas pernas,
que não pode ser cortado.
Poucos enfrentam este problema,
pois não é fácil resolvê-lo.

Mas deves atacá-lo diretamente,
sem hesitação nem recuo,
pois de que outra forma pode surgir
a libertação?

Na sua versão mais curta, este *kōan* pergunta:
"Porque não consegue nem a pessoa mais iluminada cortar o fio vermelho da paixão?"

Ikkyu foi um dos poucos mestres zen que enfrentou diretamente o desafio de Sung-yuan:

Seguir cegamente a regra do celibato
é ser pouco mais do que um asno.
Quebrá-la é apenas ser humano.
O espírito do Zen manifesta-se
em formas tão numerosas
como as areias do Ganges.

Cada recém-nascido é fruto do laço conjugal.
Por quantos éones terão os botões secretos
florescido e murchado?

Com uma jovem beleza,
entrego-me a um ardente jogo de amor;
sentamo-nos no pavilhão,
uma cortesã e este monge zen.
Sou arrebatado por abraços e beijos
e certamente não sinto
que esteja a arder no inferno.

Para além do "fio vermelho da paixão", existia outro *kōan* sexual que a maioria dos mestres zen tendia a evitar:

Uma velha construiu um eremitério para um monge
e sustentou-o durante vinte anos.
Um dia, para testar o grau de iluminação do monge,
enviou uma jovem à cabana
com ordens para o seduzir.
Quando a jovem abraçou o monge
e perguntou: "Como é isto?",
ele respondeu rigidamente:
"Uma árvore seca entre rochas geladas;

nem um traço de calor
em três Invernos."
Ao ouvir a resposta do monge,
a velha expulsou-o
e incendiou o eremitério.
Porquê?

A reação de Ikkyu a este *kōan* foi:
— Se uma jovem bela abraçasse este monge, o meu ramo de salgueiro ressequido erguer-se-ia de imediato!

Para Ikkyu, as paixões eram a bigorna sobre a qual se forja a verdadeira iluminação.

Um monge amante do sexo — protestas!
De sangue quente e apaixonado,
totalmente desperto.
Mas o desejo pode esgotar toda a paixão,
transformando metal vil em ouro puro.

A flor de lótus
não é manchada pela lama;
esta forma de gota de orvalho,
só por si, tal como é,
manifesta o verdadeiro corpo da verdade.

Um dia, Ikkyu viajava por uma região isolada quando se deparou com uma mulher nua a preparar-se para se banhar num rio. Ikkyu parou, inclinou-se reverentemente diante dela e seguiu o seu caminho. Vários transeuntes que testemunharam a cena invulgar correram atrás de Ikkyu, pedindo uma explicação para o seu estranho comportamento.

— Um homem comum teria ficado a olhar para aquela mulher nua. Porque te inclinaste diante dos seus órgãos sexuais? — perguntaram.

Ikkyu respondeu:
— As mulheres são a fonte de onde todos os seres vieram, incluindo o Buda e Bodhidharma!

Para além de Sung-yuan, Ikkyu identificava-se de perto com dois outros mestres chineses, Lin-chi (Rinzai, † 867) e, mais particularmente, Hsü-t'ang (Kidō, 1185–1269). O Zen de Lin-chi era despojado: "Merda e mijo, e sê apenas humano; quando tiveres fome, come; quando estiveres cansado, dorme; faz-te mestre de cada situação!" Embora Lin-chi não mencionasse especificamente o sexo,

advertia os seus discípulos para não "amarem o sagrado e desprezarem o profano"; se o fizessem, nunca escapariam ao "redemoinho do *samsara*". Ikkyu levou a sério o conselho de Lin-chi: "Se tens sede", dizia ele, "sonhas com água; se tens frio, sonhas com um casaco quente; eu, por mim, sonho com os prazeres do boudoir — essa é a minha natureza."

Quando o mestre de Lin-chi lhe apresentou objetos que simbolizavam a transmissão do Dharma, Lin-chi queimou-os sem cerimónia, pois detestava o ritual e a santimónia. Ikkyu era de disposição semelhante e, certa vez, compôs um poema intitulado "Odeio Incenso". Não tinha qualquer paciência para a erudição vazia.

Um monge erudito disse a Lin-chi:
— O conteúdo do Cânone revela a natureza de Buda, não concordas?
Lin-chi respondeu:
— Ainda não arrancaste as ervas daninhas do teu jardim.

No mesmo tom, Ikkyu escreveu:

Todos os dias, os sacerdotes examinam minuciosamente a Lei
e entoam, sem cessar, sutras profundos.
Mas, antes disso, deveriam primeiro
ler as cartas de amor enviadas pelo vento e pela chuva,
pela neve e pela lua.

Lin-chi era rude e agressivo com estudantes indecisos, esmurrando-os e ensurdecendo-os com gritos que rasgavam os ouvidos. Era verdadeiramente aterrador, como Ikkyu o descreveu na inscrição que pincelou num retrato do temível mestre:

KATSU, KATSU, KATSU, KATSU!
Consoante as circunstâncias, mata ou vivifica!
Um diabo maligno de olhar penetrante
que vê com a clareza do sol e da lua.

Ikkyu considerava-se um dos verdadeiros herdeiros de Lin-chi e chamou ao seu eremitério preferido Katsurō-an, "Cabana do Burro Cego", em alusão à profecia de Lin-chi de que o seu ensinamento seria transmitido por "burros cegos" — seguidores obstinados e intransigentes do Zen, não deslumbrados pela fama e pela riqueza. Nessa tradição, Ikkyu sentia-se livre para repreender e denunciar todos os diletantes do Zen.

Ikkyu sentia-se ainda mais próximo de Hsü-t'ang, o mestre chinês de Daidō, que por sua vez ensinou Daitō, o fundador da linhagem de Daitoku-ji. Viajante e

poeta, Hsü-t'ang insistia na pureza do Zen: "A Lei do Buda consiste em fazer o que é correto e adequado, não em erguer edifícios sumptuosos e títulos vistosos." Ferozmente independente e não dependente nem de autoridades religiosas nem seculares, Hsü-t'ang chegou a ser preso por resistir a um decreto governamental que considerou injusto. O verso de morte de Hsü-t'ang foi simplesmente:

Oitenta e cinco anos,
ignorante do Budismo,
apenas avançando com constância
e sem deixar rasto no Vazio.

Os Registos de Hsü-t'ang (*Kidō roku*) eram a leitura favorita de Ikkyu. Seguem-se as "Três Frases-Pivô" de Hsü-t'ang, com o comentário de Ikkyu:

(1) "Sem visão clara, como se fazem calças de pano a partir do nada?"

Pinturas de bolos de arroz — uma piada cruel — nunca saciam a fome.
Nascido com olhos, e no entanto olhando como cego.
No salão gelado, conjura o pensamento de roupa,
e um manto dos imortais surgirá na escuridão.

(2) "Cercado por uma linha traçada na terra, como a atravessas sem a ultrapassar?"

Nunca me canso dos grandes prazeres da Primavera,
mas todos os outros têm medo de esvaziar a taça.
O céu é alcançado, o inferno desaparece.
Passo o dia entre pétalas que caem e penugem levada pelo vento.

(3) "À beira-mar podes contar a areia, mas como podes manter-te na ponta de uma agulha?"

Rasga a terra, conta a areia — grande proeza;
com poderes sobrenaturais, podes ficar numa agulha.
Eu, não passo de um monge rústico e sem talento,
e ainda assim sou descendente de Hsü-t'ang no Japão.

Em breve, Ikkyu começou a assinar as suas obras: "Ikkyu, sétima geração de encarnação de Hsü-t'ang no Japão." Deixou crescer o cabelo e usava uma barba desgrenhada, como Hsü-t'ang, e existe um retrato "Ikkyu como Hsü-t'ang" em que os dois rostos se fundem num só. Ikkyu compôs este poema em honra de Hsü-t'ang:

O abade Hsü-t'ang desprezou o mundo
e lançou fora o hábito como uma sandália inútil,
indiferente à "transmissão correcta" de Lin-chi.
Em admiração, o céu brilha e rebenta em canto.

Depois de Ikkyu ter fugido de Nyoi-an, desgostoso, em 1440, promulgou o seu Zen dinâmico e excêntrico, ao estilo Lin-chi—Hsü-t'ang—Ikkyu, em Quioto e nas zonas rurais em redor. Num Dia de Ano Novo (que era também o seu aniversário), Ikkyu espetou uma caveira num bambu e desfilou pela cidade a gritar:
— Cuidado, cuidado!

Quando os habitantes festivos o repreenderam por tentar estragar o feriado, Ikkyu retorquiu:
— Lembranças da morte não devem estragar a celebração.

E acrescentou:
— Eu também estou a celebrar.

E recitou este poema:

De todas as coisas,
não há nada
mais feliz
do que esta
velha caveira
batida pelo tempo!

Lema de Ikkyu: "Entrar no reino do Buda é fácil; entrar no reino do diabo é difícil." *(Museu de Arte de Okayama, Japão)*
O sentido do lema é que qualquer um pode ser santo na companhia dos Budas, mas o verdadeiro desafio é alcançar o despertar no meio do tumulto, do sofrimento e da paixão do mundo.

— Se compreendes e aceitas isto, então podes realmente celebrar o Ano Novo! — advertiu Ikkyu.

Quando esteve em Sakai durante um ano, Ikkyu trazia consigo uma espada de madeira para todo o lado.
— Porque fazes isso? — perguntavam as pessoas. — Espadas servem para matar e não é nada apropriado um monge andar com uma.
Ikkyu respondeu:
— Enquanto esta espada está na bainha, parece verdadeira e as pessoas ficam impressionadas; mas se for desembainhada e se revelar ser apenas um pau,

torna-se motivo de riso — é assim que o Budismo está hoje: esplêndido por fora, transparente por dentro.

Certa vez, um mercador rico convidou vários abades e sacerdotes famosos para um banquete de pratos vegetarianos. Quando Ikkyu apareceu com o seu hábito gasto e o chapéu de palha esfarrapado, foi tomado por um mendigo vulgar: mandaram-no para trás, deram-lhe uma moeda de cobre e ordenaram-lhe que se fosse embora. Na vez seguinte em que o mercador organizou um banquete, Ikkyu compareceu com vestes luxuosas. Ikkyu tirou as vestes e pousou-as diante do tabuleiro.

— O que estás a fazer? — quis saber o anfitrião.
— A comida é para as roupas, não para mim — disse Ikkyu, enquanto saía pela porta.

Todos os anos, os templos do monte Hiei arejavam a sua enorme coleção de sutras, e muitos peregrinos visitavam a montanha nesse dia para acumular mérito. Num ano, Ikkyu estava presente, mas adormeceu debaixo de uma árvore perto do templo principal, e um sacerdote aproximou-se para o repreender:

— Hoje estamos a arejar os textos sagrados! Não é lugar para sestas, seu sacrílego!

Ikkyu mexeu-se e respondeu:
— O que é melhor: Budismo impresso em papel ou Budismo em carne? Neste momento estou a arejar "Budismo em carne", por isso deixa-me em paz!

Para além de vinho e mulheres, Ikkyu adorava marisco, especialmente polvo, e compôs estes versos em honra do seu prato favorito:

Tantos braços, como Kannon, a Deusa;
sacrificado por mim, guarnecido com cidra,
reverencio-te assim!
O sabor do mar — verdadeiramente celestial!
Desculpa, Buda: este é um preceito que não consigo cumprir.

Um farmacêutico de Quioto tinha um excelente remédio para males de garganta, mas guardava a fórmula como segredo bem protegido e cobrava uma fortuna pelo medicamento. Ikkyu achou isto mesquinho e foi visitar o homem.

— Milhares de pessoas poderiam beneficiar do teu remédio — disse-lhe Ikkyu. — Não é bom pensar apenas em ti.

O farmacêutico continuou a recusar revelar a fórmula, mas, quando Ikkyu insistiu, acabou por lha dar, com a condição de Ikkyu a usar apenas para si e não

dizer a ninguém o conteúdo. Ikkyu concordou. Assim que chegou a casa, porém, pendurou um letreiro a dizer:

Atenção, pessoas com males de garganta!
Preparem a fórmula escrita abaixo
e sentir-se-ão melhor de imediato.

Quando o farmacêutico soube disto, enfureceu-se e confrontou Ikkyu:
— Prometeste que não contarias a ninguém! — gritou.
— Mas eu não falei com ninguém — protestou Ikkyu. — Só escrevi um letreiro. E ainda te fiz um grande favor: se continuasses a guardar a fórmula em segredo, acabarias no inferno. Salvei-te desse destino.

Os tempos eram caóticos, mas Ikkyu recusava retirar-se passivamente. Envolvia-se com a sociedade a todos os níveis e praticava um Zen ferozmente empenhado. Os agricultores eram espoliados por impostos excessivos e por funcionários corruptos, e Ikkyu intervinha muitas vezes em defesa deles, emitindo protestos poéticos dirigidos aos senhores locais:

Vez após vez,
a tirar e a tirar
desta aldeia;
se os deixais morrer à fome,
como é que vós vivereis?

Por vezes, Ikkyu também fazia de Robin dos Bosques. Quando um mercador rico morreu, a família planeou realizar-lhe um funeral elaborado e dispendioso, mas Ikkyu surripiou o dinheiro reservado para o funeral e distribuiu-o pelos pobres. Quando a família protestou, Ikkyu repreendeu-a, dizendo:
— Umas poucas moedas bastam para pagar ao barqueiro no rio Estige. Esse dinheiro deve gastar-se com os vivos, não com os mortos!

Ikkyu dirigiu este poema às autoridades:

"Anulem Todas as Dívidas"

Os ladrões nunca saqueiam as casas dos pobres;
a riqueza privada não beneficia o resto da nação.
A calamidade tem a sua fonte nas riquezas acumuladas
por uns poucos,
pessoas que perdem a alma por dez mil moedas.

O próprio Ikkyu conhecia bem a pobreza que era tão comum.

“Poema Trocado por Comida”

Mais uma vez vagueio por Higashiyama, faminto.
Quando se morre de fome, uma tigela de arroz vale
mil peças de ouro.
Um antigo sábio trocou a sua sabedoria
por uns poucos frutos de *lichee*,
e, no entanto, eu não consigo deixar de cantar
odes ao vento e à lua.

“Em Gratidão por uma Oferta de Molho de Soja”

Desregrado e livre, vivendo há trinta anos,
a Nuvem Louca pratica o seu próprio Zen.
Cem sabores temperam a minha refeição simples:
papa rala e chá de raminhos fazem parte
da Verdadeira Transmissão.

Em vez de ouro e prata, Ikkyu exortava os seus seguidores a adquirirem uma **“Riqueza de Cavalheiro”**:

O tesouro de um poeta é feito de palavras e frases;
os dias e os meses de um erudito perfumam-se com livros.
Flores de ameixeira à janela:
um prazer insuperável.
O estômago apertado com o frio, e ainda assim encantado
pela neve e pela lua, pela geada ao nascer do sol.

A preocupação de Ikkyu com os seres sencientes estendia-se também aos animais, e por vezes realizava cerimónias fúnebres para os animais de estimação. Quando o seu próprio pardal morreu, Ikkyu pincelou este pergaminho em memória dele:

“Venerável do Bosque”

Criei um pequeno pardal de quem gostava profundamente. Um dia morreu de repente e, tomado pela dor da perda, decidi realizar um serviço fúnebre para o meu pequeno companheiro como se fosse um ser humano. No início, chamei-lhe “Pardal Discípulo”, mas, após a sua morte, mudei para “Pardal Buda”. Por fim, atribuí-lhe o título budista póstumo **“Venerável do Bosque”**. Compus este poema como memorial:

Um corpo de Buda de dezasseis pés, púrpura e ouro,
jaz entre as duas árvores gémeas do Nirvana.

Agora liberto da falsidade, para além da vida
e da morte,
e, no entanto, presente em mil montanhas,
dez mil árvores e centenas de nascentes.

O mestre zen, terreno e sem rodeios, teve muitos confrontos com os yamabushi (ascetas que praticavam austeridades nas montanhas para obter poderes sobrenaturais). Certa vez, um yamabushi grande e moreno abordou Ikkyu e exigiu:
— O que é o Budismo?

Ikkyu respondeu:
— A verdade dentro do coração de cada um.

O yamabushi tirou então um punhal afiadíssimo e apontou-o ao peito de Ikkyu:
— Nesse caso, vamos arrancar o teu e ver.

Sem vacilar, Ikkyu contrapôs com um poema:

Abre ao meio
as cerejeiras de Yoshino
e onde encontrarás
as flores
que surgem Primavera após Primavera?

Noutra ocasião, um yamabushi encontrou Ikkyu num trilho de montanha:
— Para onde vais, venerável monge zen? — perguntou.
— Para onde o vento me levar — disse Ikkyu.
— E o que acontece quando não há brisa?
— Então faço a minha própria — respondeu Ikkyu, rindo, enquanto soprava a sua flauta de bambu.

Uma vez, Ikkyu estava num ferry quando um yamabushi o desafiou:
— Na seita Zen vocês não têm milagres como nós, nas escolas esotéricas.
— Pelo contrário — respondeu Ikkyu. — No Zen, os atos do dia-a-dia são milagres.
— É mesmo assim? — troçou o yamabushi. — Consegues superar isto?

Depois de realizar um ritual elaborado, o yamabushi conjurou na proa do barco uma imagem flamejante de Fudō Myō-ō, uma divindade protetora feroz. Ikkyu urinou de imediato sobre a visão e apagou-a.
— Este é um milagre que sai do meu próprio corpo — disse.

Nessa altura, o ferry já tinha chegado à margem, onde um cão corria de um lado para o outro, a ladrar furiosamente aos passageiros. O yamabushi, manuseando o rosário e recitando encantamentos, tentou lançar um feitiço ao cão, mas o animal continuou a ladrar. Ikkyu tirou do bolso da manga um bolo de arroz apetitoso, deu-o ao cão e fez-lhe festas na cabeça, enquanto os restantes passageiros desembarcavam em segurança.

Embora Ikkyu nunca tivesse querido alunos e até desencorajasse quem o procurava, estava, ainda assim, constantemente rodeado de discípulos que prosperavam com a austeridade e a prática pura que aprendiam com ele. Como o próprio dizia:
— O treino duro é a essência dos Budas e dos Patriarcas: os Budas fazem-se, não nascem.

Alguns, contudo, entenderam-no mal. Ikkyu tinha um discípulo que imitava os seus modos selvagens: dormia em cima do altar, entre as imagens do Buda, e usava páginas de sutras como papel higiénico. Ikkyu mandou chamá-lo e perguntou:
— Achas que és um Buda?
— Sim — respondeu o discípulo. — Somos todos Budas; foste tu que o disseste.
— Se és um Buda, então porquê usar algo tão sujo como uma página de sutra como papel higiénico? Um Buda não merece algo melhor, como papel limpo e branco? — perguntou Ikkyu. — Dá-me um dos teus versos de iluminação.

O discípulo respondeu:

Sentado em *zazen*
nas Pontes da Quarta
e Quinta Avenidas;
todas as pessoas que passam,
para mim, são apenas árvores numa floresta densa.

— Não presta! — gritou Ikkyu, e deu-lhe esta versão revista:

Sentado em *zazen*
nas Pontes da Quarta
e Quinta Avenidas;
todas as pessoas que passam,
para mim, são tal como são!

Depois disto, o discípulo deixou de imitar os modos do mestre.

Em 1444, surgiu uma séria ameaça à independência de Daitoku-ji e Ikkyu chegou mesmo a unir forças com Yōsō — a quem detestava — numa tentativa

de impedir a nomeação de Nippō (1368–1448) como abade de Daitoku-ji. Nippō pertencia à facção rival de Myōshin-ji, apoiada pelos xoguns, enquanto Daitoku-ji era patrocinado pelo imperador. Ikkyu e Yōsō chegaram a ensaiar um plano para impedir Nippō, física (Ikkyu bloquearia o portão) e psicologicamente (as suas perguntas incisivas travá-lo-iam), de assumir o cargo de abade. Os esforços foram inúteis: Nippō tinha o apoio do poderoso clã Hosokawa, homens de mão do xogum, e o usurpador de Myōshin-ji acabou por ser instalado como abade.

Os monges de Daitoku-ji continuaram, porém, a agitar contra Nippō e, em 1447, quando um deles se suicidou, vários monges foram feitos bodes expiatórios e presos. Tudo isto foi demais para Ikkyu, que se retirou para o monte Yuzuriha, jurando jejuar até à morte em protesto:

Envergonho-me de permanecer entre os vivos —
pratiquei Zen e aprendi o Caminho durante tanto tempo
e, ainda assim, toda esta imundície.
A Verdadeira Lei do Buda foi varrida
e destruída,
substituída por Reis Demónios de cem pés de altura.

O imperador Go-Hanazono (r. 1429–1464) enviou um mensageiro a Ikkyu, com este apelo:

Se o monge venerável continuar a jejuar,
tanto o Caminho do Buda como o Caminho Imperial perecerão.
Como nos podes abandonar? Como podes desertar
a nação?

Talvez por ter conseguido chamar a atenção do imperador (e porque a situação em Daitoku-ji de facto melhorou depois), Ikkyu deixou-se convencer a abandonar o jejum.

Por volta de 1450, a trégua temporária entre Ikkyu e Yōsō desmoronou-se e a antiga inimizade regressou. Vários dos discípulos idosos de Yōsō repudiaram o mestre e juntaram-se à comunidade de Ikkyu, o que lançou mais lenha na fogueira. Em 1453, um incêndio desastroso destruiu grande parte de Daitoku-ji e, quando um dos discípulos de Yōsō foi nomeado abade para supervisionar a reconstrução, a ira de Ikkyu despertou. No ano seguinte, Ikkyu e Yōsō enfrentaram-se cara a cara, com Yōsō a acusar Ikkyu de atirar "água de excremento" à face do seu mestre Kasō através do seu comportamento selvagem e da crítica constante aos herdeiros legítimos de Kasō.

Ikkyu retorquiu que os seguidores de Yōsō nunca mencionavam a fome e as dificuldades que Daitō e os outros patriarcas de Daitoku-ji sofreram na busca do verdadeiro Zen, preferindo antes demorar-se na influência que exerciam sobre aristocratas e xoguns e nos grandes edifícios erguidos em seu nome:

[Ikkyu] fala do brilho incomparável de Daitō,
mas o estrépito das carruagens reais abafa-o,
e ninguém escuta histórias dos longos anos
de fome e sem-abrigo do Patriarca
junto à Ponte da Quinta Avenida.

Depois deste confronto abusivo, nenhum dos dois homens voltou a falar com o outro, embora Ikkyū tenha continuado os seus ataques em poemas virulentos e noutras declarações públicas. Ikkyū, imagine-se, chegou mesmo a condenar Yōsō por andar com mulheres e regozijou-se quando Yōsō morreu, em 1458, do que Ikkyū afirmou só poder ter sido lepra — a justa recompensa para hereges e malfeitores. Profundamente enojado com todas as disputas com Yōsō e os seus herdeiros, Ikkyū abandonou temporariamente o Zen a partir de 1461 e juntou-se à Seita da Terra Pura durante alguns meses.

Nuvem Louca é um demónio na linhagem de Daitō,
Mas odeia estas querelas infernais.
De que servem kōan antigos e precedentes gastos?
Não vale a pena queixar-se. Vou apenas confiar
Nos meus tesouros interiores.

Quais foram as razões do ódio intratável de Ikkyū por Yōsō? Os dois foram os mais aguerridos rivais quando eram condiscípulos de Kasō, e Ikkyū sentia certamente, com muita justificação, que era muito mais talentoso do que Yōsō, que era seu sénior. No entanto, foi Yōsō quem foi publicamente reconhecido como o principal discípulo de Kasō e nomeado duas vezes abade do Daitoku-ji. O título singular de «O Sábio, Grande Mestre Zen da Grande Luz» foi-lhe também concedido pelo imperador. (Ikkyū trocou os ideogramas desse título para que passassem a ler-se «O Imundo, Ardendo em Luxúria Mestre Zen».)

Outra fonte de fricção eram os seus caracteres, diametralmente opostos: Ikkyū era mercurial, intransigente e radical; Yōsō era conciliador, cauteloso e conservador. Para Ikkyū, Yōsō, apesar de todas as honras mundanas, não passava de um fantoche eclesiástico desprovido de verdadeira inspiração e compreensão, personificando tudo aquilo que Ikkyū abominava no mundo do Zen. Ainda assim, a animosidade de Ikkyū parece excessiva e revela um defeito da sua personalidade.

Uma vez que Ikkyū viveu durante um dos períodos mais turbulentos da história japonesa — um ciclo constante de fome, peste, motins do arroz e guerras — talvez a sua intolerância seja compreensível. Para além da morte e destruição que o rodeavam, Ikkyū teve confrontos contínuos com os seus companheiros clérigos, acusando-os de perverter o Budismo em nome da riqueza e da fama. Perante um ambiente tão sombrio, em 1457 o pessimista de sessenta e três anos sentiu-se compelido a compor *Esqueletos* (*Gaikotsu*), que se tornou a sua obra mais conhecida e ainda hoje é lida e estudada:

Estas linhas finas de tinta-da-china revelam toda a verdade.
Estudantes, sentai-vos com empenho em zazen, e percebereis
Que tudo o que nasce neste mundo é, em última análise, vazio,
Incluindo o próprio eu e o rosto original da existência.
Todas as coisas emergem, de facto, do vazio.
Esta ausência original de forma é o «Buda»,
E todos os outros termos semelhantes — natureza de Buda,
Budeidade, mente de Buda, Desperto, Patriarca, Deus —
São apenas expressões diferentes do mesmo vazio.
Se compreenderdes mal isto, acabareis no inferno.

Cheio de repulsa e desejando libertar-me do reino
Do nascimento e da morte incessantes, deixei o lar
E parti em viagem. Certa noite, ao procurar um lugar
Para descansar, deparei-me com um pequeno templo solitário.
Ficava na base de uma montanha, longe da estrada principal,
Parecendo perdido numa vasta planície de repouso.
O templo erguia-se num campo de sepulturas e, de súbito,
Surgiu um esqueleto de aspeto miserável, que disse estas palavras:

Um vento outonal melancólico
Sopra pelo mundo;
A erva-das-pampas ondula,
Enquanto derivamos para o charco,
Derivamos para o mar.
Que se pode fazer
Com a mente de um homem
Que deveria ser clara,
Mas que, embora vestido com o manto de um monge,
Apenas deixa a vida passar?

Todas as coisas se tornam nada ao regressarem à sua origem.
Bodhidharma encarou a parede em meditação,

Mas nenhum dos pensamentos que lhe surgiram
Tinha qualquer realidade.
O mesmo se aplica aos cinquenta anos
Em que o Buda proclamou a Lei.
A mente não está presa a tais coisas condicionadas.

Reflexões tão profundas deixaram-me inquieto
E não consegui dormir. Perto do amanhecer adormeci
E, no meu sonho, encontrei-me rodeado por um grupo
De esqueletos, agindo como quando ainda estavam vivos.
Um esqueleto aproximou-se de mim e disse:

As memórias
Fogem
E deixam de existir.
Tudo são sonhos vazios,
Desprovidos de sentido.
Violai a realidade das coisas
E tagarelai sobre
«Deus» e «o Buda»,
E nunca encontrareis
O verdadeiro Caminho.

Ainda respirando,
Sentis-vos animados,
Pelo que um cadáver num campo
Vos parece algo
Separado de vós.

Gostei deste esqueleto — tinha renunciado ao mundo
Para procurar a verdade e passara das águas rasas
Para as profundezas. Via as coisas claramente, tal como são.
Fiquei ali deitado, com o vento nos pinheiros a sussurrar-me
Aos ouvidos e a luz da lua outonal a dançar sobre o meu rosto.

O que não é um sonho? Quem não acabará como um esqueleto?
Aparecemos como esqueletos cobertos de pele —
Homem e mulher — e desejamo-nos mutuamente.
Quando a respiração cessa, porém, a pele rompe-se,
O sexo desaparece e deixa de haver alto ou baixo.
Debaixo da pele da pessoa que agora acariciamos
Não há mais do que um conjunto de ossos nus.

Pensai bem nisto — alto e baixo, jovem e velho,
Homem e mulher, tudo é o mesmo.
Despertai para esta única grande questão
E compreendereis de imediato o significado
De «não-nascido e não-morrente».

Se pedaços de rocha
Podem servir de lembrança
Para os mortos,
Uma lápide melhor
Seria um simples almofariz de chá.

Os seres humanos são, de facto, criaturas assustadoras.

Uma única lua
Brilhante e clara
Num céu sem nuvens;
E, ainda assim, tropeçamos
Na escuridão do mundo.

Observai bem — detende a respiração, retirai a pele,
E todos acabam por ter o mesmo aspeto.
Por mais tempo que vivais, o resultado não muda
[nem mesmo para os imperadores].
Abandonai a noção de que «eu existo».
Confiai-vos às nuvens levadas pelo vento
E não desejeis viver para sempre.

Este mundo
Não passa
De um sonho fugaz,
Então por que razão temer
A sua transitoriedade?

A duração da vossa vida está fixada,
E todas as súplicas aos deuses para a prolongar
São inúteis. Mantende a mente
Focada na única grande questão
[da vida e da morte].
A vida termina na morte —
É assim que as coisas são.

As vicissitudes da vida,
Embora dolorosas,
Ensinam-nos
A não nos apegarmos
A este mundo flutuante.
Porque razão as pessoas
Esbanjam ornamentos
Neste conjunto de ossos,
Destinado a desaparecer
Sem deixar rasto?

O corpo original
Tem de regressar
Ao seu lugar original.
Não procures
O que não pode ser encontrado.
Ninguém conhece verdadeiramente
A natureza do nascimento
Nem o verdadeiro lugar de morada.
Regressamos à origem
E tornamo-nos pó.

Muitos caminhos partem
Do sopé da montanha,
Mas no cume
Todos contemplamos
A mesma lua brilhante.

Se, no fim da nossa jornada,
Não houver um lugar final
De repouso,
Então não precisamos de temer
Perder o Caminho.

Sem princípio,
Sem fim.
A nossa mente
Nasce e morre:
O vazio do vazio!

Relaxa,
E a mente

Corre descontrolada;
Controla o mundo
E poderás descartá-lo.

Chuva, granizo, neve e gelo:
Todos são diferentes,
Mas quando caem
Tornam-se a mesma água
Que corre no vale.

As formas de proclamar
A Mente são variadas,
Mas a mesma verdade celeste
Pode ser vista
Em todas e em cada uma.

Cobre o teu caminho
Com agulhas de pinheiro caídas,
Para que ninguém consiga
Localizar
A tua verdadeira morada.

Que vaidade,
Os funerais intermináveis
Nos campos de cremação do monte Toribe!
Não se apercebem os enlutados
De que serão os próximos?

«A vida é fugaz!»,
Pensamos ao ver
O fumo a elevar-se do monte Toribe,
Mas quando perceberemos
Que estamos todos no mesmo barco?

Tudo é em vão!
Esta manhã,
Um amigo saudável;
Esta noite,
Um fio de fumo de cremação.
Que pena!

Fumo vespertino do monte Toribe,
Violentamente empurrado

Para cá e para lá
Pelo vento.

Quando queimados,
Tornamo-nos cinzas;
Quando enterrados, terra.
Será que apenas os nossos pecados
Permanecem para trás?

Todos os pecados
Cometidos
Nos Três Mundos
Desvanecer-se-ão
Juntamente comigo.

Assim é o mundo. Aqueles que não
compreenderam a impermanência do mundo
ficam espantados e aterrorizados
perante tal mudança. Poucos hoje procuram
a verdade budista, e os mosteiros
estão em grande parte vazios.

Os sacerdotes de hoje são, na maioria,
ignorantes e evitam o zazen por o considerarem
incómodo; são negligentes na meditação,
concentrando-se antes em ornamentar os templos.
O seu zazen é uma farsa, e limitam-se
a mascarar-se de monges — as vestes que exibem
tornar-se-ão um dia pesados mantos de tortura.

No cosmos do nascimento e da morte,
tirar a vida conduz ao inferno;
a ganância leva ao renascimento
como espírito faminto;
a ignorância faz renascer como animal;
a raiva transforma-nos em demónios.
Seguir os preceitos conduz ao renascimento
como ser humano.
Praticar boas ações eleva-nos
ao nível dos deuses.
Acima destes seis reinos
existem os quatro níveis

dos Budas Sábios,
num total de dez reinos de existência.
Contudo, um único pensamento iluminado
revela que todos são sem forma,
sem nada entre eles,
e que não devem ser odiados,
temidos ou desejados.
A existência é percecionada
como nada mais do que
uma nuvem ténue no vasto céu
ou espuma sobre a água.
Nenhum pensamento surge na mente,
logo nenhum elemento é criado.
Mente e objeto são um só,
e, ainda assim, perfeitamente vazios.

O nascimento humano é como um fogo —
o pai é o sílex,
a mãe é a pedra,
e a faísca resultante é a criança.
O fogo acende-se com os elementos básicos
e arde até esgotar o combustível.
A união amorosa do pai e da mãe
produz a faísca da vida.
Como os pais são sem princípio,
também eles se extinguem;
todas as coisas emergem do vazio —
a origem de todas as formas.
Liberta-te das formas
e regressa ao solo original do ser.
Deste solo, a vida brota,
mas abandona também isso.

Parte uma cerejeira
E não encontrarás flores,
Mas a brisa da primavera
Faz surgir miríades de pétalas!

Sem ponte,
As nuvens sobem sem esforço
Ao céu;

Não é preciso apoiar-se
Em nada do que Gotama Buda ensinou.

Gotama Buda proclamou a Lei durante cinquenta anos e, quando o seu discípulo Kasyapa lhe pediu a chave do seu ensinamento, o Buda disse: «Do princípio ao fim não proferi uma única palavra», e ergueu uma flor. Kasyapa sorriu, e o Buda entregou-lhe a flor, dizendo: «Tu possuis a mente maravilhosa da Verdadeira Lei». «O que queres dizer com isso?», perguntou Kasyapa. «Os meus cinquenta anos de pregação», respondeu-lhe o Buda, «têm estado sempre a chamar-te, tal como se atrai uma criança para os braços com a promessa de uma recompensa».

Esta flor da Lei Budista não pode ser descrita
em termos físicos, mentais ou verbais.
Não é material nem espiritual.
Não é conhecimento intelectual.
A nossa Lei é a Flor do Veículo Único,
transportando todos os Budas do Passado,
do Presente e do Futuro.
Ela contém os vinte e oito Patriarcas indianos
e os seis chineses;
é o solo original do ser —
tudo o que existe.
Todas as coisas são sem princípio
e, por isso, abrangem tudo.
Os oito sentidos,
as quatro estações,
os quatro grandes elementos
(terra, água, fogo e vento)
têm origem no vazio,
mas poucos se apercebem disso.
O vento é a respiração,
o fogo é a animação,
a água é o sangue;
quando o corpo é enterrado ou queimado,
torna-se terra.
Mas também estes elementos são sem princípio
e não permanecem.

Neste mundo,
Todas as coisas, sem exceção,
São irreais.

A própria morte
É uma ilusão.

A ilusão faz parecer que, embora o corpo morra,
a alma perdura — este é um erro grave.
Os iluminados declaram que corpo e alma
perecem juntos.
«Buda» é vazio,
e o céu e a terra regressam
ao solo original do ser.
Deixei de lado os oitenta mil livros
das escrituras e dei-te a essência
neste pequeno volume.
Isto trar-te-á grande bem-aventurança.

Escrever algo
Para deixar para trás
É apenas mais um tipo de sonho.
Quando despertar, saberei
Que não haverá ninguém para o ler.

O Budismo de Ikkyū nem sempre foi tão sombrio e lúgubre; mesmo nos piores tempos, houve períodos inundados de luz e adornados por uma beleza sublime. Ele escreveu certa vez: «A alegria no meio do sofrimento é a marca da escola de Ikkyū».

A apreciação — o saborear — da beleza em todas as suas formas estava no cerne da mensagem de Ikkyū, e, sob muitos aspetos, ele é o padrinho das artes Zen.

Com exceção de *Esqueletos*, as obras em prosa de Ikkyū são didáticas e surpreendentemente convencionais, mas a sua poesia Zen ardente é a melhor do género. Ikkyū sabia bem que os antigos mestres Zen denunciavam a literatura e a poesia como artifícios do inferno:

Os monges de hoje estudam arduamente
Para criar uma frase elegante
E ganhar fama como poetas talentosos.
Na cabana da Nuvem Louca não há talento,

Mas há muito sabor,
Enquanto ele ferve uma taça de arroz
Num velho caldeirão amolgado.

Ainda assim, a obsessão de Ikkyū pela poesia não esmoreceu:

Bem-aventurança e tristeza; amor e ódio;
luz e sombra; calor e frio;
alegria e raiva; eu e outro.
O deleite da beleza poética
Pode muito bem conduzir ao inferno.

Mas olha o que encontramos espalhado
Ao longo do nosso caminho:
Flores de ameixeira e de pessegueiro!

A versificação estéril, o jogo de palavras engenhoso e a pretensão literária sufocam o Zen, mas os poemas «loucos» de Ikkyū eram manifestações de Zen. Ele revelou-se por inteiro no seu verso selvagem e sem freios, registando o seu êxtase e desespero, os seus amores e ódios, a sua humanidade e a sua condição de Buda, com a honestidade implacável e a franqueza direta exigidas pelo verdadeiro Zen.

A maioria dos poemas de Ikkyū foi escrita no estilo chinês de verso (*kanshi*), mas ele também compôs poesia japonesa (*waka*) e influenciou profundamente Sōgi (1421–1502), uma figura central da história da poesia japonesa, que estudou Zen com ele e assimilou o estilo de Ikkyū: refinado, mas audaz, direto e penetrante. Ikkyū pode também ser considerado o patrono do *haiku*, do *senryū* satírico e do excêntrico *kyōka*, que se desenvolveram mais tarde.

O verso encadeado — composições improvisadas em que um poeta iniciava o poema com uma forma de 5/7/5 sílabas, à qual outro poeta acrescentava um verso de 7/7 sílabas — acabou por evoluir para o *haiku*, que era o verso inicial 5/7/5 tratado de forma independente como a expressão mais curta e mais pura do Daruma (Bodhidharma) budista. Daruma (Bodhidharma), pelo discípulo de Ikkyū, Bokkei, com uma inscrição de Ikkyū.
(Museu de Arte de Okayama, Japão)

Sóbria, austera e intensa, a caligrafia aqui apresentada transmite plenamente o Zen ao estilo de Ikkyū. A inscrição refere-se ao episódio de Eka (Hui-k'e), que permaneceu dias inteiros na neve, à porta da gruta de Daruma, para provar a sua sinceridade.

Quem mais consegue aquietar a mente?
Há muito tempo Shinkō [Eka] esteve em Shōrin-ji,
Alheio à neve que se acumulava à sua volta,
Enquanto Daruma encarava a parede, sem revelar o rosto.

… verdade, um tipo decisivo do «grito Zen» que Ikkyū sempre defendeu. O exemplo de Ikkyū, na vida e na sua poesia, forneceu amplo precedente e inspiração para a sátira mordaz do *senryū* e a excentricidade do *kyōka*, o «verso louco».

No Extremo Oriente, a caligrafia é considerada a forma suprema de arte, e o trabalho de pincel de Ikkyū é incomparável pela sua intensidade e abandono selvagem. Vibra com uma energia feroz e flui como uma sucessão de rápidos, vibrante e arrebatadora. A caligrafia de Ikkyū exige total atenção do observador, e ao confrontá-la é possível captar a verdadeira profundidade do Zen da Nuvem Louca.

Ikkyū também pintava e teve um papel orientador no desenvolvimento da escola Soga. As suas severas e simples pinturas a tinta não dão tréguas ao observador, embora sejam geralmente de menor escala do que as suas obras caligráficas. Ikkyū foi o primeiro mestre a utilizar plenamente a caligrafia e a pintura como veículos de transmissão do ensinamento Zen. Seguindo o seu exemplo, a caligrafia e a pintura — sermões visuais — tornaram-se uma forma principal dos «meios hábeis» usados pelos grandes mestres para inspirar e instruir os estudantes de Zen.

Eis alguns exemplos de como a caligrafia pode tornar-se uma ferramenta Zen. Um agricultor simples e sincero veio certa vez ter com Ikkyū e perguntou-lhe:
«Alguns sacerdotes dizem-nos que, após a morte, iremos para o Paraíso da Terra Pura. Outros dizem que renasceremos, como humanos ou como animais, conforme o bem ou o mal que fizermos em vida. Qual é a verdade?»

Ikkyū escreveu este poema em *kana* de leitura fácil para o agricultor pendurar no seu *tokonoma*:

Se não havia ninguém
Antes do teu
Nascimento,
Então não há lugar algum
Para onde ir na morte.

O agricultor mandou montar a caligrafia e, todas as manhãs, meditava diante do pergaminho. Um dia, compreendeu a mensagem: vive aqui e agora e não te preocupes com o resto!

Noutra ocasião, um casal idoso que tinha uma loja de leques estava à beira da ruína, pois as vendas eram fracas, e foi pedir ajuda a Ikkyū. Ele disse-lhes: «Adotem-me como vosso filho durante alguns dias». Assim fizeram, e Ikkyū colocou este aviso à porta da loja:
«Ikkyū foi adotado por esta família e, em celebração, amanhã dará autógrafos em qualquer leque aqui comprado.»

A notícia espalhou-se como fogo em palha seca e, no dia seguinte, a loja ficou repleta de clientes. O casal vendeu, num só dia, leques suficientes para um ano inteiro, salvando o negócio.

O abade principal do monte Hiei também pediu a Ikkyū alguma caligrafia para o templo, mas Ikkyū achou-o um pouco pomposo e deu-lhe apenas um pedaço de papel com rabiscos ilegíveis. Quando o abade, educadamente, pediu algo mais grandioso e legível, Ikkyū disse-lhe para reunir todo o papel que pudesse e arranjar o maior pincel possível. Mandou então colar as folhas numa única tira gigantesca, que se estendia de um lado ao outro da montanha. Mergulhou o pincel na tinta, desceu a encosta traçando uma longa linha, voltou a molhar o pincel e subiu pelo outro lado.

«O que é que isso diz?», perguntou o abade, envergonhado.
«Ora, diz *shi*, claro», respondeu Ikkyū com uma gargalhada.
(Este símbolo é talvez o mais simples do silabário *kana* japonês.)

A influência de Ikkyū no *sadō*, o Caminho do Chá, foi profunda e duradoura. Ikkyū acreditava que a preparação e o ato de beber chá deviam funcionar como Zen em ação; e que a cerimónia do chá era mais do que um passatempo agradável ou uma oportunidade para exibir ostensivamente antiguidades dispendiosas importadas da China continental. O chá devia enraizar-se na estética Zen: *fūryū* (consciência profunda do essencial), *wabi* (beleza austera, apreço pelo natural e despojado), *sabi* (apreço pelo envelhecido e amadurecido, solitário e tranquilo) e *shibui* (gosto pelo adstringente e pelo contido). Ikkyū afirmava ainda que a cerimónia do chá deveria harmonizar o melhor do gosto chinês e japonês.

Ao ser o primeiro a encomendar cerâmica adequada à cerimónia do chá a fornos locais, Ikkyū impulsionou também o desenvolvimento da olaria japonesa. Foi mestre de Murata Shukō (1422–1502), o primeiro mestre de chá oficial do Japão, e o pergaminho de caligrafia do mestre chinês Yuanwu (Engo, 1063–1135)

que Ikkyū ofereceu a Shukō foi o que esteve exposto nos primeiros encontros de chá deste. Assim nasceu o costume de pendurar uma obra de um mestre Zen no *tokonoma* durante a cerimónia. (Esse pergaminho é ainda hoje venerado como o avô de toda a arte Zen do chá.) Shukō e o monge Jōtei (que se pensa ter sido filho de Ikkyū) transmitiram estes ideais a Takeno Jōō (1502–1555), que por sua vez os passou a Sen no Rikyū (1522–1591), patriarca das escolas modernas do chá no Japão.

O ilustre ator de Nō Konparu Zenchiku (1405–1468) estudou Zen com Ikkyū para aperfeiçoar a mente e a arte dramática. Desde então, o Zen ficou associado ao Nō: um grande ator deve captar a imobilidade perfeita no meio do movimento e harmonizar corpo e mente com o coro e o público de tal forma que todos se tornem um só. Duas peças de Nō, *Eguchi* e *Yamauba*, foram também atribuídas — sem prova conclusiva — a Ikkyū.

Ikkyū conheceu igualmente a beleza requintada do amor. O romance «maio-dezembro» entre Ikkyū e a sua amada, a jovem menestrel cega Mori. (Museu de Arte Masaki, Japão)

Por cima do seu próprio retrato, Ikkyū escreveu:

Dentro deste círculo Zen, todo o meu corpo se revela.
Esta é, na verdade, uma pintura da encarnação de Kidō.
A minha menestrel cega canta sobre o amor
E faz sorrir este velho patife —
Uma só melodia com ela sob as flores
Vale como dez mil primaveras.

Ao lado da imagem de Mori, Ikkyū escreveu o seu comovente poema sobre o romance entre ambos:

No intervalo entre
Sonhos profundos e sono leve
Flutuo e afundo —
Não há forma de estancar
O fluxo das minhas lágrimas agridoce.

A relação entre Mori e o velho abade é uma das mais celebradas da história japonesa. Quando a conheceu pela primeira vez, Ikkyū escreveu:

A mais bela e mais verdadeira de todas as mulheres;
As suas canções, a melodia fresca e pura do amor.
Uma voz e um sorriso doce que me dilaceram o coração:
Estou numa floresta primaveril de macieiras em flor.

Perdidamente enamorados, tornaram-se inseparáveis:

Todas as noites, a cega Mori acompanha-me em canto.
Sob as cobertas, dois patos-mandarins
Murmuram um ao outro.
Prometemos ficar juntos para sempre,
Mas, por agora, este velho desfruta
De uma primavera eterna.

À beira de um rio ou do mar, ou nas montanhas,
Um homem do Caminho evita fama e fortuna.
Noite após noite, nós dois, pombinhos,
Aconchegamo-nos na plataforma de meditação,
Perdidos em carícias, conversa íntima
E êxtase orgásmico.

Ikkyū teve, ao que tudo indica, uma filha com Mori e compôs este poema para ela:

Mesmo entre belezas, ela é uma pérola preciosa,
Uma pequena princesa neste mundo lamentável.
É o resultado inevitável do amor verdadeiro,
E um mestre Zen não é páreo para ela!

Enquanto a ligação de Ikkyū às artes Zen produzia frutos esplêndidos durante os seus sessenta e setenta anos, a situação sombria e desesperada em Quioto agravava-se. Na insensata Guerra de Ōnin, que durou dez anos (1467–1477), Quioto foi destruída e abandonada aos mortos. Tanto Katsura-an como Daitoku-ji arderam no primeiro ano do conflito, e Ikkyū procurou refúgio inicialmente em Shion-an, um pequeno templo que fundara, e depois noutros retiros da região. Ikkyū esteve frequentemente doente nas duas últimas décadas da sua vida, assolado por terríveis crises de diarreia.

Num completo volte-face, tanto para Ikkyū como para a instituição monástica, o iconoclasta monge «Nuvem Louca» foi nomeado abade de Daitoku-ji em 1474, aos oitenta anos de idade. Apesar do seu desprezo por monges falsos, pelo Budismo institucional e pelo formalismo Zen, Ikkyū prezava os ideais originais de Daitoku-ji e não queria que a sua presença física desaparecesse do mundo. Com todo o complexo em ruínas, a instituição monástica não tinha outra alternativa. Ikkyū estava bem consciente da contradição:

Ao tornar-me abade de Daitoku-ji

Os descendentes de Daitō quase extinguiram
A sua luz;
Após uma noite tão longa e fria,
Será difícil derreter o gelo
Apenas com as minhas canções de amor.

Durante cinquenta anos,
Um vagabundo de capa e chapéu de palha;
Agora, humilhado como um abade
De vestes púrpuras.

Ikkyū levava a sério a reconstrução de Daitoku-ji, mas não estava disposto a mudar os seus hábitos. Permitiu que o retratassem formalmente com toda a insígnia do seu cargo, mas, quando o retrato ficou concluído, acrescentou esta inscrição:

Louco a levantar um vento insano;
A vaguear durante anos por bordéis e tabernas de vinho.
Alguém aqui quer medir engenho comigo?
Podem desenhar-me a sul, a norte,
a leste — [e eu não mudarei nem um pouco]!

Ainda assim, Ikkyū conseguiu o impossível. Graças à sua vasta rede de contactos, aos seus muitos patronos e aos seus seguidores monásticos e leigos a trabalharem em uníssono, Daitoku-ji foi completamente reconstruído em sete anos.

O esforço, porém, esgotou o octogenário, que foi enfraquecendo ano após ano. Perto do fim da vida disse aos seus discípulos:
«Depois da minha morte, alguns de vós recolher-se-ão às florestas e montanhas para meditar; outros talvez bebam saké e desfrutem da companhia de mulheres. Ambos os tipos de Zen são aceitáveis, mas se alguns se tornarem clérigos profissionais, a tagarelar sobre "o Zen como Caminho", esses são meus inimigos. Nunca concedi um *inka*, e se alguém afirmar ter recebido tal coisa de mim, mandem-no prender!»

Ikkyū foi tão excêntrico na morte como o fora em vida, como mostram vários versos fúnebres que lhe são atribuídos:

Não morrerei,
Não irei a parte alguma,
Mas também não estarei aqui.

Portanto, não me perguntem nada —
Pois não responderei!

Sombrio, sombrio, trinta anos;
Ténue, ténue, trinta anos;
Sombrio e ténue, sessenta anos.
Defeco e ofereço as fezes a Brahma.

Há ainda este comovente poema de despedida dirigido a Mori:

Há dez anos, sob as flores, iniciámos
Uma união perfumada.
Cada etapa foi um deleite, cheia de paixão sem fim.
Que dor, nunca mais apoiar a cabeça
No seu colo.
Fazendo amor docemente, jurámos
Estar juntos para sempre.

O verdadeiro verso de morte de Ikkyū, aparentemente escrito apenas algumas horas antes de falecer, no vigésimo primeiro dia do décimo primeiro mês de 1481, enquanto estava sentado na postura de lótus, diz:

Neste vasto universo,
Quem compreendeu o meu Zen?
Mesmo que Hsü-t'ang regressasse,
Não valeria nem meia moeda!

Bokusai, discípulo de longa data de Ikkyū e seu primeiro biógrafo, elogiou o mestre do seguinte modo:
«Ikkyū não distinguia entre altos e baixos na sociedade e gostava de conviver com artesãos, mercadores e crianças. Os jovens seguiam-no por todo o lado e os pássaros vinham comer da sua mão. Tudo o que recebia passava-o a outros. Era severo e exigente, mas tratava todos sem favoritismos. Ikkyū ria alto quando estava feliz e gritava com força quando se encolerizava.»

Hakuin Ekaku

(1686–1768)

Tal como no caso de Ikkyū, há abundante material autobiográfico nas próprias obras de Hakuin, pois é um dos poucos mestres Zen que descreveu a sua juventude e a busca inicial do Caminho com algum detalhe. A família de Hakuin explorava uma estalagem e servia como correio em Hara, uma aldeia situada no sopé do monte Fuji e estação da antiga Tōkaidō, a estrada que ligava Edo (Tóquio) a Quioto.

Desde o seu nascimento, em 1686, a mãe sentiu que o quinto filho e terceiro rapaz era especial. «Nasceste no ano do boi, no mês do boi, no dia do boi, à hora do boi», dizia-lhe ela. O boi é o animal sagrado de Tenjin (a forma divinizada de Sugawara no Michizane, 845–903, patrono da literatura e do saber), e Hakuin tornou-se um devoto dessa divindade auspiciosa por toda a vida.

Por alguma razão, Hakuin não andou até aos dois anos, mas aos três o menino, subitamente precoce, tinha já memorizado todas as lengalengas e canções populares que ouvira. Aos quatro anos, uma visita à praia e a visão das ondas incessantes e das nuvens à deriva fizeram-no rebentar em lágrimas — compreendeu intuitivamente a impermanência do mundo.

O rapaz passou grande parte da infância a acompanhar avidamente a mãe nas visitas aos templos locais para ouvir sermões budistas, espantando a família ao repetir palavra por palavra o que escutava. Um homem santo visitou certa vez a família, profetizou grandes feitos para a criança invulgar e deu a Hakuin este conselho sábio:

1. Não desperdiçar comida; misturar um pouco de água quente com o que sobrar na tigela e comê-lo;

2. Urinar sempre agachado;

3. O norte é sagrado, por isso não o profanar urinando, defecando ou sentando-se de costas ou esticando as pernas nessa direção. E nunca esquecer os seis anos que o Buda passou em jejum nos Himalaias e os nove anos que Daruma passou sentado numa gruta. Observa estes três preceitos, aprende a concentrar-te como o Buda e Daruma, e serás abençoado com uma vida longa.

Diz-se que, após este encontro, Hakuin seguiu fielmente estas instruções até ao fim da vida.

Quando tinha dez anos, Hakuin e a sua piedosa mãe assistiram a um sermão vívido, proferido por um sacerdote Nichiren, sobre os tormentos do inferno. Mesmo muitos anos depois, Hakuin recordava que aquelas palavras terríveis lhe gelaram o fígado de medo e o fizeram tremer de terror durante dias. Parou de imediato de brigar com os companheiros de brincadeira e foi tomado de remorsos por ter matado insetos e torturado pequenos animais.

Pouco depois desse sermão de fogo e enxofre, Hakuin tomou banho com a mãe, que gostava da água a ferver. O estalar da lenha, as faíscas a saltar e o silvo da água sobre o metal evocaram tão fortemente o inferno que ele gritou em pânico. Depois de se acalmar, confessou à mãe que temia cair nas chamas do inferno. Ela encorajou o filho apreensivo a rezar a Tenjin, o seu anjo protetor, pedindo salvação. A partir de então, Hakuin passou a levantar-se todas as noites à hora do boi (duas da manhã) para venerar Tenjin com incenso, flores e oração.

Apesar da sua devoção assídua, Hakuin continuava a recear que Tenjin pudesse falhar se se encontrasse numa situação difícil. Certa vez, uma das suas setas de brinquedo falhou o alvo e atingiu um valioso quadro pendurado no *tokonoma* da casa. Depois de castigado, Hakuin pensou: «Se Tenjin não me consegue ajudar numa coisa tão pequena, como poderá proteger-me da condenação no inferno?»

Nessa noite, fechou os olhos e disse: «Tenjin! Se verdadeiramente tens o poder de me salvar do inferno, faz com que o fumo do incenso suba em linha reta. Caso contrário, deixa-o rodopiar.» Abriu os olhos e o fumo subia em linha reta. Fechou-os de novo, recitou uma oração de agradecimento e, ao abri-los, viu o fumo a dispersar-se em todas as direções. Totalmente confuso, decidiu então associar a devoção a Tenjin ao culto de Kannon, a Deusa da Compaixão, uma divindade budista reputada pelos seus grandes poderes salvíficos.

Contudo, mesmo apoiado pela força conjunta de Tenjin e Kannon, Hakuin continuou a temer a danação eterna. Num festival de templo, assistiu a um teatro de marionetas sobre os milagres do sacerdote Nichiren Nisshin (1407–1488), que, segundo se dizia, entrara num fogo ardente sem se queimar e fora submerso em água sem se afogar. «É isso!», pensou Hakuin. «Se renunciar ao mundo e entrar na vida religiosa, serei salvo.»

A mãe aprovou, mas o pai achou a decisão prematura, pelo que o rapaz se dedicou intensamente aos estudos, memorizando nos três anos seguintes textos tão exigentes como os clássicos confucionistas, o Sutra do Diamante e a *Coleção de Palavras e Frases Zen* (*Kuzōshi*).

Hakuin começou também a isolar-se nas montanhas, longe do ruído e da confusão da vida quotidiana. Esculpiu uma imagem de Kannon no tronco de uma árvore e passava horas a entoar sutras e a praticar *zazen* diante dela. Certa vez, uma cheia súbita isolou-o da aldeia. Como o nível da água não baixasse ao fim de dois dias, o impaciente Hakuin despiu-se, atou as roupas num fardo que colocou ao ombro e lançou-se na torrente furiosa, brandindo a sua pequena espada para afastar quaisquer monstros que pudessem surgir. Ao chegar a casa são e salvo, disse aos pais, ansiosos: «Não podia esperar mais — o tempo é precioso e não posso desperdiçar um minuto na minha busca.»

Em 1699, aos treze anos, ambos os pais deram finalmente o consentimento e Hakuin foi ordenado monge Zen por Tanrei (†1701), abade de Shōin-ji, um templo local restaurado pelo seu tio-avô. Hakuin jurou treinar até adquirir a capacidade de permanecer ileso pelo fogo e imune ao afogamento.

Logo após a ordenação, foi enviado para treinar com o monge erudito Sokudō (†1712), no templo vizinho de Daishō-ji. Aí estudou o Sutra do Lótus, que lhe pareceu não passar de uma coleção de contos maravilhosos e parábolas simples. Nunca disposto a aceitar qualquer doutrina de forma passiva, Hakuin colocou esta questão a Sokudō:

«Deixei os meus pais para estudar o Budismo. O Sutra do Lótus é suposto ser o "Rei dos textos budistas", mas, à exceção do ensinamento do "Veículo Único" — que harmoniza todos os tipos de prática budista —, contém sobretudo coisas que também se encontram nos clássicos chineses, em livros de música e até em canções de gueixas. Qual é, então, o valor do Budismo?»

Sokudō não tinha resposta pronta, mas elogiou o desejo intenso do seu discípulo de descobrir a verdade por si próprio.

Em 1703, o rapaz de dezassete anos decidiu partir em peregrinação como *unsui*, «um monge que deriva com as nuvens e flui com a água, em busca do Caminho». Foi primeiro a um mosteiro chamado Zensō-ji, onde um dia ouviu o abade falar de Yen-t'ou (Gantō, 828–887), um célebre mestre Zen chinês. Certa vez, Yen-t'ou e o seu grupo de monges foram atacados por salteadores. Enquanto os outros fugiam em pânico, Yen-t'ou sentou-se calmamente na postura de *zazen*. Quando foi morto pelos bandidos, os seus gritos ouviram-se a quilómetros de distância. «Se um sacerdote tão virtuoso pôde sofrer assim», disse Hakuin, «o que me espera a mim? Não haverá nada mais inútil do que um monge budista!» A angústia de Hakuin lançou-o numa agitação intensa e ficou dias sem conseguir comer nem dormir. Por fim, concluiu, em desespero, que estava condenado ao inferno e que era inútil preocupar-se com o seu destino.

Como tinha vergonha de regressar a casa em fracasso humilhante, decidiu ao menos fazer nome na literatura.

Enquanto Hakuin estava em Zensō-ji, uma rapariga local apaixonou-se por ele após um encontro fortuito na aldeia. Os pais ofereceram-se para adotar Hakuin na família e insistiram para que abandonasse os votos monásticos e casasse com a filha. Hakuin sentia-se, de facto, atraído por ela, mas resistiu à tentação, lembrando-se dos muitos votos que fizera de nunca vacilar na sua busca. (A rapariga morreu alguns anos depois e, depois de Hakuin fundar Ryūtaku-ji, foi colocada no templo uma tábua memorial em sua honra.)

Em 1704, Hakuin ouviu falar de um monge chamado Baō (1629–1711), reputado como inigualável no campo da poesia. Baō era abade de Zuiun-ji, um pequeno templo em Mino, no centro de Honshū, e Hakuin chegou ali com um grupo de doze monges. Em poucos meses, porém, a pobreza do templo e a disciplina severa de Baō tinham derrotado todos, exceto Hakuin. Quando os monges se preparavam para fugir, Baō aproximou-se de Hakuin e disse: «Então, eles estão a dar à sola. E tu?» Hakuin assegurou a Baō que nunca desistiria.

A sós com aquele mestre exigente, Hakuin avançou rapidamente na poesia, mas voltou a ser assaltado pela dúvida: «Mesmo que os meus versos superem os do mestre Li Po (701–762) ou Tu Fu (712–770), isso não me valerá de nada quando eu tiver de enfrentar o Rei do Inferno!» Hakuin foi à varanda do templo, onde os livros monásticos estavam a ser arejados, e rezou: «BudAs e deuses! Ajudem-me na minha busca e indiquem-me o caminho que devo seguir!» Fechou os olhos e retirou ao acaso um livro: *Abrindo Caminho Através da Barreira Zen* (*Zenkan sakushin*).

Abriu-o na história do monge chinês Tz'u-ming (Jimyō, 987–1040). Quando Tz'u-ming sentia o sono vencer-lhe nas longas sessões de meditação noturna, cravava um furador na coxa para recuperar a concentração. Perguntaram-lhe por que era tão duro consigo mesmo, e ele respondeu: «Foi pela disciplina severa que os antigos se tornaram ilustres. Não alcançar nada numa vida e morrer sem obra feita é um desperdício terrível. Por isso perfuro a minha coxa.» Hakuin, muito encorajado por esta história dramática, ficou mais determinado do que nunca a perseverar.

Durante a sua estadia no templo de Baō, a mãe de Hakuin morreu, mas ele não pôde regressar para o funeral. Em 1705, o monge de dezanove anos deixou Zuiun-ji para se juntar, durante o período de treino de verão, à comunidade de Nanzen (1662–1710). Aí Hakuin tomou contacto com o Zen «Ordinário» (ou «Não-nascido»), uma forma de Budismo discreta e complacente, que evitava qualquer

prática regulada ou disciplina rigorosa — e desenvolveu de imediato uma forte aversão por esse caminho.

No ano seguinte, Hakuin descobriu os *Ditos de Hsü-t'ang*, que reuniam os ensinamentos do mestre chinês que tanto inspirara Ikkyū. Hakuin viajou até Jōkō-ji para assistir a um ciclo de palestras sobre esse texto, dado pelo abade Banri (1650–1713). Através dessas exposições, soube de outros monges que haviam agonizado com a sensação de estagnação e até de loucura, mas que perseveraram até, por fim, experimentarem «a grande bem-aventurança que se segue à grande miséria».

No verão de 1706, Hakuin foi para sul treinar em Shōshū-ji, em Shikoku, e foi depois convidado a visitar o castelo do senhor local. Aí mostraram-lhe uma coleção de pergaminhos e um tesouro em especial impressionou-o. Era a caligrafia de um monge Zen (Daigū [1584–1669] ou Ungo [1582–1659], conforme a versão): vigorosa, luminosa e irresistível, e ainda assim perfeitamente natural, sem qualquer afetação. Pensando que «este trabalho de pincel é fruto do verdadeiro despertar; não tem nada a ver com técnica», Hakuin regressou ao templo e, totalmente enojado com a pretensão dos seus próprios esforços, queimou todos os pincéis e amostras de caligrafia. Só voltaria a pegar seriamente no pincel já perto dos sessenta.

Em vez disso, entregou-se ao treino com vigor renovado: «Serei como um tronco que desce um rio a toda a velocidade, sem ficar preso nas margens a apodrecer e sem depender da ajuda de homens ou deuses, avançando sempre até chegar ao oceano!»

Hakuin ficou então absorvido pela primeira grande barreira do Zen, o *kan* «Mu» (Nada!). Enquanto lutava com este enigma, sentia-se como se tivesse entrado numa gruta sem luz. Em 1707, quando o monge de vinte e um anos caminhava numa região pitoresca junto ao Mar Interior, os companheiros insistiram para que apreciasse as vistas magníficas. Hakuin, porém, nem levantou os olhos: «Ainda não atingi o Caminho. Como posso ter tempo para passeios?» Ainda assim, quando o grupo chegou a Kaisei-ji, em Nishinomiya, Hakuin compôs este verso otimista:

Ao sopé da montanha, um riacho corre
Sem fim, sempre adiante.
Se a mente Zen for assim,
Ver a própria natureza não estará longe.

Quando Hakuin recebeu notícia de que Baō estava doente, regressou a Zuiun-ji para cuidar do mestre. De dia, praticava meditação em ação — limpando,

tratando do jardim, cozinhando e assistindo o mestre enfermo — e, à noite, praticava meditação na imobilidade, sentado hora após hora em *zazen*. Nessas meditações, era perturbado por visões: algumas de demónios terríveis, outras de si próprio a planar entre nuvens e a voar sobre os quatro mares. Em poucos meses Baō recuperou e, após uma ausência de quatro anos e meio, Hakuin regressou à sua terra natal, Hara. Cercado de perguntas de familiares e amigos sobre a longa peregrinação, limitou-se a grunhir respostas evasivas. Todos concordaram que ele tinha mudado.

Perto do fim de 1707, o monte Fuji entrou em erupção. A lava foi lançada ao céu, a terra tremeu violentamente e cinza vulcânica caiu sobre a aldeia. Hakuin estava em Shōin-ji e alguns familiares foram resgatá-lo, mas encontraram-no sentado em *zazen*. Recusou-se a sair: «Se eu alcançar o despertar, serei protegido; se não, não há perda se eu perecer — confio-me ao céu.» Hakuin atravessou o desastre sem sofrer dano.

Em 1708, Hakuin viajou até Echigo, uma província ao longo do Mar do Japão, para assistir a um ciclo de palestras sobre o livro *Olho do Dharma de Homens e Deuses* (*Ninten ganmoku*). Desiludido com a compreensão superficial do conferencista e frustrado com as suas próprias dificuldades na meditação, Hakuin enclausurou-se num santuário perto do templo e iniciou um retiro de sete dias de jejum e *zazen*. Registou que se sentiu «congelado dentro de uma lâmina de gelo que se estendia por dez mil léguas». A meio do retiro, à meia-noite, ouviu o som distante de um sino e sentiu «corpo e mente caírem». Gritou a plenos pulmões: «Yen-t'ou [Gantō, o monge assassinado] está aqui mesmo, vivo e de boa saúde!» Temendo que alguém na vizinhança estivesse a sofrer o mesmo destino de Yen-t'ou, os monges, alarmados, correram para o santuário — e encontraram Hakuin radiante de alegria.

Apesar da baixa consideração de Hakuin pelas palestras, mais de quinhentas pessoas assistiam a elas. Um dia, apareceu um monge de aspeto selvagem, com mais de um metro e oitenta, empunhando um enorme bastão. Todos ficaram aterrorizados, mas Hakuin aceitou guiá-lo. Quando as palestras começaram, porém, o monge revelou uma compreensão notável dos assuntos tratados. Para Hakuin, foi como «chuva fresca depois de uma longa seca», e os dois passaram horas a trocar histórias Zen. O monge, chamado Kaku (1679–1730), ofereceu-se para apresentar Hakuin ao seu mestre, Shōju, um velho eremita agreste que vivia nas montanhas de Iiyama (atual província de Nagano). Hakuin e Kaku abandonaram o ciclo de palestras e seguiram caminho até à cabana decrépita de Shōju.

Shōju (1642–1721) era discípulo e único herdeiro de Bunan (1603–1676), um mestre Zen exigente que vivera quase toda a vida como leigo. Bunan não dava descanso aos seus discípulos e exortava-os continuamente:

Morre enquanto estás vivo,
Sê completamente morto!
Depois, faz
O que quiseres
E tudo estará bem.

Shōju também era notoriamente severo consigo próprio — uma vez passou uma semana inteira a meditar, todas as noites, num cemitério cercado por uma alcateia de lobos famintos.

Shōju é mais conhecido pela sua «Sova do Mestre Espadachim». Espadachins procuravam frequentemente o conselho de mestres Zen, na esperança de descobrir como harmonizar técnica e espírito. Certa vez, um espadachim abordou Shōju, que ouviu com cortesia as suas teorias e divagações durante algum tempo, antes de, de repente, se erguer e o espancar sem piedade. Ao experimentar o Zen da forma mais direta e contundente, o espadachim compreendeu o princípio último da sua arte.

A fama do Zen «sem restrições» de Shōju causou alvoroço, e ele foi convidado a assistir a uma sessão de treino de espadachins mestres. Os presentes declararam admirar a profunda compreensão de Zen por parte de Shōju, mas duvidavam de que, sem o fator surpresa, alguém pudesse derrotar um espadachim habilidoso confiando apenas no espírito.

«Tenta atingir-me», desafiou então Shōju. Era o convite que eles aguardavam, e lançaram-se sobre ele. Nenhum conseguiu acertar-lhe, porém; pelo contrário, todos levaram pelo menos uma boa pancada na cabeça com o seu leque. Humilhados, perguntaram-lhe qual era o segredo.

«Se o teu olhar é verdadeiro e a tua mente não tem obstáculos, não há nada que não possas superar, incluindo um ataque de espada», disse-lhes Shōju. (Hakuin viria a aprender bem com Shōju, e mostraria presença de espírito semelhante quando, mais tarde, foi confrontado por um samurai cético.)

Na sua primeira entrevista com Shōju, Hakuin apresentou ao temível velho um «poema de iluminação» bem composto. Sem lhe lançar sequer um olhar, Shōju amarrotou o papel na mão esquerda, ameaçou Hakuin com o punho noturno e exigiu saber: «Para além de um pouco de erudição de livros, o que é que alcançaste?»

«Se tivesse algo para lhe mostrar, cuspia-o já!», respondeu Hakuin.

O mestre perguntou então, de forma cortante: «E o Mu?»

«Nenhuma mão nem pé lhe podem tocar», respondeu Hakuin, confiante.

Shōju estendeu de repente a mão, puxou com força o nariz de Hakuin e gritou: «Aqui está um lugar onde posso pôr as mãos e os pés!»

Humilhado, Hakuin percebeu que a sua iluminação anterior era incompleta. Shōju deu-lhe então outro *kōan* para ponderar: «Para onde foi o mestre Zen Nan-ch'üan [Nansen, 748–834] quando morreu?»

Mais tarde, Hakuin voltou a Shōju com um verso como resposta, mas o mestre gritou: «Ilusão e fantasia pura!», e descarregou tantas pancadas sobre Hakuin que o atirou da varanda.

Desanimado, Hakuin não conseguia resolver este *kōan*, nem nenhum dos outros que Shōju lhe colocava. Totalmente desencorajado, recorreu ao seu método habitual quando se via perante um impasse: fez um voto.

«Se eu não dominar um destes *kōan* em sete dias, mato-me.»

Shōju não ficou nada impressionado e continuou a acumular insultos sobre o aluno desnorteado, a quem chamava «um monge meio idiota, preso numa gruta escura e pútrida de demónios».

Horrorizado, Hakuin perguntou: «Porque estou eu a ouvir este aldeão neste pardieiro que se faz passar por templo? Este país está cheio de mestres notáveis — tem de haver alguém melhor para mim.»

«Vai, então, varrer o mundo à procura de um mestre melhor», troçou Shōju. «É mais provável que vejas as estrelas ao meio-dia.»

Completamente confuso, Hakuin saiu na manhã seguinte para a sua ronda de esmolas, mas estava obcecado com as suas questões de vida ou morte. Parado diante do portão de uma casa, num género de transe, não deu por nada, nem pelos gritos vindos de dentro: «Vai-te embora! Não temos nada para dar!» A velha que ali vivia, irritada com a insistência aparente, saiu a correr e desferiu-lhe uma pancada na cabeça com uma vassoura de bambu.

Hakuin caiu inconsciente; mas, quando recuperou os sentidos, as soluções para todos os *kōan* que o torturavam tinham-se tornado cristalinas. Saltou e gritou de alegria, para espanto dos aldeões reunidos em volta do monge prostrado. «A velha deve tê-lo deixado sem juízo», concluíram. «Mais vale manter distância deste monge maluco.» Anos depois, Hakuin assinalaria este

acontecimento decisivo numa pintura de uma vassoura de bambu com a inscrição: «Esta é a vassoura que varre as iluminações baratas!»

Embora o normalmente sisudo Shōju tenha sorrindo quando Hakuin lhe contou os acontecimentos dramáticos do dia, não deu qualquer confirmação formal da iluminação de Hakuin — talvez por saber que ele ainda atingiria patamares mais altos. Nessa noite, a mãe de Hakuin apareceu-lhe num sonho, trazendo a notícia bem-vinda de que já não andava errante no limbo. O grande mérito acumulado pela busca e pela iluminação do filho fora-lhe transferido e ela descansava agora confortavelmente no céu. (Esta «transferência de mérito» era um elemento importante do Budismo japonês, e muitas pessoas tornavam-se monges ou monjas para promover a salvação de um ente querido falecido.)

Apesar de Hakuin ter estado com Shōju apenas oito meses, tinha agora a certeza de que seguia o caminho certo. O Hakuin de vinte e dois anos regressou a Shōin-ji no final de 1708 e nunca mais voltou a ver Shōju (que morreu em 1721), embora o tenha considerado sempre o seu «mestre raiz». O verso de morte de Shōju foi:

O meu verso final:
Dizer "morre depressa" é difícil.
Fala com palavras sem palavras,
Mas não fales, não fales!

Depois de uma breve estadia em Shōin-ji, Hakuin partiu de novo no início de 1709. Sempre que captava a essência de um dos milhares de *kōan* que tinha memorizado, dançava e ria delirantemente, comportamento que lhe valeu a reputação de «louco do Zen». Após uma série de iluminações grandes e pequenas, a excitação constante desestabilizou-o e adoeceu gravemente do que ele chamou «doença do Zen». Os sintomas alarmantes eram:

Febres ardentes e dores de cabeça lancinantes; a zona lombar como se estivesse envolta em gelo; olhos lacrimejantes; zumbidos nos ouvidos; receio da natureza quando sob a luz do sol; profunda depressão no escuro; pensamentos perturbadores durante o dia; maus sonhos à noite; apatia; exaustão; má digestão; e arrepios terríveis.

Felizmente, ao longo dos dois anos seguintes, Hakuin conseguiu curar-se desta terrível doença e prosseguir o seu treino exigente.

No final de 1711, Hakuin regressou a Daishō-ji para cuidar de Sokudō, outro antigo mestre que adoecera. Como antes, passava o dia a assistir o mestre e a noite em *zazen*. No ano seguinte, Hakuin, com vinte e seis anos, começou a dar

palestras públicas em Shōin-ji. Quando Sokudō morreu nesse outono, Hakuin partiu novamente em peregrinação. Num episódio típico dos seus dias de estrada, subitamente compreendeu o sentido do *kōan*: «Folhas de lótus mais redondas do que o espelho mais redondo; espinhos de castanha-d'água mais afiados do que o furador mais afiado.» Chovia a cântaros e o monge, em êxtase, caiu e rebolou na lama, rindo histericamente.

Noutra ocasião, Hakuin fazia *zazen* à noite quando o som suave da neve a cair desencadeou a sua compreensão do *kōan*: «O poder de meditação de uma jovem rapariga supera o do mais sábio discípulo do Buda.» Compôs um poema para assinalar este despertar:

Se ao menos o pudesse partilhar:
O som suave da neve
A cair, já tarde da noite,
Das árvores
Deste velho templo.

Em 1713, Hakuin seguiu para sul para se encontrar com Kōgetsu (1667–1751), tido como o principal mestre Zen do seu tempo, mas perdeu-se pelo caminho e passou o ano a treinar com os mestres Tetsudō (1658–1730) e Egoku (1632–1721). Apesar do contacto anterior com a morte devido à «doença do Zen», Hakuin continuava tão exigente consigo mesmo como sempre. Ele e outro monge fizeram uma vez um retiro de sete dias de *zazen* contínuo, sentados frente a frente com uma moca entre ambos. Se algum mostrasse sinais de adormecer, o outro devia bater-lhe entre os olhos com a moca. Concluíram o retiro sem recorrer uma única vez ao bastão.

Em 1713, Hakuin treinou em Reishō-ji e depois passou os dois anos seguintes em retiro no monte Iwataki. Retomara imprudentemente aquele treino severo demasiado cedo e a sua saúde voltou a deteriorar-se. Para recuperar, viveu tranquilamente num eremitério encantador, entre as belas montanhas de Iwataki, alimentando-se de papa de arroz e meditando dia e noite. O sossego foi interrompido em 1716, quando um criado do seu pai o encontrou finalmente, após dois anos de busca. «O teu pai está doente e Shōin-ji está vazio e caiu em ruína», informou. «Queremos que voltes para casa.»

Assim, no primeiro mês de 1717, Hakuin, com trinta e um anos, instalou-se como abade de Shōin-ji, então pouco mais do que uma carcaça abandonada. Iniciou o meticuloso processo de reconstruir o templo e de o estabelecer como centro de treino. O pai morreu no fim desse ano.

No ano seguinte, Hakuin recebeu a honra de ser convidado para servir como monge-chefe no período de treino de inverno em Myōshin-ji, em Quioto, um dos maiores e mais importantes mosteiros Zen do país. Isto podia ter sido o primeiro passo para a fama e a riqueza como mestre Zen na capital, mas Hakuin regressou a Shōin-ji assim que terminou a sessão de três meses, decidido a passar o resto dos seus dias como abade daquele pequeno templo rural.

Isso está sugerido no nome «Hakuin», que adotou por essa altura (em jovem chamava-se Iwajirō e o seu primeiro nome monástico foi Ekaku). «Hakuin» significa «oculto no branco», referindo-se ao estado de estar escondido nas nuvens e na neve do monte Fuji (ou seja, alguém com natureza de Buda), perdido no treino no remoto Vale da Garça Branca de Shōin-ji, e absorvido na brancura do nirvana, onde todas as coisas encontram paz.

Ao longo da década seguinte, um pequeno número de monges em treino e de seguidores leigos começou a reunir-se em Shōin-ji para praticar Zen sob a orientação de Hakuin. A sua reputação cresceu muito após um incidente em que foi acusado, por uma rapariga local, de ser o pai de um filho ilegítimo. Hakuin nada disse em sua defesa e, quando o pai da rapariga, indignado, exigiu que ele criasse a criança, Hakuin aceitou o bebé. Cuidou dele com ternura e sem queixas, arranjou uma ama de leite e levou-o consigo nas rondas de esmolas, suportando em silêncio o desprezo dos aldeões. Por fim, a rapariga foi consumida pelo remorso e confessou a verdade: o pai era um jovem vizinho, não Hakuin. O pai, envergonhado, pediu perdão, mas Hakuin respondeu serenamente: «Não te preocupes com isso», e devolveu-lhe o bebé, sem voltar a mencionar o caso.

Numa noite de 1725, Hakuin teve outra visão da mãe em sonho; desta vez, ela oferecia ao filho uma veste púrpura. A veste tinha espelhos em ambas as mangas, espelhos que refletiam com grande esplendor as dimensões interior e exterior da vida, cintilando ao mesmo tempo com a serenidade do nirvana — e assim davam a Hakuin a chave para o *kōan*: «O iluminado vê a natureza de Buda com os próprios olhos.»

No ano seguinte, Hakuin, com quarenta anos, estava a estudar o Sutra do Lótus — um texto que até então considerara em grande parte inútil — quando um grilo chilreou suavemente. Hakuin compreendeu de súbito a mensagem subjacente do texto — «Fora da mente não há Sutra do Lótus; fora do Sutra do Lótus não há mente» — e passou a concordar que a obra merecia ser chamada o «Rei dos textos budistas».

Os primeiros biógrafos de Hakuin descreveram este acontecimento como o ponto de viragem da sua vida. A busca de iluminação que consumiu a primeira

metade da carreira de Hakuin foi a «semente» da sua prática, marcada por uma quase obsessão com os problemas do eu — evitar o inferno, experimentar a iluminação, preservar a saúde física e mental. Com a maturidade de Hakuin, a segunda metade da sua carreira como mestre Zen foi o «fruto»: devoção altruísta ao cuidado e ao sustento dos outros.

Ao contrário de Ikkyū, que teve muitos alunos mas recusou designar alguém como seu sucessor, ou de Ryōkan, que nunca foi abade de um templo e morreu sem um único discípulo, Hakuin foi o «Mestre dos Mestres» do Zen japonês. Centenas de praticantes monásticos e leigos estudaram sob a sua orientação e parece ter certificado, ou de algum modo sancionado, mais de oitenta discípulos diretos para ensinarem e difundirem o Zen ao estilo de Hakuin por todo o país. Provavelmente concedeu mais *inka* — a monges, monjas, leigos e leigas, e até a um casal — do que qualquer outro mestre Zen na história japonesa. Todas as principais linhagens atuais da escola Rinzai traçam a sua linhagem até Hakuin e continuam, em grande medida, a seguir o seu estilo de ensino.

O Zen ao estilo de Hakuin assentava na sua longa busca e no seu temperamento vigoroso — «O nosso mestre movia-se como um boi e fitava como um tigre», escreveu, admirado, um dos seus discípulos. «Nunca te dês por satisfeito com pequenas realizações», exortava Hakuin os seus alunos. Insistia em que os seus praticantes enfrentassem, sofressem e superassem as mesmas barreiras gigantescas que ele próprio encontrara. Um verdadeiro estudante precisa de grande dúvida, acreditava ele: «Se a dúvida tiver uma intensidade de dez graus, assim será também a iluminação.»

Hakuin exigia que os discípulos se debatessem com as questões últimas, mastigando, engolindo e cuspindo o *kōan* contra o qual ele próprio batera com a cabeça, e enfrentando também o *kōan* da sua própria invenção: «Qual é o som de uma só mão a bater palmas?» O único objetivo do treino Zen, declarava Hakuin, é *kenshō*, «ver a própria natureza», tornando-se assim o Buda.

Tal como Daitō e Ikkyū, por quem nutria grande admiração, Hakuin denunciou incansavelmente os adeptos do Zen da «Iluminação Silenciosa» e do Zen «Não Fazer Nada» (isto é, o Zen «Não-nascido» ou «Ordinário»). A «Iluminação Silenciosa» era o principal enfoque de uma fação da escola Sōtō, que dispensava o uso de *kōan* em favor de «sentar-se como o Buda» e equiparava o ato de *zazen* à iluminação. Os defensores do Zen da «Iluminação Silenciosa» sustentavam que a iluminação ocorria naturalmente e apenas uma vez, e que falar de «dezoito grandes iluminações e incontáveis pequenas» não era mais do que emotividade excessiva, não verdadeiro despertar. Hakuin

respondia que, para além da sua própria experiência, havia dezenas de exemplos de múltiplas iluminações na literatura Zen. Além disso, ele próprio tentara muitas vezes a «Iluminação Silenciosa» quando jovem, mas acabara num estado de depressão e apatia contínuas.

Hakuin tinha ainda maior aversão ao Zen do «Não Fazer Nada». Esta corrente derivava de Bankei (1622–1693), um monge que praticara uma ascese tão extrema como a de Hakuin e tivera um despertar igualmente profundo, mas chegara à conclusão oposta: o treino intenso fora inútil e só o desviara. Métodos artificiais — obrigar-se a sentar interminavelmente em *zazen*, passar meses a tentar resolver enigmas sem sentido, invadir mosteiros para desafiar mestres — eram inúteis, decidiu ele. A budeidade é inata e irrevogável — não-nascida: «Não há um só instante, acordado ou a dormir, em que não sejas um Buda», ensinava Bankei; logo, não havia necessidade de instigar ou pressionar os estudantes a buscar o *kenshō*.

Embora Bankei manifestasse um alto grau de realização, os seus seguidores levaram-no à letra, e Hakuin queixava-se de que, em templos chefiados por mestres dessa escola do «Não Fazer Nada», os praticantes ficavam sentados como cepos, a cabecear de sono e a não alcançar nada. Acusava-os de desistirem do Zen e de banalizarem as grandes lutas do Buda e de Bodhidharma. Tais sacerdotes não eram melhores do que ladrões, dizia Hakuin, vivendo à custa dos paroquianos sem oferecer nada em troca. Por exemplo, Hakuin afirmava que o seu predecessor imediato em Shōin-ji aplicara essa doutrina herética do «Não Fazer Nada» ao próprio templo, deixando o telhado verter, as paredes ruírem e o chão apodrecer! O Zen ao estilo de Hakuin acabou por prevalecer sobre o Zen do «Não Fazer Nada», que desapareceu em poucas gerações após a morte de Bankei.

O lema de Hakuin era: «A meditação no meio da ação é mil milhões de vezes superior à meditação na imobilidade.» O seu mestre, Shōju, disse-lhe certa vez: «Se conseguires manter presença de espírito numa rua de cidade a fervilhar de atividade violenta, num campo de cremação entre morte e destruição, e num teatro rodeado de ruído e distração, então — e só então — és um verdadeiro praticante de Zen.»

Do mesmo modo, Hakuin escreveu num dos seus ensaios:

Em vez de te fechares num quarto a guardar o teu ouro, devias estar na rua a partilhar a tua riqueza com os outros. (...) O que aconteceria a este mundo se senhores e ministros, guerreiros, mercadores, artesãos e agricultores abandonassem os seus deveres e fossem para algum lado praticar cegamente o

"sentar" e a "iluminação silenciosa", na esperança vã de evitar dificuldades e atravessar a vida sem problemas? A sociedade colapsaria!

Citou o exemplo de sábios que exprimiam o seu Zen a partir de tarefas como erguer pedras, lavrar a terra, ir buscar água, cortar lenha, cultivar legumes, medir e construir, fiar e tecer, estudar e ensinar, governar e proteger. O abade chinês Pai-chang (Hyakujō, 749–814) trabalhava nos campos já com mais de noventa anos, observou Hakuin, e quando os discípulos lhe esconderam as ferramentas para o obrigar a descansar, Pai-chang recusou-se a comer: «Sem trabalho, sem comida!» Hakuin apontou também o exemplo de muitos leigos e leigas notáveis que viveram no mundo exterior e, ainda assim, nunca se separaram do Caminho do Zen.

«Faz de tudo na tua vida um *kōan*», exortava Hakuin os seus alunos, leigos e monges. «Pensa nas montanhas, rios e na grande Terra como a tua plataforma de meditação, e no universo como a tua gruta pessoal de meditação.» A sabedoria alcançada ao praticar Zen no meio do mundo do desejo é inabalável, ensinava Hakuin, «como uma flor de lótus que nunca pode ser destruída». E acrescentava: «Um praticante valente, comportando-se como um guerreiro cercado de inimigos por todos os lados, pode atingir a iluminação num instante; os que se arrastam levarão três éones a acordar.»

O ensinamento de Hakuin está resumido na sua obra mais popular, *A Canção da Meditação* (*Zazen wasan*):

Os seres sencientes são, originalmente, Budas,
Como água e gelo.
Não há gelo sem água,
Nem Budas fora dos seres sencientes.

E, no entanto, os seres sencientes não sabem quão perto está,
E procuram-no longe. Que tristeza!
É como morrer de sede
No meio de uma fonte de água;
Ou como o filho de um rico
A vaguear como um mendigo perdido.

Estamos presos ao reino do *samsara*
Porque a ignorância nos mantém na escuridão.
Caminhando às escuras,
Quando escaparemos ao nascimento e à morte?

O Zen do Grande Veículo
Está para além de todos os superlativos.
Caridade, preceitos e todas as outras virtudes,
Cântico, arrependimento, treino,
E todas as boas obras
Têm a sua origem no Zen.

Senta-te sinceramente em meditação uma só vez,
E isso apaga camadas de mau carma.
Já não no vale do inferno,
A Terra Pura está tão perto.

Ouve este ensinamento com reverência
Uma única vez,
E louva-o e alegra-te nele,
E uma fortuna sem limites será tua.

Melhor ainda: dedica-te
Diretamente a iluminar a tua própria natureza;
Quando a natureza do eu iguala a não-natureza,
Ficarás livre desta conversa vazia.

Abre a porta de causa e efeito
E caminha em frente, sem demora.
Usa a não-forma como forma,
Vagueia sem te fixares.
Usa o não-pensamento como pensamento,
Canta e dança com a Lei do Buda.

Abre a vastidão do repouso sem obstáculos,
Banha-te no brilho da sabedoria completa.
Neste preciso momento, o que há a procurar?
O nirvana está diante dos nossos olhos.
Este lugar é a Terra do Lótus,
Este corpo é o do Buda.

Embora, nos seus escritos, Hakuin fosse um rabugento — atacando os rivais Zen e diminuindo outras escolas do Budismo («O Zen é para gigantes; a Terra Pura é para anões») —, na verdade era um mestre Zen extraordinariamente sábio e gentil, e um budista de espírito universal, que nunca afastava ninguém por causa das suas crenças e que incorporava elementos de todas as religiões no seu ensino.

O seu saber é incomparavelmente vasto e diz-se que leu o cânone budista completo sete vezes. Apresenta a cada estudante um *kōan* para ponderar, mas fá-lo de acordo com a escola que a pessoa segue, colocando uma questão retirada da tradição apropriada — Zen, Tendai, Shingon, Terra Pura, Nichiren, taoista, confucionista, xintoista.

Para Hakuin, o «Vê a tua natureza e torna-te o Buda» do Zen era equivalente ao «Um pensamento, três mil mundos» do Tendai, à «mística letra A» do Shingon, ao «Renascimento» das escolas da Terra Pura, à «Lei Maravilhosa» de Nichiren, ao «Caminho» dos taoistas, ao «Bem Supremo» dos confucionistas e à «Alta Planície do Céu» dos xintoistas.

Grande parte do maldizer de Hakuin sobre outras seitas e mestres era, na realidade, provocação bem-humorada. Um dos seus amigos era Tenkei (1648–1735), mestre Zen da escola Sōtō. Certa vez, numa viagem, Hakuin passou pelas redondezas de Tenkei e perguntou a um transeunte: «Vive por aqui um sujeito chamado Tenkei?»

«Sim», respondeu o homem, com alguma irritação. «Por aqui, o Mestre Zen Tenkei é considerado um Buda vivo.»

«Ah, é? Pois então, da próxima vez que o vires, diz-lhe que eu disse que ele é um idiota imprestável!»

O homem ficou chocado com tal linguagem, mas Hakuin escapou antes que o obrigassem a retirar o insulto.

Por acaso, o homem era um seguidor devoto de Tenkei e relatou o episódio ao seu mestre. Tenkei riu-se e disse: «Então o velho Hakuin voltou à cidade. Parece que está em boa forma. Obrigado pelo recado.»

O Zen sombrio, de vida-ou-morte, centrado no *kenshō*, de Hakuin era equilibrado pela sua insistência em que o treino Zen devia incluir ataques de riso extático e bem-aventurado; quanto mais profundo o *kenshō*, mais a pessoa transborda de gargalhadas incontroláveis. Ele dizia também: «Os que entendem piadas são muitos; os que entendem o verdadeiro riso são poucos.» Como veremos, este elemento essencial do humor é mais evidente nos desenhos humorísticos Zen de Hakuin.

Hakuin sabia apreciar o humor até quando era ele o alvo da brincadeira. Um dia, a família mais rica do distrito convidou Hakuin para um banquete de pratos vegetarianos. Hakuin, vestido com a sua simples túnica preta e sandálias de palha, foi a pé até à mansão, mas, na hora de sair, os anfitriões insistiram que voltasse numa liteira. Assim que os carregadores levantaram a liteira para partir,

porém, Hakuin — que nunca tinha viajado num veículo tão luxuoso — tombou ao chão, para grande divertimento da multidão que o acompanhava à porta.

«Chega disso», disse Hakuin a sorrir. «Devia ter seguido o meu próprio conselho — manter sempre os pés bem assentes no chão!»

Entre os muitos seguidores de Hakuin havia dezenas de mulheres, algumas provenientes do bairro de prazer de Hara, mas ele tratava as discípulas de forma idêntica a leigos ou monges. Uma das suas primeiras discípulas foi uma rapariga de quinze anos chamada Satsu, que tinha dificuldade em atrair pretendentes por não ser bonita; por isso, os pais mandaram-na rezar a Kannon por um marido adequado. Um dia, o pai ficou chocado ao vê-la sentada em cima de um exemplar do Sutra de Kannon.

«O que é que estás a fazer sentada em cima desse livro sagrado?», exclamou, furioso.

«Qual é o problema?», perguntou Satsu, com frieza. «O sacerdote de Shōin-ji disse que tudo tem natureza de Buda, portanto como pode haver diferença entre o meu traseiro e um sutra?»

Sem saber o que dizer, o pai consultou Hakuin, que sorriu e disse: «A tua filha é bem esperta. Dá-lhe este poema-*kōan* e diz-lhe que é meu»:

Na escuridão da noite,
Se conseguires ouvir a voz
Do corvo que não grasna,
O futuro não-nascido tornar-se-á claro
E poderás compreender o amor do teu pai.

Quando lhe mostraram o verso, Satsu não ficou impressionada.

«O que é que isso tem de esperto? Hakuin não é nem um bocadinho melhor do que eu!»

Quando Satsu foi mais tarde visitar Hakuin, ele recebeu-a com este *kan*: «Já agarraste todo o espaço?»

Em resposta, Satsu desenhou um círculo no ar com o dedo.

«Isso é só metade da coisa», respondeu Hakuin, fitando-a com severidade.

«Tarde demais. Eu já acabei de o agarrar!»

Satsu era mesmo difícil. Numa entrevista, pediu uma vez a Hakuin que esclarecesse um ponto complicado. Assim que ele começou a falar, Satsu disse: «Obrigada», e foi-se embora, deixando o mestre de boca aberta.

Um monge arrogante tentou certa vez levar a melhor sobre Satsu: «Dentro de um monte de lixo, uma pedra branca é esmagada; qual é o princípio disto?»

Sem hesitar um segundo, Satsu partiu a chávena do monge em pedaços, e ele bateu em retirada.

Satsu resistiu às tentativas de a casarem, pois queria continuar a praticar *zazen* a tempo inteiro, mas Hakuin disse-lhe: «Compreendes bem o Zen, mas precisas de o pôr em prática. O melhor para ti é casares, agindo de acordo com o emparelhamento natural do masculino e do feminino. Espírito e forma, iluminação e concretização, têm de se harmonizar com as realidades da vida quotidiana.» Ou seja, casar, fazer sexo e gerar e criar filhos eram excelentes formas de meditação em movimento.

Satsu seguiu o conselho do mestre, casou e teve uma família grande. Anos depois, ao perder um neto muito querido, ficou inconsolável. Um vizinho insensível disse-lhe: «Ouvi dizer que recebeste um certificado de iluminação do próprio Hakuin, então por que estás a fazer esse alarido?»

«Idiota!», retorquiu Satsu. «As minhas lágrimas são um memorial melhor do que cem sacerdotes a cantar lamúrias. As lágrimas lembram cada criança que morreu. É exatamente assim que eu me sinto agora!»

Ōhashi, outra discípula de Hakuin, conseguiu alcançar a iluminação enquanto trabalhava como rapariga do prazer. Jovem, bonita e talentosa, Ōhashi vinculou-se a um bordel de Hara para sustentar a família, quando o pai, samurai, perdeu o posto com a morte do seu senhor. Estudou Zen com Hakuin, que a aconselhou a contemplar a vida como o *kōan* supremo — a iluminação era possível em quaisquer circunstâncias.

Embora aterrorizada por trovoadas, um dia Ōhashi obrigou-se a sentar-se na varanda durante uma tempestade violenta, para se libertar do medo. Um relâmpago atingiu o chão mesmo à sua frente e ela perdeu os sentidos. Ao recobrar, sentiu como se o universo lhe pertencesse. Hakuin certificou o seu *kenshō*, mostrando assim que até uma cortesã podia despertar. Ōhashi acabou por ser resgatada por um patrono rico, com quem casou. Mais tarde, com a permissão do marido, tornou-se monja, conhecida pela sua sabedoria e compaixão. À sua morte, em vez da tábua memorial habitual, o marido e os amigos mandaram esculpir Ōhashi como Kannon, a Deusa da Compaixão, e colocaram a imagem no templo de Hakuin.

Hakuin era muito compreensivo em relação à natureza humana. Uma vez, um senhor estava em viagem e parou em Hara, onde se apaixonou desesperadamente pela filha de um estalajadeiro. Apesar de promessas de amor eterno e riqueza, a jovem recusou abandonar os pais idosos. Hakuin esculpiu uma pequena imagem de madeira da rapariga para o senhor manter consigo, na esperança de que um dia ela consentisse em juntar-se a ele. (Infelizmente, a jovem morreu pouco depois, e o senhor teve de se contentar com as memórias da amada.)

Por outro lado, Hakuin enfureceu-se quando um samurai de alta patente apareceu acompanhado da sua «irmã mais nova» — isto é, da amante. Quando o samurai veio a uma entrevista, Hakuin repreendeu-o severamente: «O treino Zen exige que sejas sincero da coroa da cabeça às plantas dos pés! Até a menor mentira anula anos de treino.» O samurai percebeu de imediato o erro e apresentou a concubina a Hakuin. Ambos acabaram por se tornar excelentes estudantes de Zen.

As «avós Zen», velhas astutas que adoram baralhar monges pomposos, aparecem com frequência na literatura Zen, e Hakuin também teve encontros com algumas. «Velha San», uma dessas senhoras, mal podia esperar por testar Hakuin quando ele visitou a sua terra. Na entrevista, Hakuin ergueu uma mão, desafiando-a em silêncio a ouvir o seu som. Ela gritou: «Mais vale bater palmas com as duas mãos e tratar de negócios a sério do que estar a ouvir a "mão única" do Hakuin!»

Hakuin respondeu: «Se podes tratar de negócios batendo palmas com as duas mãos, então não há necessidade de ouvir o som de uma só.» Pegou num papel e pintou nele, a pincel, uma vassoura de bambu. Passou-o à Velha San para que escrevesse uma inscrição. Ela escreveu:

Esta vassoura
Varre
Todos os impostores do Japão —
Em primeiro lugar,
Hakuin de Hara!

Este confronto tornou-se, ele próprio, um *kōan*: «Quem venceu? Hakuin ou a Velha San?»

E houve também a velha de Hara que ouviu Hakuin dizer numa palestra: «A tua mente é a Terra Pura, o teu corpo é o de Amida Buda.»*

**(NT: No Zen, o Amida Buda (Amitābha) tem um significado bem diferente daquele que assume nas tradições da Terra Pura. Em linhas gerais, o Zen não o rejeita, mas não o coloca no centro da prática. Amida Buda é o Buda da Luz Infinita e da Vida Infinita.)*

Isto serviu-lhe de *kōan* e, certa manhã, ela teve *kenshō* enquanto arrumava depois do pequeno-almoço. Correu para Shōin-ji e anunciou a Hakuin: «Amida engoliu o meu corpo! O universo irradia! Que coisa verdadeiramente maravilhosa!»

«Disparate!», retorquiu Hakuin. «E isso também te brilha pelo rabo acima?»

A pequenina velha empurrou o corpulento Hakuin e gritou: «O que é que tu sabes de iluminação?»

E depois ambos rebentaram a rir.

Outra história fala de um leigo chamado Harushige, que perdeu o filho mais velho para uma doença, estoirou a herança em vinho e mulheres e desesperou da vida. Um dia, deparou-se com um livro que continha uma frase que Hakuin gostava de citar: «Um praticante valente (…) pode atingir a iluminação num instante, mas os que se arrastam levarão três éones a acordar.» Trancou-se no balneário, jurando alcançar a compreensão ou morrer.

Ao terceiro dia seguido sentado, moído pela dor e a sofrer alucinações, Harushige teve, de repente, um rompimento. Hakuin confirmou o *kenshō* de Harushige e mencionava-o frequentemente como exemplo de alguém que alcançou grandes coisas por arriscar tudo no Zen de *kōan*. Hakuin continuou a orientar Harushige, que se transformou num homem de família trabalhador, num amigo do barro, num construtor de estradas e pontes e num pilar da comunidade.

Uma jovem viúva, atormentada, ficou tão obcecada com o estudo do seu *kōan* que passava todo o tempo sentada no salão de meditação de Shōin-ji. Felizmente, os vizinhos preparavam refeições para o filho, na ausência da mãe; mas, quando ela regressou por momentos a casa, disse-lhe: «Tu quem és?»

«Sou o teu filho! Já não te lembras de mim?», respondeu o rapaz.

Até Hakuin achou tal fixação excessiva e disse-lhe que resolvesse o *kōan* sem mais demora. Ela fê-lo, Hakuin aprovou, e a mulher retomou uma vida mais normal. (Um abade amigo de Hakuin encontrou-a uma vez e comentou: «Em todos os meus anos, nunca vi alguém tão absorvido no treino Zen como aquela mulher.»)

Um dia, Hakuin passeava no jardim do templo com um discípulo leigo que andava às voltas com o sentido do carácter «morte», que lhe tinha sido dado como *kōan*. Oferecendo-lhe outra abordagem, Hakuin recitou um poema:

Monte Sumeru,
O Pico Cósmico,
Desaba;
O céu estilhaça-se
Em bocados e pedaços!

«Percebeste?», perguntou Hakuin, esperançoso. O discípulo leigo, como se tivesse sido libertado de um grande fardo, pegou numa pedrinha e lançou-a bem alto para o céu. Hakuin sorriu, aprovando.

Certa vez, o filho de um penhorista visitou Hakuin e contou-lhe a sua aflição: «Quero que o meu pai pratique o Budismo, mas ele diz que está demasiado ocupado com os livros de contas para perder sequer uns segundos a fazer um único *nenbutsu* [a recitação do nome de Amida Buda].»

Hakuin sabia que o penhorista era avarento e que aquilo era apenas uma desculpa para evitar qualquer prática religiosa. Disse então ao rapaz: «Diz ao teu pai que eu compro o *nenbutsu* dele — um tostão por cada recitação.»

O sovina ficou radiante por poder, afinal, lucrar com a religião. Todos os dias apresentava a Hakuin a fatura do *nenbutsu* e o mestre pagava. Ao sétimo dia do "contrato", porém, o penhorista estava tão absorvido na recitação que se esqueceu de contar. Pouco depois, tornou-se tão devoto do *nenbutsu* que o recitava de graça e acabou por se transformar num generoso patrono do templo de Hakuin.

Por vezes, as pessoas desafiavam Hakuin em público, gritando *kōan* durante as suas palestras. Uma vez, alguém na assistência perguntou: «Depois da morte, desaparecemos ou continuamos?»

Hakuin respondeu: «E agora, estás a desaparecer ou a continuar?»

Hakuin colocou um *kōan* semelhante a um monge mais velho que veio pedir orientação: «De onde vieste ao nascer e para onde irás ao morrer?»

O monge levou um ano a encontrar uma resposta. Quando Hakuin repetiu o *kōan*, o monge levantou um dedo.

«Isso não chega! Diz-me mais!», exigiu Hakuin, de sobrolho carregado.

O monge respondeu: «De onde vieste ao nascer e para onde irás ao morrer?»

Desta vez, Hakuin aprovou.

Um samurai quis saber: «O que é o céu? O que é o inferno?»

«Que se passa? Tens medo do inferno?», troçou Hakuin. «Um cobarde choramingas como tu não merece ser ensinado!»

Furioso com os insultos, o samurai desembainhou a espada e perseguiu Hakuin até ao salão principal. Golpeou com fúria cega, mas o mestre desapareceu nas sombras.

«Esta raiva é o teu inferno!», gritou Hakuin.

O samurai acalmou-se e pediu desculpa por ter perdido a cabeça.

«Isso é o céu», disse-lhe Hakuin. (Como um samurai tinha de estar sempre alerta, sempre devidamente vestido e pronto a dar a vida a qualquer momento, Hakuin escreveu uma vez que um samurai consumado pode alcançar num mês o que a um monge tranquilo leva um ano.)

Como Hara era uma estação importante na estrada Tōkaidō, os senhores provinciais, que faziam as visitas obrigatórias bienais a Edo, paravam ali com frequência, e vários tornaram-se alunos de Hakuin. Hakuin servia-lhes os simples bolos de milho miúdo que os camponeses lhe davam; e, se algum senhor mimado torcia o nariz à comida grosseira, levava uma descompostura de Hakuin sobre as virtudes da vida simples e da alimentação frugal.

Uma vez, o senhor mais rico do sul do Japão parou em Hara e queixou-se a Hakuin de um mal de estômago. «Eu posso curá-lo», garantiu Hakuin. «Amanhã não tome pequeno-almoço e venha diretamente aqui.»

O senhor apareceu cedo no dia seguinte e Hakuin informou-o: «Esta cura é secreta, por isso tem de seguir as minhas instruções à risca. Pode beber este chá, mas depois deve ficar neste quarto até eu voltar.»

Hakuin deixou o senhor sozinho. Ao meio-dia, ele estava esfomeado. Por volta das três da tarde, Hakuin entrou na sala com uma pequena tigela.

«Desculpe», disse Hakuin. «Demorou mais do que eu esperava a preparar o remédio. Aqui está.»

«O que é isto?», perguntou o senhor, pegando na tigela.

«Papas de trigo com um pouco de arroz e dois picles de daikon», explicou Hakuin. O senhor nunca vira tal comida, mas, temperada pela fome, soube-lhe maravilhosamente.

«Espero que tenha tomado a cura», disse Hakuin. «Quando as colheitas falham, os camponeses do seu domínio passam a fome que o senhor sentiu. Nunca se esqueça disso quando lhe pedirem ajuda. Papas e picles é o que eles comem — e é melhor para si do que a comida rica com que se empanturra.»

Hakuin não se cansava de lembrar a cada senhor samurai que o visitava que os agricultores eram o tesouro da nação e mereciam ser bem tratados. Nas suas cartas, ensaios e pinturas, instruía-os a serem sempre benevolentes, frugais e moderados — «tratem o povo com bondade e a raiz da nação florescerá; maltratem-no e o país será arruinado.»

Este mestre Zen fazia o que pregava. Hakuin vivia com a simplicidade de um camponês. Nos primeiros anos magros do seu tempo em Shōin-ji, não era raro a sopa de Hakuin vir temperada com larvas, pois o templo só tinha pasta de soja estragada que os agricultores deitavam fora. Uma vez, um senhor rico ofereceu-se para lhe fornecer tudo o que precisasse. «Ora, partimos uma tigela da cozinha esta manhã e agradeceríamos uma substituta», disse-lhe Hakuin. Quando o senhor regressou ao seu domínio em Bizen, região famosa pela cerâmica, mandou fazer várias tigelas finas para o templo de Hakuin. Hakuin exibiu uma das belas tigelas pendurando-a ao contrário num ramo de um pinheiro no jardim do templo. A tigela ainda lá está hoje, pendurada bem no alto.

Quando as condições melhoraram em Shōin-ji, Hakuin armazenou mantimentos e grão no templo para usar em tempos de fome. Plantou também centenas de árvores ao longo das margens do rio para prevenir cheias, experimentando pacientemente até descobrir que mudas pegavam melhor. (Ao que parece, Hakuin era um botânico entusiasta, pois deu a vários ensaios títulos com nomes de ervas daninhas — «Capim-de-ganso», «Cardos-de-cavalo», «Morangos-de-cobra», «Hera-brava» — e várias pinturas suas incluem plantas exóticas.)

Num dia de inverno amargamente frio, um senhor visitou Shōin-ji e Hakuin mandou aquecer saké para ele. Enquanto conversavam, Hakuin reparou no porta-lanças do senhor a tremer no átrio. «Porque não dá ao seu guarda uma chávena deste saké quente? O pobre homem está a morrer de frio.» Da vez seguinte que o senhor e o seu séquito passaram por Hara, o guarda — agora um samurai de pleno direito — foi agradecer a Hakuin. «No nosso domínio, se o senhor oferece a um soldado uma chávena de saké, ele é elevado ao estatuto de samurai [um costume que Hakuin bem conhecia]. Ser-lhe-ei grato para sempre.»

Hakuin prevenia os senhores contra o vício do sexo e o hábito dispendioso de se rodearem de mulheres vaidosas e frívolas. Criticava a prática comum de

estoirar pequenas fortunas para contratar cortesãs de Quioto — raparigas que depressa eram descartadas ou trocadas por outras — e indignava-se com o facto de até um terço do orçamento de um domínio poder ir para obter e manter um harém de concubinas.

Dois dos melhores discípulos de Hakuin foram Torei (1721–1792) e Suiō (1717–1789). Torei nascera numa família de comerciantes e, em criança, era sério e reflexivo, recusando-se a fazer mal até a piolhos. Foi um prodígio, muito à semelhança de Hakuin, e, quando tinha cinco anos, o famoso mestre Zen Kōgetsu hospedou-se em sua casa. O pequeno ficou tão impressionado com a mansidão de Kōgetsu que decidiu, ali mesmo, que queria segui-lo. Os pais fizeram tudo para o dissuadir, mas Torei acabou por obter permissão e foi ordenado noviço Zen aos nove anos. Treinou com Kōgetsu em Kyūshū durante alguns anos e, depois, aos vinte e dois, iniciou um período difícil de treino com Hakuin, que conhecera em Quioto. Adoeceu gravemente, porém — talvez com «doença do Zen» — e esteve à beira da morte; após recuperar, contou a Hakuin os ensinamentos que tirara dessa experiência e, pouco tempo depois, recebeu um *inka*.

Torei serviu como braço direito de Hakuin durante muitos anos e tornou-se o seu principal herdeiro. Foi abade de dois templos fundados por Hakuin: Muryō-ji, em 1752 (que não sobreviveu às perseguições budistas do século XIX), e Ryūtaku-ji, em 1760 (que floresce até hoje como centro internacional de treino Zen). Foi Torei quem compilou a primeira biografia de Hakuin e quem organizou sistematicamente os *kōan* do Zen ao estilo de Hakuin. Torei era tão rigoroso, meticuloso e perseverante como o mestre, e quase tão bom erudito. Dedicou-se a harmonizar as Três Grandes Doutrinas e afirmou: «O xintoísmo é a raiz, o confucionismo é o tronco e as folhas, e o budismo é a flor e o fruto doce.»

Suiō, por seu lado, era um espírito livre, não podendo ser mais diferente de Torei (ou de Hakuin). Ninguém sabia de onde viera realmente — corria o rumor de que era filho bastardo de um senhor e de uma cortesã. Mesmo depois de se tornar discípulo de Hakuin aos trinta anos, Suiō apreciava a companhia de mulheres e o sabor do saké. Não tinha paciência para *zazen* nem para cerimónias e só ia a Shōin-ji para ouvir Hakuin falar. Assim que a palestra terminava, Suiō regressava à sua cabana, sem sequer se dar ao trabalho de ser entrevistado pelo mestre. Por vezes, Hakuin mandava os assistentes atrás de Suiō, mas sem resultado.

Apesar da aversão de Suiō à vida de templo e do seu completo desprezo por regras e regulamentos, Hakuin tinha em alta conta a sua capacidade Zen e designou-o como sucessor em Shōin-ji quando se retirou, aos oitenta anos. Os

dois tiveram um desentendimento temporário, que magoou profundamente Hakuin, mas Suiō acabou por regressar como abade de Shōin-ji e esteve com Hakuin quando ele morreu. Mais tarde, Suiō foi sepultado ao lado do mestre. O feroz Hakuin devia ter um coração muito grande para amar tanto o irrequieto Suiō.

E Suiō manteve fielmente a tradição de Hakuin de usar pinturas magníficas para difundir a mensagem Zen. Durante a sua vida, Suiō encaminhou a maioria dos estudantes para treinarem com Torei, que era abade de Ryūtaku-ji.

Curiosamente, existe um *kōan* com Suiō e Torei que ainda hoje é por vezes usado no treino Zen Rinzai. Suiō disse a Torei: «Hoje em dia, toda a gente e o seu irmão não param de tagarelar sobre "ouvir o som de uma só mão". Mas o que é que achas que eles ouviram, de facto?» O *kōan* é: «O que respondeu Torei?»

Gasan (1727–1797), o último discípulo monástico de Hakuin, foi ter com ele quando o mestre já estava nos oitenta. Era um tipo atrevido, que estudara com mais de trinta mestres Zen; escreveu que não se deixou intimidar nem um pouco pela reputação de Hakuin, nem pelo facto de este ter mais de oitocentos estudantes. «Desafiei-o três vezes e três vezes ele me venceu. Fiquei boquiaberto.» Gasan foi mestre de Inzan (1754–1817) e Takuja (1760–1833), de quem descendem todas as principais escolas Rinzai atuais.

Embora nunca tenha tido o impacto da escola de Hakuin, importa mencionar a linhagem Zen de Kōgetsu. Muitos discípulos monásticos de Hakuin (incluindo Torei) começaram a treinar com Kōgetsu e só depois foram para Shōin-ji, quando aquele mestre se retirou; por isso, houve muita fertilização cruzada entre estilos — Ryōsaji (1706–1786), por exemplo, a primeira pessoa a receber um *inka* de Hakuin, regressou mais tarde a Kōgetsu e teve a sorte de beneficiar da sabedoria de ambos os mestres.

Kōgetsu nasceu em 1667, sendo portanto dezenove anos mais velho do que Hakuin. Tornou-se noviço Zen aos dez anos, mas o primeiro abade a quem serviu era alcoólico, e o jovem monge mal tinha mãos para cuidar dele, sem esperança de receber qualquer instrução nos clássicos. Uma noite, depois de deitar o abade embriagado, Kōgetsu encontrou um leproso encolhido no fundo do templo. Soube que o pobre homem fora, em tempos, o principal instrutor da instituição educativa do domínio, mas perdera o cargo quando contraiu a doença. Kōgetsu construiu um abrigo para o leproso e levava-lhe três refeições por dia em troca de lições.

Kōgetsu viria a tornar-se o maior erudito Zen do seu tempo e passou também anos em peregrinações, estudando com praticamente todos os mestres

Zen do país (incluindo Bankei). Tal como Hakuin, recusou ofertas de altos cargos nos mosteiros de Quioto e passou os últimos cinquenta anos da vida no longínquo Kyūshū, a estudar e a ensinar. A tradição Zen de Kōgetsu era mais suave, mais silenciosa e mais refinada do que a de Hakuin. Sengai (1750–1837), o único rival de Hakuin como artista Zen, pertenceu à linhagem de Kōgetsu, garantindo que esta tradição Zen viverá para sempre nos maravilhosos traços de pincel das suas pinturas.

O treino no Zen ao estilo de Hakuin exigia grande resistência, e a «saúde Zen» era um elemento importante do seu ensino. Citando os clássicos médicos da China, Hakuin instruía os discípulos:

A chave para nutrir a vida é fortalecer o corpo.
O segredo de fortalecer o corpo está em concentrar o espírito.
Quando o espírito está concentrado, a energia desenvolve-se.
Quando a energia se desenvolve, forja-se o elixir da vida.
Quando o elixir da vida é forjado, o corpo torna-se firme.
Quando o corpo se torna firme, o espírito aperfeiçoa-se. (…)
O elixir da vida, a «respiração vital», é forjado e concentrado
no *tan*, um ponto a dois dedos abaixo do umbigo.
À medida que se desenvolve, essa zona deve tornar-se pendente
e bem arredondada, um reservatório de energia e saúde.

Hakuin seguia este método e gabava-se de ter dez vezes mais vitalidade aos setenta do que aos trinta. Sem se cansar, conseguia sentar-se em *zazen* o dia inteiro, entoar sutras de manhã à noite e falar ou escrever durante horas.

Ainda assim, muitos dos seus discípulos adoeceram, alguns com a «doença do Zen» que, em tempos, devastara o próprio Hakuin. O jovem Hakuin era claramente maníaco-depressivo, e hoje o seu mal seria diagnosticado como uma crise nervosa. O método que Hakuin concebeu para tratar a condição chamou-se *naikan*, «introspeção». Hakuin descreveu o *naikan* no livro *Conversa ao Anoitecer num Barco* (*Yasen kanna*) e, de facto, a terapia *naikan* foi adotada por certos psiquiatras modernos, tanto no Japão como no Ocidente. Embora se diga que Hakuin aprendeu o *naikan* com um eremita misterioso e de grande idade chamado Hakuyū, a investigação moderna indica que ele reuniu, em *Conversa ao Anoitecer*, métodos provenientes de várias fontes, bem como das suas próprias experiências e experiências prolongadas de cura da mente.

Para curar o temido mal, Hakuin prescrevia (além da «pílula» de «ver a própria natureza e tornar-se o Buda», o melhor remédio que existe) este tratamento:

Imagina uma massa do tamanho de um ovo de pata,
feita do creme mais doce e mais perfumado,
pousada no alto da tua cabeça.
Deixa-a derreter lentamente para baixo, através do corpo,
enchendo cada poro e expulsando toda a doença e enfermidade
à medida que se espalha até às solas dos pés.
À medida que o creme morno volta a subir pelo corpo,
os órgãos internos purificam-se,
a pele torna-se luminosa
e o equilíbrio entre corpo e mente é restaurado.

Hakuin recomendava ainda usar a própria «doença» como *kōan*: «Primeiro, usa a tua doença para encarar a morte diretamente e resolver esse problema fundamental; segundo, apoia-te no poder da respiração para sustentar a vida; terceiro, reflete sobre como te comportarás se recuperares e te for dado um novo arrendamento de vida.»

Para além destas técnicas de saúde mental, Hakuin concebeu um sistema prático de auto-massagem para manter o corpo em forma:

1. Massajar a palma de cada mão com o polegar.
2. Juntar os dedos de ambas as mãos e esticá-los.
3. Esfregar as mãos uma na outra.
4. Massajar cada polegar.
5. Massajar os tendões de cada dedo.
6. Puxar os dedos.
7. Estender os braços e levantá-los.
8. Massajar as faces.
9. Massajar o nariz do lado esquerdo e do lado direito.
10. Massajar a testa de um lado para o outro.
11. Massajar por baixo das sobrancelhas.
12. Massajar as orelhas num movimento descendente.
13. Puxar suavemente as orelhas.
14. Colocar o indicador apropriado no ouvido e dar uma pancada leve, uma vez.
15. Massajar as têmporas.
16. Segurar a cabeça com ambas as mãos e incliná-la completamente para trás.
17. Rodar a cabeça para a esquerda e para a direita.
18. Torcer o tronco, primeiro para um lado, depois para o outro, três vezes.

19. Fazer nove prostrações completas.
20. Juntar as mãos e elevá-las acima da cabeça; depois baixá-las.
21. Rodar os ombros.
22. Bater levemente nos joelhos com os punhos.
23. Bater levemente no tronco com os punhos.

Apesar de tanta preocupação atenta com a saúde física e mental dos discípulos, vários monges morreram durante o treino em Shōin-ji — quase setenta lápides alinham-se por trás do túmulo de Hakuin.

No tempo de Ikkyū, a caligrafia e a pintura tinham-se tornado um veículo central de ensino Zen. Foi Hakuin, porém, quem levou o uso da arte Zen como «traços de pincel da iluminação» ao auge. Como já foi referido, depois de ver uma peça de caligrafia Zen, o jovem Hakuin queimou os seus pincéis, frustrado: «a única forma de criar um trabalho de pincel tão profundo é aperfeiçoar a mente». Só quase aos sessenta anos, quando dominou a meditação em ação, é que Hakuin voltou a pintar com seriedade.

Embora fosse obviamente talentoso desde o nascimento, não é claro onde Hakuin adquiriu tamanha perícia técnica com o pincel. É provável que tenha estudado informalmente com Suiō, que era um excelente pintor, e talvez tenha recebido alguma orientação do seu discípulo intermitente Ike no Taiga, um dos grandes artistas do seu tempo. Nas três últimas décadas da vida, Hakuin produziu um vasto número de pinturas sobre uma variedade extraordinária de temas, desde cenas a cores, com muitas figuras e diversos motivos e submotivos, até cartuns desenhados de forma rude. A par de temas Zen tradicionais, tratados de maneira surpreendentemente fresca e muito pessoal, Hakuin inspirou-se noutras escolas do Budismo, no confucionismo, no xintoísmo, no taoismo, na religião popular e na vida quotidiana (incluía muitas vezes o próprio rosto e os rostos dos paroquianos nas pinturas).

A sua caligrafia também ia muito além das palavras sombrias dos Budas e Patriarcas, abrangendo lengalengas, baladas populares, versos humorísticos e canções brejeiras dos bairros de gueixas. As obras de Hakuin eram «pinturas que libertam os seres», como diz um dos seus selos. Eram sermões visuais que produziam um impacto muito maior do que uma longa palestra intrincada ou um comentário a um texto difícil. Cada um dos estudantes e paroquianos de Hakuin conseguia relacionar-se diretamente com a arte do mestre, que tinha um efeito imediato e duradouro em quem a contemplava.

Em certo sentido, o trabalho de Hakuin era «antiarte», tal como o Zen é «antipalavras». Nunca foi criado conscientemente para ser bonito ou decorativo. Na verdade, Hakuin nunca corrigia erros ou omissões na sua caligrafia — e, se o

papel tivesse pingos ou marcas de patas de gato, tanto melhor! Em peças grandes, Hakuin fazia muitas vezes um esboço prévio; mas, em vez de o apagar, desenhava por cima, criando uma espécie de efeito tridimensional.

A caligrafia de Hakuin era tida como um talismã poderoso, e o seu traço era muito procurado. Escreveu: «Em vez de pendurarem quadros vistosos nas vossas casas, exponham no *tokonoma* pinturas com ensinamentos Zen; honrem essa tradição com respeito e ficarão livres de aflição.» Ainda hoje, muitos antiquários de Quioto têm pelo menos uma peça de Hakuin na loja para a proteger contra incêndios. Hakuin viajou bastante pelos sessenta e setenta anos e, quando visitava uma casa particular, deixava frequentemente uma ou duas peças de arte Zen como pagamento. Se a hospedagem fosse uma mansão senhorial, Hakuin podia pedir pincel e tinta e decorar, ali mesmo, um biombo dobrável ou uma porta de correr de papel.

Hakuin gostava de caricaturar monges diletantes na sua arte Zen. Ridicularizou muitas vezes Yoshida Kenkō (1283–1350), homem de letras e autor de *Ensaios na Ociosidade* (*Tsurezure-gusa*), retratando-o como um macaco a tentar, tolamente, agarrar o reflexo da lua na água, ou a escrever, num papel, as linhas iniciais desse livro. O Zen de Yoshida — sugeria a pintura — era um embuste. Os verdadeiros mestres Zen não vivem num retiro refinado, a brincar com arte e religião. Estão no mundo real, a testar constantemente a qualidade do seu despertar. Por isso, Hakuin pintava Hotei, o «Buda risonho», como um lojista, com esta inscrição: «Os lojistas também têm de ouvir o som de uma só mão a bater palmas; caso contrário, o negócio vai cheirar mal!»

Para exibição destacada no *tokonoma*, pessoas ricas podiam encomendar uma enorme caligrafia do carácter «Virtude», com esta dose de sabedoria:

Se amontoares dinheiro para os teus herdeiros,
eles hão de o desperdiçar; se juntares livros para eles,
é provável que não leiam uma palavra. É melhor
acumular virtude sem ostentação — um legado assim
dura muito, muito tempo.

Mercadores sovinas, que apertavam demais com os empregados, recebiam este sermão visual de Hakuin:

«COMPAIXÃO»
Eles também são teus filhos,
As pessoas ao teu serviço;
Pensa nelas

Como pensarias
Nos teus próprios filhos amados.

Discípulos em luta recebiam esta caligrafia encorajadora:

«PERSEVERANÇA»
Uma qualidade maior
Do que qualquer preceito
Ou virtude:
A perseverança torna
As pessoas grandes.

Hakuin escrevia frequentemente o carácter «morte» e acrescentava-lhe inscrições como:

Jovens!
Se não querem morrer,
então morram agora; se morrerem uma vez,
não morrerão outra vez!

Quem vê
Através da morte
Torna-se um Imortal
Sem idade e sem morte.

A morte, o grande motor
Dos Patriarcas de antigamente
E o fundamento da vida humana.

Por vezes, Hakuin escrevia um *kan* como «Qual é a natureza de ver, ouvir, aprender e saber?» e mandava o aprendiz pendurá-lo no quarto e contemplá-lo de manhã e à noite até o sentido se tornar claro. Outro *kōan* visual favorito era o de Yen-t'ou: «Se estás nem que seja um pouco desatento, és exatamente como um cadáver.» Ou seja: se o coração não está totalmente no que estás a fazer, a ação é morta.

Os Darumas gigantes de meio-corpo — alguns com mais de um metro e oitenta — eram a marca de Hakuin. Esses Darumas (na verdade, autorretratos) trazem muitas vezes o seu grito de guerra do Zen: «Vê a tua natureza e torna-te o Buda!» Outras inscrições favoritas eram: «Estou de olho em ti [por isso despacha-te a acordar]!» e «Olhes para onde olhares [não escapas ao meu olhar, por isso anda daí]!» Hakuin também era capaz de criar imagens suaves de Kannon, provando que se identificava com o princípio feminino tanto quanto com o masculino.

Hakuin admirava Ikkyū (chegou mesmo a fazer uma pintura de Ikkyū a carregar um crânio pelas ruas de Quioto no Dia de Ano Novo), mas o seu estilo de vida era muito mais sóbrio e parece que nunca esteve envolvido, sexual ou emocionalmente, com mulheres (ou homens) ao longo da sua longa carreira de mestre Zen. Contudo, ensinava claramente que o sexo, se bem utilizado, era uma forma válida de meditação em ação. Atribuía a todos os discípulos o difícil *kōan* «O monge e a jovem rapariga» e pintava inúmeras «pinturas-talismã» sexuais para os leigos da sua paróquia.

Algumas eram enormes caligrafias do traço único que representa o carácter *ichi*, «um», na forma de falos gigantescos, com inscrições como «Todas as coisas regressam ao um; para onde regressa o um?» ou «Mesmo no vento mais feroz isto não vacila!» O talismã sexual favorito de Hakuin era uma pintura de um *bonseki*, uma paisagem em miniatura que, na verdade, era um falo disfarçado, plenamente ereto. Em pinturas do monte Fuji — símbolo convencional de união sexual — Hakuin escrevia esta pequena canção de amor: «Ó bela Senhorita Fuji, por favor, tira o teu véu de nuvens e mostra-me a tua pele branca de neve.» E a heroína de muitas pinturas de Hakuin era Otafuku, a prostituta feia do interior com coração de ouro, que representava o amor imaculado e a compaixão pura de Kannon.

Hakuin viveu em semirreforma nos últimos três anos de vida, e as peças produzidas nesse período são extraordinariamente lúcidas, claras e poderosas — manifestações audazes da visão profunda de um verdadeiro mestre Zen. Hoje há uma consciência crescente, no Oriente e no Ocidente, de que a pintura e a caligrafia de Hakuin são tão importantes para a história cultural mundial como a arte de Rembrandt. Há agora dezenas de peças de Hakuin de grande qualidade em coleções americanas e europeias, e exposições das suas obras-primas têm comovido, inspirado e instruído pessoas por todo o mundo. (A propósito, Hakuin era também um escultor consumado e esculpiu muitas peças finas, incluindo, diz-se, a imagem severa de si próprio que está no salão de Shōin-ji.)

No último ano de vida, o velho mestre viajou até um templo para dar uma palestra. À chegada, colapsou subitamente, sacudido por calafrios violentos. Uma mulher de meia-idade perguntou o que podia fazer por ele, e Hakuin respondeu: «Aquece-me com o teu corpo.» Ela despiu-se e abraçou Hakuin; ele adormeceu durante algumas horas nos seus braços, suou a doença e recuperou.

O fim, porém, estava próximo e, no inverno de 1768, um médico examinou o mestre já debilitado. Ao sentir-lhe o pulso, o médico disse: «Parece estar tudo bem.» «Belo médico», resmungou Hakuin. «Não vê que dentro de três dias já cá não estarei?» A última peça de caligrafia de Hakuin foi a sua declaração de vida:

um enorme carácter para «no meio» (*chū*), com a inscrição: «A meditação NO MEIO da ação é mil milhões de vezes superior à meditação na imobilidade.» Ao amanhecer do décimo primeiro dia do décimo segundo mês, Hakuin acordou de um sono tranquilo, soltou um grito terrível, rolou para o lado direito e morreu.

Após a cremação, as cinzas de Hakuin — divididas entre Shōin-ji, Ryūtaku-ji e Muryō-ji — diz-se que tinham o brilho do coral e um perfume semelhante a especiarias.

Ryōkan Taigu

(1758–1831)

Ryōkan nasceu algures em 1758 (a data exata é desconhecida), na remota aldeia costeira de Izumozaki, na província de Echigo, hoje chamada província de Niigata. Esta zona do norte de Honshū é «terra de neve», onde, no auge do inverno, os montes de neve obrigam os habitantes a entrar e sair das casas pelo segundo andar. O distrito é também famoso por alguns dos piores sismos da história do Japão e é conhecido pela bela ilha de Sadō, lugar de exílio para rebeldes e fonte do ouro do xogum, extraído das suas minas produtivas.

O pai de Ryōkan, Inan (1738–1795), era o chefe hereditário da aldeia e sacerdote xintoísta. Inan era também um poeta de alguma nota, associado à distância à escola de haiku de Bashō. Eis um dos seus versos:

> Sempre a mudar,
> Nuvens de verão sobem lentamente,
> Alto por cima das colinas.

Pouco se sabe sobre a mãe de Ryōkan, além de que nasceu em Sadō, mas, pelo que se depreende dos poemas de Ryōkan, parece ter sido uma pessoa terna e amorosa:

> Nos meus sonhos,
> A forma da mãe aparece
> De manhã e à noite,
> Na névoa distante que envolve
> As margens de Sadō.

O nome de infância de Ryōkan era Eizō. Rapaz calmo e aplicado, que adorava livros, foi inscrito numa academia confucionista por volta dos dez anos e aí recebeu a educação básica nos clássicos da China e do Japão. Anos mais tarde,

Ryōkan visitou a sepultura do seu primeiro mestre, Ōmori Shiyō (m. 1791), e compôs este poema comovente em sua memória:

> Uma sepultura antiga, escondida ao pé
> de uma colina deserta,
> Tomada por ervas daninhas, crescidas sem controlo
> ano após ano;
> Já não há ninguém que cuide do túmulo,
> E só de vez em quando passa um lenhador.
> Outrora fui seu aluno, um jovem de cabelo desgrenhado,
> Aprendendo profundamente com ele junto ao Rio Estreito.
> Numa manhã, parti na minha viagem solitária
> E os anos passaram entre nós, em silêncio.
> Agora regressei e encontro-o a repousar aqui.
> Como posso honrar o seu espírito que partiu?
> Deito um cântaro de água pura sobre a lápide
> E ofereço uma prece silenciosa.
> O sol desaparece de repente por trás da colina,
> E fico envolto no rugido do vento nos pinheiros.
> Tento afastar-me, mas não consigo;
> Uma enxurrada de lágrimas encharca-me as mangas.

Sob a orientação de Shiyō, Ryōkan desenvolveu um amor para toda a vida pelos clássicos de Confúcio. Muitas vezes a mãe mandava o rapaz sair de casa para ir a festejos na aldeia e, mais tarde, ia encontrá-lo instalado debaixo de uma lanterna de pedra no jardim, a ler as *Analectas*. (Quando Ryōkan cresceu, descreveu o mestre chinês não como modelo de ortodoxia e correção enfadonha, mas como um buscador da verdade caloroso, humilde e independente, injustamente condenado pelos contemporâneos por devaneios impráticos.) Em jovem, Ryōkan gostava sobretudo de caminhadas solitárias ao longo da costa voltada para o bravo e tempestuoso Mar do Japão, ou de quietas contemplações debaixo de um velho pinheiro no jardim da família. Mesmo em criança, nunca mentia nem discutia com outros rapazes.

Inan, errático e volátil, estava ansioso por passar o cargo de chefe da aldeia ao filho mais velho assim que Ryōkan chegasse à maioridade. Infelizmente — ainda que por motivos diferentes —, o Ryōkan de dezassete anos não tinha perfil para o lugar. Honesto e conciliador por natureza, detestava qualquer tipo de contenda; totalmente ingénuo, não compreendia porque é que os outros não eram igualmente transparentes. Depois de uma crise espiritual, decidiu deixar casa e tornar-se monge budista.

Dão-se várias explicações para este ato dramático: Ryōkan percebeu que lhe faltava a astúcia exigida a um líder político; ficou horrorizado com a execução sangrenta de um aldeão condenado por um crime grave (o chefe da aldeia tinha de servir como testemunha oficial nessas execuções); ou teve uma súbita «iluminação» após um período de vida dissoluta.

Ao que parece, o jovem Ryōkan, tão livresco, transformou-se por pouco tempo num Don Juan — «Quando aquele rapaz anda por aí», diziam os aldeões, «é melhor avisar as vossas filhas.» Segundo um relato, Ryōkan estava uma vez numa festa com a sua gueixa favorita. A celebração prolongou-se noite dentro, mas ele foi ficando cada vez mais sombrio. A amante fez o possível para o animar, mas nada conseguiu dissipar a sua tristeza difusa. Depois de gastar todo o dinheiro, voltou para casa num desespero profundo.

Na manhã seguinte, a família encontrou-o de cabeça rapada e vestido com um quimono branco. Falando pouco, partiu para um templo próximo para pedir admissão como noviço. Pelo caminho, encontrou a gueixa, que lhe suplicou que reconsiderasse. Ryōkan permaneceu em silêncio e continuou resoluto.

Na verdade, é provável que tenha sido uma combinação de todos estes fatores que levou Ryōkan a renunciar ao mundo. Além disso, dada a sua educação culta — vários membros da família também entraram na vida religiosa —, não surpreende que procurasse consolo na religião. O cargo de chefe da aldeia passou para o irmão, Yoshiyuki (1762–1834), que se revelou o pior administrador possível e acabou por esbanjar as fortunas da família.

Ryōkan treinou como noviço em Kōshō-ji, o templo Zen Sōtō local, durante vários anos. Por volta de 1780, o mestre Zen Kokusen (m. 1791) visitou Kōshō-ji e Ryōkan, profundamente impressionado com o porte sincero e aplicado do mestre, pediu — e obteve — permissão para se tornar formalmente seu discípulo. Assim, regressaram juntos a Entsū-ji, o mosteiro de Kokusen em Tamashima (na atual província de Okayama).

Entsū-ji é um pequeno conjunto encantador, com um belo bambuzal e um lago de lótus, situado numa colina com vista para o porto de Tamashima. (A maior parte dos edifícios do tempo de Ryōkan ainda existe.) Tamashima era um centro comercial próspero e Entsū-ji floresceu sob a direção de Kokusen, nunca tendo menos de quarenta monges em formação. Tal como o mestre de Ikkyū, Kasō, e o mestre de Hakuin, Shōju, Kokusen era um mestre prático, de poucas tretas, que declarava que o seu Zen consistia em «amontoar pedras e transportar terra». Ou seja: a prática Zen deve fazer-se no meio das tarefas diárias da vida.

Uma das figuras favoritas de Ryōkan na comunidade era Senkei (datas desconhecidas), um monge que encarnava o ensinamento de Kokusen:

Sacerdote Senkei, verdadeiro homem do Caminho!
Trabalhava em silêncio — palavras a mais não eram com ele.
Durante trinta anos ficou na comunidade de Kokusen.
Nunca fazia meditação, nunca lia os sutras,
Nunca dizia uma palavra sobre Budismo —
Apenas trabalhava pelo bem de todos.
Vi-o mas, na verdade, não o vi;
Encontrei-o mas, na verdade, não o encontrei.
Ah, é impossível imitá-lo,
Sacerdote Senkei, verdadeiro homem do Caminho!

Ryōkan passou os dez anos seguintes em Entsū-ji, dedicando-se ao treino Zen e ao estudo mais aprofundado dos clássicos chineses, sutras budistas, poesia e caligrafia. Já em idade avançada, recordou esses anos em poemas como estes:

Em Entsū-ji, há tanto tempo —
Quantas vezes o inverno deu lugar à primavera?
Para lá do portão, mil casas,
E nem um único conhecido.
Quando a minha túnica se sujava, eu lavava-a;
Se a comida acabava, pedíamos na vila.
Estudei as vidas de sacerdotes eminentes
E compreendi o seu elogio da santa pobreza.

Ao lembrar-me, recordo os meus dias em Entsū-ji
E a luta solitária para encontrar o Caminho.
Carregar lenha lembrava-me o Leigo Hō;
Quando polia arroz, o Sexto Patriarca vinha-me à mente.
Eu era sempre o primeiro na fila para receber o ensino do Mestre,
E nunca perdia uma hora de meditação.
Trinta anos voaram
Desde que deixei as colinas verdes e o mar azul
Daquele lugar tão belo.
Que foi feito de todos os meus companheiros discípulos?
E como poderia eu esquecer a bondade
Do meu amado mestre?
As lágrimas correm sem fim, misturando-se
Com o remoinho do ribeiro da montanha.

Houve também momentos mais leves em Entsū-ji para Ryōkan:

Os longos dias de verão em Entsū-ji!
Tudo era fresco e puro.
Sentimentos mundanos nunca vinham à tona.
À sombra fresca, lendo poesia, beleza por toda a volta,
Eu suportava o calor escutando
O som refrescante da roda de água.

Na colina atrás de Entsū-ji, escondíamo-nos no bosque,
Fugindo ao calor e bebendo saké
Para descontrair.
Esvaziámos a garrafa e compusemos alguns poemas.
Sem que os outros dessem por nós, ficámos contentes
Até que o sino nos chamou lá para dentro!

Durante a sua permanência em Entsū-ji, Ryōkan apaixonou-se pelos escritos de Dōgen (1200–1253), fundador da escola Zen Sōtō no Japão. Era especialmente devoto das Quatro Grandes Virtudes de Dōgen: Caridade, Palavras Bondosas, Boas Obras e Empatia. Ryōkan aplicou essas virtudes de forma concreta, como se vê neste exemplo. Naqueles tempos, ladrões mascaravam-se muitas vezes de monges e o desleixado Ryōkan foi detido várias vezes pelas autoridades desconfiadas quando andava nas rondas de esmolas. À semelhança de Hakuin no episódio do bebé, Ryōkan também nada dizia em sua defesa, mesmo quando o ameaçavam bater. As suas palavras gentis, o porte calmo e a não-violência acabavam por prevalecer, e ele era libertado sem mal, de cada vez.

Em 1790, aos trinta e dois anos, Ryōkan foi nomeado monge-chefe do mosteiro e recebeu um *inka*. Ao contrário das experiências de iluminação intensas e quase melodramáticas de Ikkyū e Hakuin, Ryōkan parece não ter tido um único rompimento particularmente avassalador; a sua iluminação foi antes um florescimento natural, de acordo com a tradição Sōtō, discreta, de «apenas sentar como o Buda» e de «prática e iluminação são uma só».

Quando recebeu o *inka*, passou a chamar-se «Ryōkan Taigu». «Ryō» significa «bom» e «kan» significa «vasto» no sentido de generoso e de grande coração. «Taigu» é «Grande Tolo», sugerindo uma simplicidade infantil e ausência de pose e fingimento. Kokusen aludiu a essas qualidades no *inka* que deu ao seu melhor discípulo:

Ryo parece tolo, mas percorre o vasto Caminho;
Livre de amarras, quem o pode sondar?

Entrego este certificado, juntamente com um bastão
de madeira da montanha;
Por onde quer que vagueie, conservará a paz
alcançada dentro destas paredes.

Este documento foi o bem mais precioso de Ryōkan, e ele guardou-o consigo pelo resto da vida.

Kokusen morreu no ano seguinte e Ryōkan deixou Entsū-ji para iniciar uma longa peregrinação, a vaguear com as nuvens e a fluir com a água. Ao longo desses cinco anos, Ryōkan parece ter permanecido sobretudo em zonas rurais, dormindo nos campos ou ficando por pouco tempo em abrigos improvisados, evitando centros urbanos e grandes mosteiros. No entanto, procurou o Mestre Zen Shiryū (datas desconhecidas), de Daitoku-ji, o templo-mãe de Ikkyū.

Quando Ryōkan chegou aos portões de Daitoku-ji, foi friamente enxotado: disseram-lhe que Shiryū vivia agora retirado e não recebia ninguém. Ryōkan não se deixou demover. Esgueirou-se para dentro do recinto, saltou o enorme muro e ficou à espera junto ao eremitério do abade. Depois, deixou um bilhete dirigido a Shiryū, preso com uma pedra sobre a bacia de pedra para as abluções, na esperança de que o abade o visse ao sair para o serviço da madrugada. Alguns monges descobriram Ryōkan e começaram a expulsá-lo, mas Shiryū apareceu, leu o pedido sincero e disse-lhe que podia visitar quando quisesse. Mais tarde, Ryōkan contou aos amigos que beneficiara muito do ensinamento ao estilo Rinzai de Shiryū.

O único outro relato que temos das andanças de Ryōkan é o de Kondō Manjō (m. 1848), que o encontrou no sul de Shikoku:

Quando eu tinha pouco mais de vinte anos, viajei para o distrito de Tosa. Ao anoitecer, num certo dia, fui apanhado por uma tempestade e, como estava longe da cidade do castelo, procurei abrigo numa cabana solitária à beira da estrada. Lá vivia um monge mal vestido, que me convidou a entrar, pedindo desculpa por não haver nada para comer nem qualquer cama. Depois da nossa conversa inicial, não disse mais nada e limitou-se a sentar-se, em silêncio, na postura de meditação.

Achei que talvez tivesse algum defeito da cabeça. Adormeci e, na manhã seguinte, ele partilhou comigo a sua papa rala. Na cabana havia apenas uma pequena imagem do Buda, uma secretária baixa e dois livros. Peguei num deles: era uma edição Tang dos escritos de Zhuangzi; lá dentro havia cópias de poemas do eremita, escritos numa belíssima cursiva. Percebi então que aquele não era um monge qualquer. Pedi-lhe que inscrevesse dois leques em branco que eu

trazia comigo. Num deles pintou flores de ameixeira; no outro, o monte Fuji. Assinou: «Ryōkan, natural de Echigo». Recusou aceitar dinheiro, mas aceitou com gosto algum papel de caligrafia.

A mãe de Ryōkan morrera durante a sua estadia em Entsū-ji e o pai, Inan, sempre inquieto e temperamental, abandonou a casa e acabou em Quioto, onde um dos irmãos de Ryōkan alcançara fama como erudito. Ali, em 1795, o desalentado Inan pôs termo à sua vida atribulada, atirando-se ao rio Katsura. Profundamente triste com a notícia da morte trágica do pai, Ryōkan foi a Quioto para realizar um serviço memorial por ele e, depois, fez uma peregrinação ao monte sagrado de Kōya, para rezar pelo repouso das almas de ambos os pais.

Em Quioto, Ryōkan recebeu cópias dos últimos poemas do pai e escreveu então:

Os cartões de poemas
Do meu pai ficam
Embaçados com as minhas lágrimas,
À medida que recordo
Tempos juntos, de há muito.

Como herdeiro do Dharma de Kokusen, um dos mestres Zen Sōtō mais respeitados do seu tempo, Ryōkan podia facilmente ter assumido a chefia de um grande templo. Mas os anos de pobreza devota e de liberdade nos campos fizeram-no detestar a ideia de ficar preso aos encargos de um templo. Além disso, nessa altura havia uma rivalidade feroz entre as fações de Eihei-ji e de Sōji-ji dentro do Zen Sōtō, e Ryōkan, como abade, teria inevitavelmente sido arrastado para o conflito.

Sem plano definido, o Ryōkan de quarenta anos foi derivando de volta à terra natal, saboreando pelo caminho os lugares belos e os sítios sagrados do Japão. Quando finalmente regressou a Echigo, registou os seus pensamentos nestes dois poemas:

Regressei à minha aldeia de outrora e,
Ao adoecer, descanso numa estalagem local.
Escuto o som da chuva —
Uma túnica, uma tigela, é tudo o que tenho.

Recuperando um pouco, ergo o meu corpo fraco,
Acendo incenso e sento-me em meditação;
Toda a noite, a chuva cai, triste,
Enquanto sonho com a minha longa peregrinação de anos passados.

Há muito renunciei ao mundo para procurar um verdadeiro mestre;
Regresso à minha aldeia natal depois de vinte anos,
Os meus únicos bens: uma túnica, uma tigela.
Pergunto pelos meus velhos amigos —
A maioria tornou-se nomes em lápides cobertas de musgo.

Um dia, apareceu em Gomoto — uma aldeia a cerca de dez milhas a norte de Izumozaki — um monge gasto pelo tempo. Deram-lhe permissão para viver numa cabana degradada e ele depressa se tornou uma figura habitual na vila. Quando recebia mais comida do que precisava para um dia, dava-a a aves e animais. As pessoas reconheceram rapidamente a sua virtude e começaram a ajudá-lo com roupa e comida; mas o monge continuava a passar os seus poucos bens a mendigos ainda mais necessitados. Alguns aldeões acharam que aquele monge estranho lhes era vagamente familiar e um deles foi visitá-lo. A cabana estava vazia, exceto por alguns poemas belissimamente escritos, a decorar as paredes. O visitante fez a ligação e avisou a família de Ryōkan de que o irmão desaparecido estava de volta. Ryōkan, porém, recusou regressar à casa ancestral e devolveu a maior parte dos mantimentos que a família lhe enviou.

Ryōkan viveu em vários eremitérios nos arredores, até finalmente se fixar em Gogo-an, uma construção robusta, isolada numa densa floresta de pinheiros e cedros antigos, atrás de Kokujō-ji, no monte Kugami. O nome do eremitério significa «cinco taças», a tença diária de arroz recebida por um antigo abade Shingon de Kokujō-ji, que mandara construir Gogo-an para a sua reforma.

Ryōkan viveu em Gogo-an de 1797 a 1802 e de 1804 a 1816. (Entre 1802 e 1804, um abade reformado de Kokujō-ji usou o eremitério e, nesse período, Ryōkan ficou noutros templos Shingon da zona.) Ryōkan escolheu ser eremita, mas não do tipo que se encerra numa solidão total, afastado da humanidade. Queria imitar o Buda, capaz de passar com equanimidade entre os domínios do sagrado e do profano:

Este é o Caminho por onde Ele viajou para fugir ao mundo;
Este é o Caminho por onde Ele viajou para regressar ao mundo.
Eu também vou e venho por este Caminho Sagrado
Que faz ponte sobre a vida e a morte, e atravessa a ilusão.

Como eremita, Ryōkan sentava-se numa almofada de meditação e vivia como os patriarcas Zen de antigamente, buscando a iluminação no fundo das montanhas:

Na quietude, junto à janela vazia,
Sento-me em meditação formal, com a minha sobrepeliz de monge,

Umbigo e nariz alinhados,
Orelhas paralelas aos ombros.
O luar inunda o quarto;
A chuva pára, mas o beiral pinga e pinga.
Aperfeiçoa este instante —
Na vastidão vazia, o meu entendimento aprofunda-se.

À noite, no fundo das montanhas,
Sento-me em meditação.
Os assuntos dos homens nunca chegam aqui;
Tudo está quieto e vazio,
Todo o incenso foi engolido
Pela noite sem fim.
A minha túnica tornou-se uma veste de orvalho.
Sem conseguir dormir, saio para o bosque —
De súbito, acima do pico mais alto,
Surge a lua cheia.

A minha vida é pobre
Mas a minha mente é tão clara
À medida que passo
Dia após dia
Nesta cabana de erva.

Como o pequeno ribeiro
A abrir caminho
Por fendas cobertas de musgo,
Eu também, em silêncio,
Me torno claro e transparente.

Quando todos os pensamentos
Se esgotam,
Escorrego para o bosque
E apanho
Um molho de bolsa-de-pastor.

Rasgada e esfarrapada, rasgada e esfarrapada,
Rasgada e esfarrapada é esta vida.
Comida? Legumes silvestres da berma da estrada.
Arbustos e silvados avançam em direção à minha cabana.
Muitas vezes, eu e a lua ficamos juntos a noite inteira,

E mais do que uma vez me perdi entre as flores bravas,
Esquecendo-me de voltar a casa.

Não admira que eu tenha deixado a vida de comunidade:
Como poderia um monge assim tão louco viver num templo?

Vivendo no fundo das montanhas, toda a natureza se tornou companheira de Ryōkan:

Se o teu eremitério
Fica no fundo das montanhas,
Certamente a lua,
As flores e as folhas vermelhas
Se tornarão teus amigos.

Peónias bravas,
Agora no auge,
Em gloriosa flor cheia:
Demasiado preciosas para colher,
Demasiado preciosas para não colher.

«Orquídea»
No fundo do vale, a beleza esconde-se:
Serena, sem par, incomparavelmente doce.

À sombra quieta do bambuzal,
Parece suspirar suavemente por um amante.

As plantas e as flores
Que criei à volta da minha cabana,
Agora entrego-as
À vontade
Do vento.

Certo dia de primavera, Ryōkan reparou em três rebentos de bambu a crescerem debaixo da sua varanda. O bambu cresce depressa e, em pouco tempo, os rebentos começaram a empurrar a parte inferior do soalho. Ryōkan ficou inquieto, porque não gostava de ver nada sofrer — nem sequer plantas. Decidiu abrir um buraco no chão e queimar uma abertura na parte do telhado de colmo que cobria a varanda, para permitir que o bambu crescesse sem impedimentos; mas, quando aproximou uma vela daquela zona do telhado, toda a varanda pegou fogo e ardeu por completo.

Ryōkan fez um serviço fúnebre pelo bambu assado e depois construiu uma varanda sem telhado, com tábuas de chão deslizantes que deixavam os rebentos passar.

Embora se afastasse do mundo, Ryōkan não o detestava:

Não é que
Eu não deseje
Misturar-me com os outros,
Mas viver sozinho, em liberdade,
É um caminho melhor para mim.

Quando penso
Na miséria
Dos que vivem neste mundo,
A tristeza deles
Torna-se minha.

Ah, quem me dera que a minha túnica de monge
Fosse larga o suficiente
Para acolher
Todos os que sofrem
Neste mundo flutuante.

Segundo as «Dez Imagens do Pastoreio do Boi», o culminar da prática Zen é «regressar ao mercado com mãos que concedem bem-aventurança»; e Ryōkan, tal como Ikkyū e Hakuin antes dele, conviveu com todo o tipo de gente — senhores, mendigos, camponeses, mercadores, peixeiros, estalajadeiros, cortesãs, crianças, párias — sem condescendência nem repulsa.

Ryōkan foi um dos poucos monges budistas japoneses que viveram inteiramente de esmolas. Embora Ikkyū e Hakuin tenham passado algum tempo como mendicantes, na maior parte das suas carreiras — como quase todos os clérigos budistas, ontem e hoje — dependiam de patronos ricos ou de um grupo regular de paroquianos. Ryōkan, porém, louvava o pedir comida como o «sangue vital da vida monástica», uma prática sagrada estabelecida pelo próprio Buda, e seguiu fielmente a regra da pobreza ao longo de toda a vida.

As nuvens foram-se,
O céu está limpo —
Pedir comida
Com um coração puro
É uma bênção do céu.

«A comida», escreveu Ryōkan uma vez, «deve ser recebida como as abelhas recolhem néctar das flores; deve-se pedir esmola tão discretamente como o luar a iluminar um campo.» Num poema, Ryōkan afirmou: «Batei a todas as portas, mesmo às dos comerciantes de vinho e dos peixeiros, tal como o Príncipe dos Mendigos [o Buda].» Ryōkan citava ainda um sutra em que um monge é repreendido por escolher certas famílias para pedir: «Nas rondas, todos devem ser tratados por igual.» Assim, Ryōkan parava, sem hesitar, para pedir esmola em frente ao bordel da aldeia. De facto, se as raparigas não estivessem ocupadas, saíam e jogavam às berlindes com Ryōkan. Quando Yoshiyuki soube do comportamento divertido do irmão, picou-o com este poema:

O monge de túnica negra
Brinca com
Raparigas do prazer —
O que poderá haver
No seu coração?

Ryōkan respondeu com este verso:

Brincando e brincando,
À medida que atravesso este mundo flutuante.
Ao dar por mim aqui,
Não é bom
Dissipar os maus sonhos dos outros?

Yoshiyuki não ficou satisfeito:

Brincando e brincando
Enquanto passas por este mundo
Está bem, talvez,
Mas não pensas
No mundo que há de vir?

A conclusão de Ryōkan foi:

É neste mundo,
Com este corpo,
Que eu brinco.
Não é preciso pensar
No mundo que há de vir.

Uma vez, Ryōkan viajava com um jovem monge. Numa certa casa de chá, deram-lhes comida que continha peixe. O jovem monge deixou o peixe intacto,

como manda o costume budista ortodoxo, mas Ryōkan comeu-o sem pensar duas vezes.

«Sabes que isso tem peixe», disse o monge a Ryōkan.

«Sim, estava delicioso», respondeu Ryōkan com um sorriso.

Nessa noite, foram acolhidos por um agricultor e, na manhã seguinte, o jovem monge queixou-se: «As pulgas morderam como doidas e eu estive acordado a noite inteira. Mas tu dormiste como um bebé. Porquê?»

«Eu como peixe quando me oferecem, mas também deixo as pulgas e os mosquitos banquetear-se em mim. Nada disso me incomoda», respondeu Ryōkan, muito simplesmente. (Ryōkan dormia dentro de uma rede mosquiteira, não para se proteger, mas para proteger os insetos — tinha medo de os matar sem querer durante o sono. Porém, deixava uma perna fora da rede para que os bichos não passassem fome.)

Como o Buda, Ryōkan recebia com gratidão tudo o que lhe punham na tigela de esmolas!

Por nossa causa,
As amêijoas e os peixes
Entregam-se
Sem egoísmo
Como alimento.

Ryōkan compôs estes poemas sobre a nobreza de pedir esmola:

Primavera — lentamente, o som sereno
Do sino no meu bastão de mendicante deriva
Até à aldeia.
Nos jardins, salgueiros verdes;
Plantas aquáticas flutuam serenas no lago.
A minha tigela tem o perfume do arroz de mil casas;
O meu coração renunciou à soberania
Da riqueza e da fama.
Guardando em silêncio a memória dos Budas antigos,
Caminho até à aldeia para mais um dia de esmolas.

Depois de passar o dia a pedir na aldeia,
Sento-me em paz debaixo de um penhasco, no fresco do entardecer.
Sozinho, com uma túnica e uma tigela —
A vida de um monge Zen é, de facto, a mais livre!

Segundo o budismo ortodoxo, é quem dá a esmola que deve estar agradecido, pois ganha mérito ao oferecer comida a um monge; mas Ryōkan tinha sempre presente um dos versos da «graça» Zen: «Recorda o grande esforço dos agricultores para fazer crescer este alimento.» Em vez de ficar a olhar em frente, em silêncio, e receber sem reconhecer, como ditava o costume, Ryōkan erguia a tigela com reverência e com um coração cheio de gratidão cada vez que lhe davam esmola. Ryōkan fazia uma vénia profunda e pedia a bênção do Buda sempre que passava por agricultores a trabalhar nas arrozarias, e passava muitas horas no eremitério a recitar sutras por eles.

Chuvas de primavera,
Aguaceiros de verão,
Um outono seco.
Que a natureza nos sorria
E todos partilhemos a abundância.

Se a colheita fosse especialmente boa, Ryōkan por vezes «ajudava-se». Certa vez, deixou este poema numa árvore, no pomar de um agricultor local:

Por favor, não me tomes
Por um pássaro
Quando mergulho
No teu jardim
Para comer as maçãs-cravo.

Por vezes, as esmolas eram inesperadas:

Depois de juntar lenha nas montanhas,
Voltei à minha cabana
E encontrei ameixas em conserva e batatas
Deixadas debaixo da minha janela por um visitante.
As ameixas vinham embrulhadas em papel,
As batatas em erva verde,
E um pedacinho de papel trazia o nome do doador.
No fundo das montanhas, a comida é insossa —
Quase só nabos e verduras —
Por isso ferva rapidamente o mimo com pasta de soja e sal.
Enchi o meu estômago, normalmente vazio,
Com três grandes tigelas.
Se o meu amigo tivesse deixado algum saké,
Teria sido um verdadeiro banquete.
Saboreei cerca de um quinto da oferta e guardei o resto;

Dando palmadinhas na barriga cheia, voltei às minhas tarefas.
O Dia da Iluminação do Buda chega daqui a seis dias
E eu não sabia o que oferecer,
Mas agora tornei-me rico —
O Buda vai banquetear-se com ameixas e deliciosas papas de batata.

Ryōkan era famoso por não desperdiçar uma migalha de comida. Se sobrasse alguma coisa, punha-a num pote de barro. Naturalmente, a comida acumulada fermentava e apodrecia, ficando cheia de larvas. Um visitante viu Ryōkan comer desse pote.

«Não comas isso», exclamou o visitante, «está estragado e tem bicho.»

«Não, não, está tudo bem», tranquilizou-o Ryōkan. «Deixo as larvas escapar antes de comer, e sabe muito bem!»

Ryōkan partilhava regularmente a sua comida com os pássaros e com cães e gatos vadios. Mas, a par dos bons momentos, havia também os maus:

No céu azul, um ganso de inverno grita;
As montanhas estão nuas, apenas folhas caídas.
Crepúsculo — regressando pelo caminho gelado,
Sozinho, levando uma tigela de arroz vazia.

Hoje, outra vez,
Não houve esmolas
Na aldeia.
A neve cai
E cai.

Hoje não houve sorte nas minhas rondas de mendicante;
Arrastei-me de aldeia em aldeia.
Ao pôr do sol, encontro-me com milhas de montanhas
Entre mim e a minha cabana.
O vento rasga o meu corpo frágil
E a minha pequena tigela parece tão desolada —
Ainda assim, este é o Caminho que escolhi,
Que me guia através da desilusão e da dor, do frio e da fome.

Embora Ryōkan dependesse inteiramente das esmolas, muitas vezes deixava-se embriagar pela beleza das estações durante as suas rondas:

Fui lá
Para pedir arroz,

Mas o arbusto de trevo em flor
Entre as pedras
Fez-me esquecer o motivo.

Ryōkan era muito afeiçoado à sua pequena e rude tigela de esmolas, ela própria uma oferta de uma família que antes a usara como panela de cozinha.

Na minha pequena tigela de esmolas,
Violetas e dentes-de-leão
Misturados
Como oferenda
Aos Budas dos Três Mundos.

A apanhar violetas
À beira da estrada, distraidamente
Deixei para trás a minha pequena tigela —
Oh, pobre tigelinha!

Esqueci-me outra vez
Da minha pequena tigela de esmolas —
Ninguém te levará,
Certamente ninguém te levará,
Minha triste tigelinha!

Durante as rondas, Ryōkan parava muitas vezes para ajudar as famílias nos trabalhos da cozinha — limpar legumes, cortar lenha, preparar o fogo. Se não houvesse nada em particular para fazer, sentava-se quietamente num canto a fazer *zazen*. Era também um excelente curandeiro popular e tratava os membros doentes das famílias com massagens, moxabustão e medicamentos à base de ervas. Contudo, quando lhe pediam que voltasse no dia seguinte, o monge respondia invariavelmente: «Desculpem, não posso prometer. Nunca sabemos o que o dia seguinte trará.»

Ryōkan gostava de parar para jogar *kusa-awase* (uma espécie de cabo-de-guerra com ervas grossas atadas) com os rapazes da aldeia e *temari* (jogo rítmico de lançar e apanhar uma bola de pano) com as raparigas.

Mais uma vez, eu e as crianças travamos batalha
Usando ervas da primavera.
Ora avançamos, ora recuamos, cada vez
Com mais requinte.
Crepúsculo — todos regressaram a casa;

A lua brilhante e redonda ajuda-me a suportar
A solidão.

Primeiros dias da primavera, céu azul, sol brilhante.
Tudo se torna pouco a pouco fresco e verde.
Levando a minha tigela, caminho devagar até à aldeia.
As crianças, surpreendidas ao ver-me,
Alegres, juntam-se à minha volta,
Pondo fim à minha ronda de esmolas
À porta do templo.
Coloco a minha tigela em cima de uma rocha branca
E penduro o saco no ramo de uma árvore.
Aqui brincamos com as ervas bravas e atiramos uma bola.
Por algum tempo jogo à apanhada enquanto as crianças cantam;
Depois é a minha vez.
A brincar assim, aqui e ali, esqueci-me do tempo.
Os transeuntes apontam e riem-se de mim, perguntando:
«Qual é a razão de tamanha tolice?»
Não respondo; faço apenas uma vénia profunda;
Mesmo que respondesse, não compreenderiam.
Olha à volta — não há nada para além disto!

Ryōkan era conhecido como o «Mestre do Temari» na província e mantinha sempre duas ou três bolas de pano escondidas nas mangas, prontas a sair assim que aparecessem crianças:

Atiramos uma pequena bola de pano de um para o outro.
Não quero gabar-me da minha perícia, mas…
Se alguém pergunta o segredo da minha arte, digo-lhe:
Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete!

A jogar *temari*
Com as crianças da aldeia
Neste dia de primavera
Quente e enevoado —
Ninguém quer que acabe.

Nas dez direções da Terra do Buda
Há apenas um Veículo.
Quando vemos com clareza, não há diferença
Entre todos os ensinamentos.
O que há a perder? O que há a ganhar?

Se ganharmos algo, já lá estava desde o início;
Se perdermos algo, está escondido por perto.
Olha para a bola de pano na minha manga —
Certamente é a joia preciosa da iluminação!

Ryōkan adorava crianças e escreveu muitos poemas sobre os seus pequenos amigos.

Crianças!
Vamos
A Iyahiko
Ver a colina
Cheia de violetas em flor?

De mãos dadas,
As crianças e eu
Apanhamos legumes da primavera.
O que poderia ser
Mais maravilhoso?

O nono mês acaba de começar
Enquanto caminhamos até à Crista da Cauda do Pinheiro.
Um ganso solitário voa por cima,
Os crisântemos estão em plena floração.
As crianças e eu chegámos a este pinhal.
Caminhámos apenas um pouco,
Mas o mundo está a centenas de milhas de distância.

Ao ver
As crianças a brincar felizes,
Sem dar por isso
Os meus olhos
Enchem-se de lágrimas.

A primavera chegou,
As árvores estão em plena floração,
E as folhas do outono passado desapareceram.
Tenho de me apressar
A encontrar as crianças!

Uma vez, Ryōkan brincava às escondidas com as crianças e correu para se esconder num barracão próximo. As crianças sabiam onde ele estava e decidiram pregar-lhe uma partida — foram-se embora sem o avisar de que o

jogo tinha terminado. Na manhã seguinte, a mulher de um agricultor entrou no barracão e ficou assustada ao encontrar Ryōkan agachado num canto. «O que estás aqui a fazer, Ryōkan?», perguntou. «Shh, silêncio, por favor», sussurrou ele, «senão as crianças encontram-me.»

Ryōkan era perito em fingir-se de morto. Deixava-se cair e permitia que as crianças o enterrassem com erva e folhas. Uma vez, as crianças repararam que ele não respirava. «Oh, não!», choraram. «O Ryōkan morreu mesmo desta vez!» De repente, Ryōkan saltou com um grito, assustando as crianças. Longos anos de meditação e controlo da respiração tinham treinado Ryōkan a suster o fôlego e a permanecer perfeitamente imóvel durante minutos seguidos.

Outra vez, Ryōkan caminhava perto da aldeia quando ouviu uma vozinha gritar: «Socorro! Socorro, por favor!» Um rapazinho estava preso nos ramos mais altos de um caquizeiro. Ryōkan ajudou-o a descer e disse que lhe apanharia algum fruto. Subiu à árvore e colheu um caqui. Decidiu prová-lo primeiro, pois os caquis verdes podem ser muito adstringentes, e não queria desiludir o rapaz. Achou o caqui muito doce, por isso apanhou outro — também doce. Um após outro, foi enfiando os suculentos caquis na boca, exclamando: «Oh, que doce!» Esquecera-se por completo do rapazinho esfomeado à espera cá em baixo, até que este gritou: «Ryōkan! Por favor, dá-me alguns caquis!» Ryōkan caiu em si, riu-se e passou o delicioso fruto ao pequeno amigo.

Ryōkan escreveu este poema memorial por todas as crianças que morreram num ano de epidemia de varíola:

Quando chega a primavera
Da ponta de cada ramo
As flores desabrocham,
Mas as folhas carmesim
Do ano passado — as pequeninas —
Nunca mais regressam.

Ryōkan também apreciava bebericar **saké** — a "água quente da sabedoria transcendental" e "o melhor de todos os remédios" — com os agricultores locais durante as pausas do trabalho:

Caminhando ao lado de um rio límpido e corrente,
Chego a uma casa de lavoura.
O frio da tarde cedeu ao calor do sol.
Pardais reúnem-se num bosque de bambu,
Pios ressoam aqui e ali.
Encontro o velho agricultor a regressar dos campos;

Cumprimenta-me como a um amigo há muito perdido.
Na sua cabana, a esposa aquece o saké
Enquanto comemos legumes recém-colhidos e conversamos.
Juntos, gloriosamente bêbados, já não sabemos
O significado da infelicidade.

Meio do verão —
Caminho com o meu bastão.
Velhos agricultores avistam-me
E chamam-me para beber.
Sentamo-nos nos campos,
Usando folhas como pratos.
Agradavelmente embriagado e tão feliz,
Adormeço em paz,
Estendido à beira do arrozal.

Bebendo saké doce
Com os agricultores,
Enquanto as nossas sobrancelhas
Ficam brancas
Com a neve.

Amanhã?
Depois de amanhã?
Quem sabe?
Estamos bêbados
Do hoje!

Por vezes, Ryōkan gostava de visitar velhos amigos. Diziam os seus companheiros a seu respeito:

Quando Ryōkan visita alguém, é como se a primavera tivesse chegado num dia escuro de inverno. O seu caráter é puro, livre de duplicidade e artifício. Alto e magro, assemelha-se a um dos imortais da literatura e da religião antigas. Não há nele o mínimo traço de santimónia, e irradia calor e compaixão. Nunca se encoleriza e não escuta críticas a outros. A sua voz é sempre clara e luminosa. Quando permanece numa casa, todos os problemas familiares parecem dissipar-se, e a casa conserva a paz dias depois da sua visita. O simples contacto com ele faz emergir o melhor das pessoas.

Enquanto outros sacerdotes budistas discursavam durante horas sobre a profundidade dos sutras ou oficiavam cerimónias elaboradas (e dispendiosas), Ryōkan limitava-se a vaguear em vestes esfarrapadas, sempre sorrindo e

inclinando-se perante todos — um sermão vivo, não muito diferente de São Francisco de Assis, o "Louco de Deus". O santo padroeiro de Ryōkan era **Jōfukyō**, o **Bodhisattva Nunca-Desprezador**.

De manhã, inclinando-me perante todos;
À noite, inclinando-me perante todos.
Respeitar os outros é o meu único dever —
Salve o Bodhisattva Nunca-Desprezador.

No céu e na terra, ele permanece só.
Um verdadeiro monge
Precisa
De apenas uma coisa —
Um coração como o
Do Bodhisattva Nunca-Desprezador.

Ryōkan repreendia suavemente os seus companheiros budistas pela obsessão com pormenores e categorias, palavras e conceitos:

Quando vejo sacerdotes eruditos a discursar sobre os sutras,
A sua eloquência parece girar em círculos;
Os Cinco Períodos da Lei e as Oito Doutrinas —
Belas teorias, mas quem precisa delas?
Os pedantes incham de orgulho,
Mas pergunta-lhes algo de real importância
E só obténs palavreado vazio.
O Buda proclamou inúmeros ensinamentos,
Cada um revelando a mais pura verdade,
Tal como cada brisa e cada gota de chuva
Refresca a floresta.
Não há sutra que não conduza à salvação.
Agarra a essência de cada ramo
E deixa de tentar hierarquizar os ensinamentos do Buda.

Nada me faz
Mais feliz
Do que o voto de Amida
De salvar
Todos.

Numa das aldeias havia um barqueiro que era um grande arruaceiro. Irritava-se com os constantes elogios feitos a Ryōkan e, quando aconteceu de Ryōkan pedir para atravessar no seu barco, ele balançou-o violentamente,

lançando Ryōkan ao rio. Ryōkan quase se afogou antes de o barqueiro o puxar de volta. Ignorando que a queda fora provocada de propósito, Ryōkan agradeceu-lhe calorosamente. O barqueiro não esperava tal reação e começou a sentir remorsos por esta e por todas as suas más ações. Levou Ryōkan à margem e o monge voltou a expressar profunda gratidão. Mais tarde, quando Ryōkan regressou para a viagem de volta, o barqueiro confessou a sua maldade e implorou perdão. Ryōkan apenas sorriu e disse para não se preocupar. Partilharam um jarro de saké e, desde então, o barqueiro corrigiu a sua conduta.

Noutra ocasião, Ryōkan foi atacado por um sacerdote budista enlouquecido, em fúria alcoólica. Ryōkan recebeu calmamente os golpes até que os aldeões dominaram o agressor. Nessa noite, rebentou uma tempestade, mas Ryōkan, que estava hospedado na casa de um amigo, saiu de repente. O amigo, preocupado, seguiu-o e viu Ryōkan cobrir o sacerdote insano, que dormia a bebedeira num campo, com uma capa de palha contra a chuva.

Certa vez, um parente pediu a Ryōkan que falasse com o seu filho delinquente. Ryōkan visitou a família, mas não disse uma palavra de reprimenda ao rapaz. Passou a noite e preparou-se para partir na manhã seguinte. Enquanto o jovem ajudava a atar as sandálias de palha de Ryōkan, sentiu cair no ombro uma gota de água morna. Ao levantar os olhos, viu Ryōkan a olhar para ele, com os olhos cheios de lágrimas. Ryōkan regressou a Gogo-an, e o rapaz mudou completamente de vida.

Ryōkan nunca procurou discípulos, mas teve um amigo, **Saichi**, um espírito afim. Quando Saichi morreu, Ryōkan lamentou:

Ah… meu leigo zen.
Estudaste comigo duas décadas;
Foste aquele que verdadeiramente
Compreendeu as coisas
Que os outros falharam por completo.

O senhor samurai de um domínio local quis construir um templo magnífico e instalar Ryōkan como seu sacerdote principal. Foi visitá-lo a Gogo-an, mas Ryōkan estava fora a apanhar flores, e o senhor e a sua comitiva tiveram de esperar bastante até que ele regressasse com a sua tigela de esmolas cheia de flores perfumadas. O senhor fez o pedido, mas Ryōkan permaneceu em silêncio. Então escreveu este haiku e entregou-lho:

O vento traz
Folhas caídas suficientes
Para acender um fogo.

O senhor acenou em compreensão e regressou ao castelo.

Certa vez, um ladrão mal orientado entrou em Gogo-an, mas naturalmente nada encontrou de valor. Frustrado, levou o velho e rasgado edredão de dormir de Ryōkan e a sua almofada de meditação. Quando Ryōkan regressou à cabana e descobriu o sucedido, escreveu este haiku:

O ladrão deixou para trás —
A lua
Na janela.

Ryōkan adorava participar nas danças noturnas do Festival de Bon, mas, sendo monge, tinha de se disfarçar com um grande lenço na cabeça e um quimono de mulher. Todos na aldeia sabiam, claro, que era Ryōkan, e certo ano decidiram provocá-lo: "Quem será aquela jovem encantadora?", sussurravam, alto o suficiente para ele ouvir. "Que dançarina tão boa!" Extremamente satisfeito, Ryōkan perdeu-se no papel de dançarina, balançando-se com graça feminina.

Ryōkan detestava pompa e cerimónia. Um dia foi convidado para uma cerimónia formal do chá na casa de uma família rica. O anfitrião orgulhava-se dos seus utensílios elegantes e caros, e os outros convidados vestiam quimonos de brocado dispendioso de Quioto. Quando Ryōkan, como sempre com a sua túnica remendada e gasta, provou o chá espesso, fez uma careta e exclamou: "Que amargo — isto sabe horrível!" E cuspiu o chá de volta para a taça. Para perturbar ainda mais a ocasião, Ryōkan começou a mexer no nariz e tentou depositar o resultado na manga do convidado altivo sentado ao seu lado.

Mesmo assim, embora estivesse contente com a vida de eremita, havia momentos de profunda solidão:

Às vezes sento-me em silêncio,
Ouvindo o som das folhas a cair.
De facto, é pacífica a vida de um monge,
Cortada de todos os assuntos mundanos.
Então por que razão
Estas lágrimas caem?

Neste mundo,
Se houvesse um
De espírito afim —
Poderíamos passar a noite
A conversar na minha pequena cabana!

Ryōkan ficava encantado com visitas e, muitas vezes, enviava convites poéticos aos amigos:

Se não te incomoda
A voz do vale
E os picos estrelados,
Porque não atravessas os cedros sombrios
E vens ver-me?

A primavera começou!
Joias e ouro
Por todo o lado —
Por favor, por favor,
Vem visitar-me.

Os ramos que hão de servir
De lenha para o outono
Ainda estão em flor —
Apanha erva beijada pelo orvalho
E vem visitar-me.

Ao cair da tarde,
Vem à minha cabana —
Os grilos
Farão uma serenata, e eu
Apresento-te o bosque ao luar.

Quando os visitantes iam ter com Ryōkan, ele trazia-lhes uma tigela para usar como bacia de lavagem. Eles protestavam: «Essa é a tua tigela de comida — não podemos usá-la para lavar as mãos!»

«Não, não», garantia-lhes Ryōkan. «É a única tigela que tenho e serve muito bem para cozinhar, como tigela de água e como bacia de lavagem. E melhor ainda: encontrei-a abandonada num silvado. Alguém a deitou fora, mas eu dei-lhe uma casa nova!»

Bosai (1752–1826), um famoso erudito da cidade capital de Edo, desejava há muito conhecer o excêntrico monge zen de Echigo. Dirigiu-se à cabana de Ryōkan, mas, ao lá chegar, encontrou-o sentado em meditação no alpendre. Bosai, não querendo perturbá-lo, esperou até Ryōkan terminar — quase três horas depois.

Ryōkan ficou radiante por conhecer o célebre erudito, e falaram de poesia, filosofia e literatura durante o resto do dia. Ao aproximar-se o entardecer,

Ryōkan quis arranjar algum saké. Pediu a Bosai que esperasse um pouco enquanto ia a uma quinta ali perto pedir emprestado. Bosai esperou e esperou, mas Ryōkan não voltou.

Por fim, Bosai foi procurá-lo. Para seu espanto, viu-o a cerca de cem metros da ermida, sentado sob um pinheiro, a contemplar sonhadoramente a lua cheia.

— Ryōkan! Onde estiveste? Estou à tua espera há horas! Pensei que te tivesse acontecido alguma coisa!
— Bosai-san! Chegaste mesmo a tempo. Não é a lua esplêndida?
— Sim, sim, é maravilhosa. Mas… e o saké?

— O saké? Ah, sim, o saké. Perdoa-me. Vou buscá-lo já!

Ryōkan levantou-se de um salto e desceu o caminho a correr, deixando Bosai parado, boquiaberto.

Quando os amigos o visitavam, Ryōkan recebia-os muitas vezes com poemas:

No fundo da floresta,
Enfiado aqui para passar o inverno,
Um velho como eu —
Quem será o primeiro a visitar-me?

Eu sabia que serias tu!

Durante uma pausa na chuva
Apanhei
Salsa selvagem
Para saboreares
Durante a tua visita.

Que falta de delicadeza
Da parte dos flocos de neve
Não caírem
No dia
Da tua estimada visita.

Aos amigos prestes a partir, Ryōkan escrevia:

Espera pelo luar
Antes de ires —
O trilho da montanha
Está cheio de
Ouriços de castanha!

Coberto de orvalho, o trilho
Da montanha estará frio.
Antes de partires,
Que tal
Uma última taça de saké quente?

Nem no mercado nem na sua ermida Ryōkan era um asceta frio e misantropo:

Toda a noite,
Na minha cabana de erva,
Aquecidos pela lenha,
Falámos e falámos.

Como poderia esquecer
Essa noite maravilhosa?

Descendo ao vale para colher orquídeas,
O chão estava coberto de geada e orvalho,
E levei o dia inteiro a encontrar as flores.

De repente pensei num velho amigo
Separado de mim por montanhas e rios.

Tornaremos a encontrar-nos algum dia?
Ergo os olhos para o céu,
Lágrimas a correr-me pelas faces.

Tal como em Ikkyū e Hakuin, a poesia e a caligrafia eram centrais no zen de Ryōkan, e os seus versos funcionavam como sermões budistas discretos. Tecnicamente, Ryōkan foi influenciado pelos clássicos da poesia chinesa e japonesa, mas escrevia sobretudo como lhe apetecia, ignorando em geral as regras de composição:

Quem diz que os meus poemas são poemas?
Os meus poemas não são poemas.

Depois de compreenderes
Que os meus poemas não são poemas,
Então poderemos começar
A falar de poesia!

Ryōkan sentia uma afinidade especial com **Han-shan** (Kanzan), o lendário excêntrico zen e poeta chinês da dinastia Tang. (Han-shan era também um

grande favorito de Hakuin, que escreveu um longo comentário aos seus poemas e o representou frequentemente em pintura.) Eis um verso típico de Han-shan:

A minha casa é uma gruta, sem coisa alguma —
Pura e maravilhosamente vazia,
Brilhante e clara como o sol.

Um prato de legumes da montanha basta-me,
E um manto remendado é abrigo suficiente.

Que venham mil magos conceder-me desejos!
Já possuo o Buda Supremo!

Ryōkan compôs este poema no mesmo espírito:

Regressando a casa depois de um dia a pedir esmola;
A geada cobriu a minha porta.
Agora, um molho de folhas arde na lenha.

Em silêncio, leio os poemas de Han-shan,
Acompanhado pelo vento de outono
A farfalhar nos caniços.

Estendo os pés e deito-me.
Com que me hei de afligir?
De que devo duvidar?

A caligrafia de Ryōkan é ainda mais apreciada do que a sua poesia — a beleza subtil e a forma deliciosamente irregular dos caracteres combinam-se com a pureza e o calor presentes em cada pincelada, criando um efeito talvez sem paralelo na arte japonesa. Ironicamente, apesar dessa fama, Ryōkan dizia que entre as poucas coisas de que não gostava estavam «poesia de poeta e caligrafia de calígrafo».

Ryōkan praticava caligrafia continuamente, copiando com reverência o *Clássico dos Mil Caracteres* todas as manhãs e enchendo folhas de exercício de tinta. Mesmo durante as suas rondas de mendicância traçava caracteres no ar ou na areia aos seus pés. Como a sua caligrafia passou a ser tão valorizada, toda a gente começou a importuná-lo pedindo-lhe um exemplar do seu trabalho:

Rapei a cabeça, tornei-me monge zen,
E passei anos a abrir caminho
Pelo meio das ervas emaranhadas.

Mas agora tudo o que as pessoas me dizem é:
«Escreve-nos uns poemas! Escreve-nos uns poemas!»

Quando percebeu que muitos pediam caligrafia apenas para a exibir, ignorando o conteúdo zen, Ryōkan começou a esquivar-se com desculpas, o que levou a uma divertida batalha de astúcia.

Certa vez, um rico mercador que desejava ardentemente obter caligrafia de Ryōkan disse ao monge ingénuo que um artista famoso o iria visitar. Convidou Ryōkan para conhecer o artista e, quando este chegou à casa do mercador, foi conduzido a uma grande sala preparada especialmente para o trabalho de um mestre: tinta fresca e perfumada, pincéis de primeira qualidade, pilhas de papel de caligrafia.

— O artista chegará em breve, mentiu o mercador. Sente-te à vontade para usar estes materiais até ele chegar.

Como o mercador previra, Ryōkan não resistiu e, pouco depois, a sala estava cheia da sua caligrafia. Quando saiu do seu enlevo, Ryōkan pensou que o mercador ficaria furioso por ele ter gasto toda a tinta e papel, e escapuliu-se timidamente da casa. O mercador tinha conseguido o que queria.

Numa história semelhante, Ryōkan foi deixado sozinho numa sala com portas recentemente forradas de papel. Deixou-se levar pela brancura do papel novo e escreveu poemas de Han-shan por toda a superfície. Embora não tivesse sido planeado, o dono da casa ficou encantado e mandou retirar o papel e montá-lo num biombo.

Ryōkan adorava flores, e um amigo seu chamado Yamada tinha um jardim cheio de magníficas peónias. Yamada não deixava ninguém tocar nas preciosas flores, mas um dia apanhou Ryōkan — que já não se continha — a tentar fugir com um ramo. Vendo ali uma oportunidade para obter caligrafia, Yamada gritou:

— Mesmo sendo um mestre zen, não te podes safar disto!

Levou o embaraçado Ryōkan ao posto do polícia da aldeia e fechou-o numa pequena sala. Depois fez um esboço de Ryōkan a roubar as peónias e disse-lhe:

— Ouve, ladrão de flores! Deixo-te ir se escreveres uma inscrição neste desenho.

Ryōkan escreveu, arrependido:

Ryōkan apanhado
Em flagrante
A roubar flores.

Agora todos
Saberão para sempre.

Uma obra-prima da caligrafia japonesa foi também obtida por meios igualmente ardilosos. Quando Ryōkan se aproximou de um grupo de crianças que faziam papagaios de papel, elas gritaram:

— Ryōkan! Ryōkan! Escreve-nos algo que ajude os papagaios a voar!

Ryōkan pensou um pouco e escreveu no papel que lhe trouxeram:

«Céu — Para Cima — Grande — Vento».

A beleza desses quatro caracteres — dos mais simples da língua japonesa e conhecidos por qualquer criança — escritos espontaneamente com um pincel emprestado, sobre papel pousado no chão, é indescritível, e a peça é um verdadeiro tesouro. Mas as crianças tinham sido instigadas por um vizinho astuto!

Em muitos casos, porém, Ryōkan acabava por levar a melhor. Certa vez foi enganado para subir ao andar de cima de um grande edifício e ficou lá preso quando a família retirou a escada.

— Não te deixamos descer enquanto não fizeres caligrafia para nós, disseram ao prisioneiro.

— Muito bem, respondeu Ryōkan.

Escreveu rapidamente algumas folhas de caligrafia, mostrou-lhas de cima e a família voltou a colocar a escada. A escrita era difícil de ler, mas mais tarde descobriram que todas as folhas diziam exatamente a mesma coisa:

Sem escada, não tenho pés.

Numa situação semelhante, quando Ryōkan ficou apanhado por uma chuva torrencial e precisou de abrigo, foi obrigado a escrever inscrições em vários leques. Em todos eles se lia:

Quando chove, Ryōkan fica tão triste.

Noutra ocasião, alguém levou papel a Ryōkan e disse-lhe:

— As pessoas dizem que a tua caligrafia já não é tão boa como antes porque não praticas o suficiente. Aqui, podes praticar nisto.

Ryōkan rabiscou repetidamente:

O açúcar é doce, o remédio é amargo.

Ryōkan fez uma vez uma pintura de uma caveira — um tema favorito dos artistas zen — para um amigo sacerdote. O sacerdote quis que Ryōkan

acrescentasse uma inscrição, mas Ryōkan achou que a pintura estava bem assim. O sacerdote insistiu, pedindo-lhe que escrevesse algo sempre que o visitava. Por fim, Ryōkan escreveu:

Hoje, Ryōkan escreveu alguma coisa.

Depois de um longo confinamento de inverno, o barbeiro de Ryōkan rapou-lhe metade da cabeça desgrenhada e depois exigiu um «resgate» para rapar o resto: um exemplar da sua caligrafia. Ryōkan escreveu o nome de uma divindade xintoísta. Esse tipo de caligrafia servia como amuleto de boa sorte, pelo que o barbeiro a mandou montar e pendurou-a no seu tokonoma. Um dia, um amigo comentou:

— Falta um carácter nesse nome.

Tal omissão anula o efeito da caligrafia como talismã. Quando o barbeiro confrontou Ryōkan, este respondeu:

— Tu pagaste-me a menos, eu escrevi a menos. Aquela simpática velhinha ali da estrada dá-me sempre um bolo de feijão extra, por isso a caligrafia que lhe dei tem o carácter que falta!

Ryōkan adorava jogar go, mas detestava perder — o que era infeliz, pois não era grande jogador. Depois de uma derrota renhida, pediu desforra, e o adversário concordou:

— Só se prometeres dar-me uma caligrafia cada vez que perderes.

Ryōkan aceitou a contragosto, mas perdeu vezes sem conta. O adversário esperava várias peças de profunda sabedoria zen, mas em cada folha recebia apenas isto:

A apanhar dióspiros —
Os meus testículos gelam
Com o vento de outono.

Ryōkan esquecia-se muitas vezes de caracteres quando escrevia poemas longos ou citações de memória, e alguém se queixou disso uma vez. Ryōkan respondeu:

— Quem consegue ler a minha caligrafia facilmente completa o carácter em falta; quem não consegue ler não vai dar pela falta dele.

Um amigo pediu a Ryōkan uma caligrafia que trouxesse sorte e prosperidade à sua família. Ryōkan escreveu uma única sílaba numa folha grande:

Shi

— O que significa?, perguntou o amigo.

À maneira de um kōan de Hakuin, Ryōkan respondeu:

— Morte. Quando as pessoas se lembram da morte, não perdem tempo nem desperdiçam a riqueza.

Certa vez, o dono de uma loja de molho de soja em Nagaoka fez a longa viagem até à cabana de Ryōkan com um pedido especial. A tabuleta da sua loja estava mal escrita e ele achava que isso afastava clientes. Será que Ryōkan podia escrever uma nova? Ryōkan concordou e escreveu:

Vinagre — Molho de soja — Joshuya

O comerciante ficou encantado e exibiu orgulhosamente a tabuleta ao regressar. Alguns dias depois, Bosai (mencionado antes) passou pela loja, viu a tabuleta, entrou e disse ao dono que aquela peça era demasiado preciosa para ficar exposta à chuva e ao vento. Bosai escreveu então uma nova. Essa foi colocada fora, mas logo foi vista por outro calígrafo, apenas ligeiramente menos famoso do que Ryōkan e Bosai. A situação repetiu-se uma quarta vez. A loja prosperou, e o comerciante tornou-se o orgulhoso proprietário de quatro magníficas tabuletas.

Por vezes, a fama de Ryōkan como calígrafo dava jeito. Numa viagem, Ryōkan teve de contratar um cavalo de carga para atravessar um trilho de montanha perigoso. Não tinha dinheiro para pagar a taxa de dezasseis sen e disse ao condutor:

— Podes dar-me dezasseis pancadas na cabeça.

O condutor reconheceu Ryōkan e respondeu:

— Não. Escreve-me dezasseis caracteres neste papel e dispenso o pagamento.

Do mesmo modo, quando Ryōkan encontrava um viajante que precisava de alojamento, bastava-lhe escrever uma pequena carta de apresentação:

— Mostra isto a qualquer pessoa da aldeia e terás certamente onde ficar.

Além da caligrafia para os papagaios mencionada antes, outras duas obras-primas de Ryōkan são «Um—Dois—Três— I-Ro-Ha [A-B-C]» e «Coração—Lua—Círculo».
A primeira foi escrita para um lojista que pediu algo simples que todos pudessem ler. A segunda foi feita na cozinha de um amigo de Ryōkan. A velha tampa de

madeira do pote do arroz tinha rachado e fora posta de lado para lenha. Ryōkan teve pena da tampa e escreveu nela **«Coração—Lua—Círculo»**, sabendo que ninguém a destruiria se tivesse a sua caligrafia. A escrita era tão sublime que a família mandou reparar a tampa e gravar a caligrafia na madeira.

Entre os bens mais estimados das pessoas da vizinhança estavam as cartas que recebiam do excêntrico monge durante os seus anos em Gogō-an e no Santuário Otogo. À medida que envelhecia e se tornava cada vez mais frágil, Ryōkan teve dificuldade em sair diariamente para mendigar, e os amigos começaram a enviar-lhe por mensageiro as suas necessidades simples: uma túnica de algodão, meias tabi, um chapéu de pano, incenso, uma bola de temari, chá, arroz, pasta de soja, tabaco, pickles, óleo, wasabi, fruta, legumes, saké e, como mimo, bolos doces. Sempre que recebia tais dádivas, Ryōkan enviava um bilhete ou poema a agradecer a generosidade. Na verdade, a forma mais segura de obter caligrafia de Ryōkan era fazer-lhe uma oferta — ele respondia sempre com um agradecimento escrito.

Aqui estão dois desses poemas:

Alga marinha,
Saké e wasabi:
Com presentes tão bons
A minha primavera
Já não é solitária!

«Uma oferta de sete romãs»
Abrindo-as,
Separando-as,
Partindo-as ao meio:
Comer, comer, comer —
Sem as deixar sair da boca!

Se Ryōkan ficasse com poucos mantimentos, enviava poemas a pedir ajuda:

O tempo está bom
E tenho muitos visitantes,
Mas pouca comida.

Alguém tem
Ameixas em conserva
A mais?

Arrefeceu
E o pirilampo
Já não brilha:
Alguma alma caridosa
Me envia água dourada?

(«Pirilampo» era um dos apelidos de Ryōkan; «água dourada» significa saké.)

Nas raras ocasiões em que Ryōkan recebia dinheiro, escrevia cuidadosamente um recibo — uma espécie de nota caligráfica de dívida — que depois era montada e exibida como obra de arte. Uma vez escreveu a um parente:

— Acumulei uma grande quantia de dinheiro. Vem buscá-la.

A fortuna revelou-se ser… uma única moeda de prata.

Alguém disse um dia a Ryōkan que encontrar dinheiro na estrada traz grande alegria. Um dia, depois de receber várias moedas numa ronda de mendicância, decidiu testar a ideia. Espalhou as moedas pela estrada e voltou a apanhá-las. Repetiu isso várias vezes sem sentir alegria nenhuma e perguntou-se do que falava a pessoa. Tentou mais algumas vezes e acabou por perder todas as moedas na erva. Depois de muito procurar, encontrou-as finalmente. Ryōkan ficou muito feliz.

— Agora percebo, pensou. Encontrar dinheiro é, de facto, uma alegria.

Ryōkan também enviava cartas a amigos eruditos a pedir livros e partilhava os frutos dos seus próprios estudos. Da carta seguinte parece claro que conhecia bem a obra de Hakuin *Conversas Noturnas num Barco*:

Este inverno tenho aplicado os ensinamentos
Do sábio taoista Hakuyū e aprendi isto:
Evito correr atrás disto e daquilo,
E mantenho a boca fechada em silêncio rigoroso.
Como apenas quando o estômago está vazio
E bato os dentes ao acordar de um sonho.

Estou a ler a história de Hakujū
E aprendi a manter a saúde
Mantendo o ki equilibrado
E não me deixando perturbar
Por coisas vis ou baixas.

Ryōkan trocava receitas de medicina herbal com amigos estudiosos e pedia-lhes tinta, pincéis e papel que lhes sobrassem.

Certa vez enviou este cumprimento de Ano Novo a um amigo monge:

Saudações de Ano Novo!

Amanhã chega a primavera:
Não há como evitá-lo!

O meu coração bate
Cada vez mais depressa
E não consigo dormir:
A primavera chega amanhã.

Após o terrível terramoto de 1831, em que dez mil casas foram destruídas e mil e duzentas pessoas morreram, Ryōkan enviou esta carta reflexiva a um amigo preocupado:

O terramoto foi terrível. A minha pequena cabana foi poupada. Felizmente, não houve perdas de vidas entre os teus amigos e familiares. Quando ocorrem desastres deste género, não devemos cair no desespero; quando a morte se nos apresenta, devemos enfrentá-la de frente. Até a morte e a catástrofe têm o seu lugar na ordem natural das coisas. Ainda assim…

Face a face
Com a morte,
Continuar a viver
Para ver o mundo sofrer
Parece tristeza demais para suportar.

Ryōkan enviou muitas cartas ao seu irmão errante, Yoshiyuki:

Como vais
Nestes dias, meu irmão mais novo?
A neve está a derreter,
Mas o vento
Ainda sopra tão frio.

Outras cartas agradeciam a Yoshiyuki os presentes, em especial um pedaço de couro curtido que o frugal Ryōkan usava como capa, cobertor e tapete. Ryōkan também pedia, com delicadeza, que o irmão deixasse de se desperdiçar

em vinho e mulheres, recordando-lhe numa carta que «o contentamento é a verdadeira riqueza».

Um dia, um mensageiro chegou à cabana de Ryōkan com uma carta que exigia resposta imediata. Nessa altura, Ryōkan estava totalmente absorvido a tentar fazer girar a sua tigela de mendigar em cima de um pau — um truque que tinha visto artistas de rua executarem. Ryōkan escreveu rapidamente uma resposta, mas pouco depois o mensageiro voltou.

— O meu senhor está zangado comigo. Não consegue perceber o sentido da tua resposta e pensa que devo ter entendido mal as instruções.

Quando Ryōkan olhou para a carta, viu que nela estava escrito:
«A tigela deve girar e girar.»

— Oh, peço imensa desculpa — disse Ryōkan ao mensageiro. — Desta vez vou dar-te a resposta correcta!

Como Ryōkan era muito esquecido, escrevia lembretes e listas de coisas de que se devia lembrar:

Ter cuidado para não:

- falar demasiado;
- falar depressa demais;
- falar sem que me perguntem;
- falar sem necessidade;
- falar com as mãos;
- falar de assuntos mundanos;
- responder com rudeza;
- discutir;
- sorrir de forma condescendente às palavras dos outros;
- usar expressões chinesas elegantes;
- gabar-me;
- evitar falar diretamente;
- falar com ar de quem sabe tudo;
- saltar de assunto em assunto;
- usar palavras rebuscadas;
- falar de acontecimentos passados que não podem ser mudados;
- falar como um pedante;
- evitar perguntas diretas;
- falar mal dos outros;
- falar grandiosamente sobre iluminação;

- continuar a falar quando estou bêbedo;
- falar de modo desagradável;
- gritar com crianças;
- inventar histórias fantasiosas;
- falar quando estou zangado;
- largar nomes;
- ignorar as pessoas com quem estou a falar;
- falar de deuses e budas com falsa santidade;
- usar palavras melosas;
- usar linguagem bajuladora;
- falar de coisas que não conheço;
- monopolizar a conversa;
- falar dos outros pelas costas;
- falar com arrogância;
- denegrir os outros;
- entoar orações de forma ostensiva;
- queixar-me da quantidade de esmolas;
- fazer sermões intermináveis;
- falar de modo afetado como um artista;
- falar de modo afetado como um mestre de chá.

Fazer:

- oferecer incenso e flores ao Buda;
- plantar árvores e flores, limpar e regar o jardim;
- usar regularmente moxabustão nas pernas;
- evitar peixe gorduroso;
- escolher comida leve e evitar alimentos gordurosos;
- não dormir demais;
- não comer em excesso;
- não fazer sestas longas à tarde;
- não me esgotar;
- não ser negligente;
- não falar quando não tenho nada a dizer;
- não esconder nada no coração;
- beber sempre o saké quente;
- rapar a cabeça;
- cortar as unhas;
- lavar a boca e usar palito;
- tomar banho;
- manter a voz clara.

O **I Ching** afirma:
A felicidade reside na justa combinação de:

- quente — frio
- bom — mau
- preto — branco
- belo — feio
- grande — pequeno
- sabedoria — tolice
- longo — curto
- luz — escuridão
- alto — baixo
- parcial — inteiro
- relaxamento — rapidez
- aumento — diminuição
- pureza — impureza
- lento — rápido

Ryōkan estava sempre a deixar coisas para trás. Sobreviveram muitas cartas aos amigos, cheias de desenhos de objetos que tinha perdido, perguntando se os teriam visto. Por vezes, mendigava na mesma casa duas vezes no mesmo dia, esquecendo-se da visita anterior, e era repreendido pela dona da casa por ganância. Eis outra lista que ele fez:

(1) Coisas a levar
Gorro de algodão, toalha, lenços, papel, leque, moedas, bola, berlindes.

(2) Essenciais
Chapéu de bambu, polainas, luvas, cinto, bastão, hábito curto.

(3) Para peregrinações
Roupa, capa de palha para a chuva, tigela, saco.

Lê isto antes de sair,
Ou terás problemas!

Ao entrar na casa dos sessenta anos, Ryōkan passou a ter mais dificuldade em deslocar-se e, em 1816, mudou-se para outro eremitério junto ao Santuário Otogo, na base do Monte Kagami. Ao deixar Gōgō-an, Ryōkan escreveu este poema:

Na encosta
De Kagami,
À sombra da montanha,
Quantos anos
Foi esta cabana o meu lar?

Agora é tempo
De a deixar vazia —
A memória desvanece
Como as ervas do verão.

Andei à volta
De um lado para o outro
E depois afastei-me,
Até a cabana desaparecer
Entre as árvores.

Enquanto caminho,
Olho para trás a cada curva,
Sempre a olhar para aquele lugar.

A vida de Ryōkan no Santuário Otogo era muito semelhante à de Gōgō-an, com luz e sombra misturadas:

Na floresta de Otogo, sob o Monte Kagami,
Encontra-se a pequena cabana onde passo os meus dias.

Ainda nada de templos ou mansões para mim!
Prefiro viver com a brisa fresca e a lua brilhante,
Brincando com as crianças da aldeia ou escrevendo poemas.

Se perguntares por mim,
Provavelmente dirás:
«O que anda agora a fazer aquele monge tolo?»

Um velho frágil de sessenta anos,
A viver junto a um santuário, afastado da aldeia.

Meia-noite — a chuva pesada
Bate violentamente nas rochas;
Sob a janela, uma luz solitária tremeluz.

Em criança estudei os clássicos chineses
Mas não os consegui dominar;

Em jovem pratiquei Zen
Mas não o consegui transmitir.

Agora, vivendo ao lado de um santuário,
Meio sacerdote xintoísta, meio monge budista.

Ryōkan acabou, por fim, por ser obrigado a deixar também o seu eremitério junto ao Santuário Otogo:

O terramoto foi terrível. A minha pequena cabana foi poupada. É uma sorte que não tenha havido perda de vidas entre os teus amigos e familiares. Quando ocorrem desastres assim, não devemos sucumbir ao desespero; quando a morte nos enfrenta, devemos encará-la de frente. Até a morte e a catástrofe têm o seu lugar na ordem natural das coisas. Ainda assim…

Frente a frente
Com a morte,
E continuar a viver
Para ver o mundo sofrer
Parece demasiado triste de suportar.

Ryōkan enviou muitas cartas ao seu irmão desgarrado, Yoshiyuki:

Como vais
Nestes dias, meu irmão mais novo?
A neve derrete,
Mas o vento ainda
Sopra tão frio.

Outras cartas agradeciam a Yoshiyuki os presentes, em especial um pedaço de couro curtido que o frugal Ryōkan usava como capa, cobertor e tapete. Ryōkan também implorava suavemente ao irmão que deixasse de se destruir com vinho e mulheres, lembrando-lhe numa carta que **"**o contentamento é a verdadeira riqueza."

Um dia chegou à cabana de Ryōkan um mensageiro com uma carta que exigia resposta imediata. Nessa altura, Ryōkan estava absorto a tentar fazer girar a sua tigela de mendicante no topo de um pau — um truque que vira artistas de rua executar. Ryōkan escreveu uma resposta apressada, mas pouco depois o mensageiro regressou.

— O meu amo está zangado comigo. Não consegue perceber o sentido da tua resposta e pensa que devo ter entendido mal as tuas instruções.

Quando Ryōkan olhou para a carta, viu que nela estava escrito:
"A tigela deve girar e girar."

— Oh, que distração da minha parte — pediu desculpa Ryōkan ao mensageiro. — Desta vez dou-te a resposta correta!

Como Ryōkan era tão esquecido, escrevia para si próprio lembretes e listas de coisas que devia recordar:

Ryokan esquecia-se constantemente das coisas.
Sobreviveram várias cartas que enviou a amigos, cheias de desenhos dos objectos que tinha perdido e a perguntar se alguém os teria visto. Por vezes pedia esmola duas vezes na mesma casa no mesmo dia, por se ter esquecido da visita anterior, e era repreendido pela dona da casa por ganância. Eis outra lista que ele próprio fez:

(1) Coisas a levar
Gorro de algodão, toalha, lenço, papel, leque, moedas, bola, berlindes.

(2) Indispensáveis
Chapéu de bambu, perneiras, luvas, cinto, bastão, pequeno hábito.

(3) Para peregrinações
Roupa, capa de chuva de palha, tigela, saco.

Ler isto antes de sair, caso contrário terás problemas!

Ao entrar na casa dos sessenta anos, Ryokan começou a ter mais dificuldade em deslocar-se e, em 1816, mudou-se para outro eremitério junto do Santuário de Otogo, no sopé do Monte Kagami. Quando deixou Gogo-an, Ryokan compôs este poema:

Na encosta de
Kagami,
À sombra da montanha,
Quantos anos
Foi esta cabana o meu lar?

Agora é tempo
De a deixar vazia —
A minha memória
Irá desvanecer-se

Gogo-an.
Esta é uma réplica construída neste local, no início do século XX, no sítio do eremitério de Ryokan no Monte Kagami.

O interior de Gogo-an.
É visível uma estátua de Ryokan na alcova e, ao lado, o altar budista.

Como ervas de Verão.
Para trás e para a frente
Caminhei à sua volta
E depois afastei-me
Até a cabana desaparecer
Entre as árvores.

Enquanto caminho, continuo
A olhar para trás a cada curva,
A olhar para trás, para aquele lugar.

A vida de Ryokan no Santuário de Otogo era muito semelhante à de Gogo-an, com a luz misturada com a sombra:

Na floresta de Otogo, sob o Monte Kagami,
Encontrarás a pequena cabana onde passo os meus dias.
Ainda nada de templos nem de villas para mim!
Prefiro viver com as brisas frescas
E a lua brilhante,
Brincando com as crianças da aldeia
Ou compondo poemas.

Se perguntares por mim,
Provavelmente dirás:
"O que anda agora a fazer
Aquele monge tolo?"

Um velho frágil de sessenta anos,
A viver junto de um santuário, afastado da aldeia.

Meia-noite — a chuva pesada açoita violentamente
As rochas;
Sob a janela, uma luz solitária tremeluz.

Em criança, estudei os clássicos chineses
Mas não os consegui dominar;
Em jovem, pratiquei Zen mas falhei
Em transmiti-lo.

Agora vivo ao lado de um santuário,
Metade sacerdote xintoísta, metade monge budista.

Ryokan acabou também por ser obrigado a deixar o seu eremitério no Santuário de Otogo:

Numa cabana degradada de três divisões
Envelheci e cansei-me;
Este frio de Inverno é o
Pior que alguma vez sofri.

Bebo uma papa rala à espera
Que a noite gelada passe.
Conseguirei aguentar até à chegada da Primavera?

Incapaz de pedir arroz,
Como sobreviverei ao frio?
Nem a meditação já ajuda;
Nada resta senão compor poemas
Em memória dos amigos falecidos.

Em 1826, com sessenta e oito anos, Ryokan deixou o Santuário de Otogo e foi viver com a família Kimura, na aldeia de Shimazaki. Deram-lhe uma pequena construção nos fundos da propriedade, mas esta não lhe agradava verdadeiramente. Comparou-se às aves enjauladas que a família Kimura criava:

De vez em quando
Deves ansiar pela
Liberdade das florestas profundas —
Também eu
Nutro tais pensamentos.

Ryokan fez uma última visita a Gogo-an:

Peguei no meu bastão e lentamente subi
Até à cabana onde passei tantos anos.
As paredes tinham ruído e agora abrigavam
Raposas e coelhos.

O poço junto ao bosque de bambu estava seco,
E grossas teias de aranha cobriam a janela onde
Outrora lia à luz da lua.

Os degraus estavam tomados por ervas bravas,
E um grilo solitário cantava no frio cortante.

Caminhei inquieto, incapaz de me afastar,
Enquanto o sol se punha, tristemente.

Numa nota mais feliz, foi durante a sua estadia na residência dos Kimura que o Ryokan septuagenário conheceu e se apaixonou pela bela jovem monja **Teishin** (1798-1872). Embora a relação tenha sido, ao que tudo indica, platónica, os laços de amor entre ambos eram tão profundos como os de Ikkyu e Lady Mori. Depois do primeiro encontro com Ryokan, Teishin escreveu este poema:

Foste mesmo tu
Que vi,
Ou será esta alegria
Que ainda sinto
Apenas um sonho?

A resposta de Ryokan foi:

Neste mundo de sonho
Dormitamos
E falamos de sonhos —
Sonha, sonha ainda,
Quanto quiseres.

Houve também esta troca:

Aqui contigo
Poderia ficar
Por incontáveis dias e anos,
Silenciosos como a lua brilhante
Que juntos contemplámos.
(Teishin)

Se o teu coração
Permanecer inalterado,
Estaremos ligados tão firmemente
Como uma trepadeira infinita
Por eras sem fim.
(Ryokan)

Quando Teishin deixou de o visitar, Ryokan enviou-lhe este verso plangente:

Esqueceste-te de mim
Ou perdeste o caminho até aqui?
Agora espero por ti
Todo o dia, todos os dias.

Mas tu não apareces.

Teishin respondeu que os seus compromissos mundanos a mantinham afastada:

A lua, estou certa,
Brilha intensamente
No alto das montanhas,
Mas nuvens sombrias
Envolvem o cume na escuridão.

Ryokan enviou-lhe este conselho:

Tens de te elevar acima
Das nuvens sombrias
Que cobrem o topo da montanha.
Caso contrário, como poderás
Alguma vez ver o brilho?

Bloqueada pela neve durante todo o Inverno, Teishin só conseguiu visitar Ryokan com o degelo da Primavera. Ao vê-la, Ryokan exclamou:

Em todo o céu e na terra,
Nada existe
Mais precioso
Do que a tua visita
No primeiro dia da Primavera.

Por causa do seu hábito negro e da tez queimada pelo sol, Ryokan recebeu de Teishin e dos amigos a alcunha de **"Corvo"**. (No Extremo Oriente, o corvo é símbolo de amor eterno.) Muito satisfeito, Ryokan compôs este verso:

Livre como um pássaro
Para ir onde quiser,
A partir de amanhã
Tomarei o nome "Corvo"
Que os meus amigos me deram.

Teishin acrescentou de imediato:

Quando um corvo da montanha
Voa para casa,

Lema de Ryokan:
"Respeita os mais velhos e sê atencioso com os mais novos."
(Colecção Kimura, Japão)

Este lema foi caligrafado no último ano de vida de Ryokan.

Não deveria ele levar consigo
A sua
Pequena querida
De asas suaves?

Ryokan respondeu com um sorriso:

Gostaria de te levar
Para onde quer que vá,
Mas não suspeitarão as pessoas
Que somos pombinhos?

Durante o resto da vida de Ryokan estiveram juntos com frequência, compondo poemas, discutindo literatura e religião, e caminhando pelas aldeias e campos vizinhos.

Recitando poemas antigos,
Criando os nossos próprios versos,
Jogando *temari*
Juntos nos campos —
Duas pessoas, um só coração.

A brisa é fresca,
A lua tão luminosa —
Juntos,
Dancemos até ao amanhecer
Como despedida da minha velhice.

No Inverno de 1830, a saúde de Ryokan entrou em colapso total. Atingido por uma diarreia terrível, Ryokan recorreu à poesia para se queixar:

É uma condição
Fácil de comentar,
Mas estas diarreias
Estão a matar-me!

O seu declínio físico foi rápido e, quando Teishin acorreu ao seu leito de morte, Ryokan declarou-lhe o seu amor:

"Quando, quando?" suspirei.
Aquela por quem ansiava
Finalmente chegou;

Agora que ela está comigo,
Nada mais me falta.

Ela respondeu:

Diz-se que nós, monásticos,
Ultrapassamos o domínio
Da vida e da morte —
Mas não consigo suportar
A dor da nossa separação.

Ryokan respondeu serenamente:

Onde quer que olhes,
As folhas carmesim
Dispersam-se —
Uma a uma,
À frente e atrás.

Ryokan faleceu nas primeiras horas da manhã de 6 de Janeiro de 1831. O seu funeral, oficiado em conjunto por sacerdotes de todas as principais denominações budistas, contou com a presença de todos os habitantes da aldeia e das redondezas.

O que permanecerá como legado meu?
As flores da Primavera,
O cuco no Verão,
E as folhas carmesim
Do Outono.